

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E
GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO**

**O MEIO RURAL DA QUARTA COLÔNIA DE
IMIGRAÇÃO ITALIANA COMO TEMA
E CENÁRIO TURÍSTICO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Oni Nardi

Santa Maria, RS, Brasil

2007

O MEIO RURAL DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA COMO TEMA E CENÁRIO TURÍSTICO

por

Oni Nardi

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Área de Concentração em
Meio ambiente e sociedade, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS) como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Geografia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Maria Favila Miorin

Santa Maria, RS, Brasil

2007

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Departamento de Geociências
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências
Curso de mestrado em Geografia**

A comissão examinadora, abaixo assinada
aprova a Dissertação de Mestrado:

**O MEIO RURAL DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA
COMO TEMA E CENÁRIO TURÍSTICO.**

elaborada por
Oni Nardi

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Geografia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Vera Maria Favila Miorin - PPGGEO/CCNE/UFSM
(Presidente/Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Gilda Maria Cabral Benaduce - PPGGEO/CCNE /UFSM
(Membro)

Prof. Dr. Miguel Ângelo Ribeiro - PPGGEO/CTC/UERJ
(Membro)

Santa Maria, 27 de Dezembro de 2007

AGRADECIMENTOS

Os nomes, os quais destaco em agradecimentos, referem-se a pessoas do mais alto nível e consideração profissional. Tratam-se de pessoas predispostas a colaborar com o avanço da ciência ao entenderem o que é uma pesquisa acadêmica.

No entanto, como em pesquisa há sempre surpresas desagradáveis, também há aqueles, por outro lado, que nos fazem valorizar ainda mais as pessoas que, de maneira cortês, educada, polida, gentil e dedicada, efetivamente contribuem para que a pesquisa chegue a bom termo.

Nesta investigação, cada uma destas pessoas que encontrei pelo caminho representa um “tijolinho” que compõe a edificação desta pesquisa. Por isso faço absoluta questão, de agradecer nominalmente a elas e às instituições a que pertencem. Meu eterno agradecimento!

A Deus, acima de tudo, porque toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, do Pai das luzes.

À Universidade Federal de Santa Maria, que através de suas credenciais de instituição de ensino pública, gratuita e de qualidade, possibilitou a concretização de um grande sonho, o de possuir formação superior e, agora também, pós-superior.

A Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo financiamento ao aperfeiçoamento da mão-de-obra qualificada deste País.

À professora Dr^a. Vera Maria Favila Miorin, que, pelo estímulo à pesquisa e orientação profícua, constituiu-se num “porto seguro” para a minha formação acadêmica.

À Secretária de Turismo, Indústria e Comércio do Município de Faxinal do Soturno, Cláudia Tessele.

Ao Secretário municipal de Cultura, Turismo e Desportos do Município de Silveira Martins, Cesare Barichello.

À Secretária de Turismo e Cultura do Município Pinhal Grande Neuta Garlet Darold, pelas preciosas informações e materiais disponibilizados.

A Felisberto Barros, proprietário da Chácara de Lazer Santa Eulália no Município de Silveira Martins.

A Lucas Somavilla, proprietário do Sítio Somavilla no Município de Pinhal Grande.

A Paulo Stefanello, empreendedor do Roteiro Paga-Peão de Pinhal Grande.

Ao casal Ivori e Elisabeth Oliveira, proprietários da Quinta Dom Inácio do Município de Silveira Martins.

À geógrafa, Ediane Girardi Viera, pela orientação nos deslocamentos quando da pesquisa de campo nos municípios de Silveira Martins e Ivorá.

À guia e condutora de turismo, Tânia Rorato, do Distrito de Vale Vêneto pelas informações prestadas.

A José Marcuzzo, sócio proprietário do Hotel Pousada Vêneta do Distrito de Vale Vêneto.

A Luis Carlos Bessler, proprietário, e Genilson Bevilaqua, funcionário da Pousada Recanto, no Distrito do Recanto Maestro, Município de São João do Polêsine.

À prefeita de São João do Polêsine, Valserina Maria Bulegon Gassen, pelas informações prestadas e disposição em ajudar, emprestando materiais relacionados ao turismo regional, na Quarta Colônia de Imigração Italiana.

À proprietária da agência de Turismo Viaggiotur, do Município de Faxinal do Soturno, Silvia Osmari, pelas importantes informações prestadas.

Ao secretário executivo do CONDESUS/Quarta Colônia, José Itaquí, a quem os moradores da Quarta Colônia muito devem, pelo seu empenho, competência, visão de futuro e que há quase 20 anos, vem desenvolvendo um trabalho fantástico, graças a sua competência. A sementinha do turismo, por ele lançada, foi germinando, crescendo e hoje traz benefícios para toda a Região.

À Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Eventos de Dona Francisca, Rosa Cristina Kittel, pelas preciosas informações.

Às secretárias da Prefeitura Municipal de Dona Francisca, Fernanda e Roselene Segabinazzi, pelas informações precisas e material turístico disponibilizado.

À Coordenadora de Comunicação Social da Prefeitura do Município de Nova Palma, Ariane Vargas, pelos materiais e informação turística.

Ao Pe. Luis Sponchiado, Chefe do Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) de Nova Palma, pelas informações minuciosas sobre a História da Colonização da Quarta Colônia.

À condutora de trilhas ecológicas e zeladora da casa João Luis Pozzobon, Anadete Buriol Dotto, pelas informações prestadas.

Ao tio Cláudio Anjos Casassola, orgulho para a família e para a Quarta Colônia, que um dia me aconselhou: “Oni, estude e terá vida longa”.

A meus pais Anatólio Nardi e Onirma Pauletto Nardi, que, mesmo tendo de se privar da presença de seu único filho, nunca mediram esforços para proporcionar-lhe condições necessárias à sua formação para que ele pudesse dar o grande salto qualitativo: da enxada à universidade.

*Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa compor muitos rocks rurais
E tenha somente a certeza
Dos amigos do peito e nada mais*

*Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa ficar do tamanho da paz
E tenha somente a certeza
Dos limites do corpo e nada mais*

*Eu quero carneiros e cabras pastando
Solenes no meu jardim
Eu quero o silêncio das línguas cansadas*

*Eu quero a esperança de óculos
E um filho de cuca legal
Eu quero plantar e colher com a mão,
A pimenta e o sal*

*Eu quero uma casa no campo
Do tamanho ideal, pau a pique e sapê
Onde eu possa plantar meus amigos
Meus discos e livros e nada mais*

(Casa no campo - Zé Rodrix/Tavito)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências
Universidade Federal de Santa Maria

O MEIO RURAL DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA COMO TEMA E CENÁRIO TURÍSTICO.

AUTOR: ONI NARDI

ORIENTADORA: VERA MARIA FAVILA MIORIN

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 27 de dezembro de 2007.

A presente dissertação é fruto da pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências da UFSM, a qual teve por objetivo geral a análise dos cenários de Turismo no Meio Rural na Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul (RQCII). A antiga região da Quarta Colônia situada no centro geográfico do Rio Grande do Sul entre as coordenadas de 29° 09' 15" a 29° 58' 37" de latitude sul e 53° 47' 18" a 53° 59' 13" de longitude oeste, se constituiu no quarto e último núcleo colonial criado pelo governo imperial para assentar imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. A colonização iniciou em 1877 por meio do assentamento de levas imigratórias norte-italianas da região Vêneta que deram origem a sete pequenos municípios rurais: Silveira Martins, Nova Palma, Ivorá, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, São João do Polêsine e Pinhal Grande. A funcionalidade socioeconômica da região é determinada pelas atividades agrícolas familiares, mantidas por um contingente populacional de 29.779 habitantes que ainda mantêm os laços coloniais que lhes deram origem e residem predominantemente no meio rural. Graças à herança colonial e ao baixo desenvolvimento auferido, a Região se caracteriza por conservar grande riqueza histórico-cultural e paisagística determinada pela territorialidade construída através do modo de vida dos primeiros imigrantes, identificados por hábitos (danças, ritos, gastronomia, vestuário, dialetos lingüísticos, religiosidade, artesanato etc), entendidos como "a memória viva dos antepassados." Hoje, estas peculiaridades suscitam interesses em pessoas que buscam na cultura identitária local o refúgio aos padrões estandardizados apregoados pela globalização cultural. Frente às potencialidades presentes no seu território e à crise que tem permeado o setor agrícola, principalmente na década de 90, a Região tem empreendido esforços sistemáticos de resgate e valorização de sua identidade étnico-cultural e socioeconômica. A singularidade regional passou a ser vista como "diferente" e, conseqüentemente, despertou como cenário de turismo, o qual tem sido o principal fator de reorientação recente do meio rural. O estudo emprega a metodologia sistêmica permitindo caracterização, classificação e análise de seus cenários para o turismo no meio rural desta região agrícola. Os principais resultados alcançados pela investigação indicam que o meio rural está sendo visto como lugar que combina qualidade de vida e lazer com a forte cultura identitária, onde a colonização produziu peculiaridades intrínsecas. Na atualidade, esta Região Colonial se apresenta aos olhos das pessoas como autêntica, identitária e diferente, perante o ideário cultural estandardizado e determinado pela globalização, que acaba gerando curiosidade e atraindo turistas, contribuindo para a reprodução socioeconômica, frente à crise contemporânea e (re)valorizando o território rural.

Palavras-chave: Meio Rural; Turismo; Quarta Colônia; Imigrantes Italianos; Herança Cultural, Cenários.

ABSTRACT

Masters Dissertation
Post-Graduate Program in Geography and Geosciences
Federal University of Santa Maria

THE RURAL ENVIRONMENT OF THE FOURTH COLONY OF ITALIAN IMIGRATION AS TOURISTIC THEME AND SCENARY.

AUTHOR: ONI NARDI

ORIENTATOR: VERA MARIA FAVILA MIORIN

Date and Place of Defense: Santa Maria, december 27th, 2007.

The present dissertation is a result of a research accomplished along with the Post-Graduate Program in Geography and Geosciences of UFSM, which had as general goal the analysis of touristic scenaries throughout the rural environment in the Fourth Colony of Italian Imigration Region of Rio Grande do Sul (RQCII). The Fourth Colony Region situated in the geographical center of Rio Grande do Sul between the coordinates 29° 09' 15" to 29° 58' 37" of south latitude and 53° 47' 18" to 53° 59' 13" of west longitude, has constituted itself as the fourth and last colonial core created by the imperial government to settle italian imigrants within Rio Grande do Sul. The colonization began in 1877 by settling north-italian migrational waves from the Venetian region, which originated seven small rural municipalities: Silveira Martins, Nova Palma, Ivorá, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, São João do Polêsine and Pinhal Grande. The socioeconomical functionality of the region is determined by familial agricultural activities, sustained by a populacional contingent of 29.779 inhabitants who still maintain colonial bonds that originated them, and live predominantly in rural environments. Thanks to colonial heritage and low development gained, the region is characterized by its conservancy of great historical- cultural and landscape riches, determined by territoriality built through the lifestyles of the first imigrants, identified by habits (dances, rites, foods, clothes, linguistic dialects, religion, crafts etc), understood as "living memory of forefathers." Today these peculiarities generate interest in people who search within local identity culture a refuge from standarized patterns brought on by cultural globalization. Facing the potentials present within its territory and the crisis that has permeated the agricultural sector, specially in the 1990's, the Region has emprehended sistematic efforts towards a rescue and valuation of its ethnic-cultural and socioeconomical identity. The regional singularity has come to be seen as "different" and, consequently, awaken as touristic scenarie, what has been the main factor of recent reorientation of the rural environment. The study uses the sistemic methodology allowing characterization, classification and analysis of its scenaries to tourism of rural environment of agricultural regions. The main results achieved by the investigation indicate the rural environment is being seen as a place that combines quality of life and leisure with the strong identity culture, where colonization has produced intrinsic peculiarities. Currently, this Colonial Region presents itself as authentic, identity and diferent, before the standarized and globally determined cultural ideals, what generates curiosity and atracts tourists, contributing to socioeconomical reproduction, in face of the contemporary crisis and (re)valoring the rural territory.

Keywords: Rural Environment; Tourism; Fourth Colony; Italian Imigrants; Cultural Heritage, Scenaries.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Quadro síntese sobre a configuração socioeconômica dos municípios que compõem a RQCII.....	21
FIGURA 2 - Localização dos municípios componentes da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS, RQCII	23
FIGURA 3 - Planta da Colônia de Silveira Martins, Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS	39
FIGURA 4 - Formação de novos núcleos derivados da Colônia de Silveira Martins....	45
FIGURA 5 - Principais modalidades de turismo no meio rural praticadas na RQCII ...	56
FIGURA 6 - Quadro sobre o perfil geral do agroturismo no Brasil.....	72
FIGURA 7 - Esquema estrutural das etapas do procedimento metodológico adotado na investigação	75
FIGURA 8 - Sistema Promotor do Turismo (SPT)	78
FIGURA 9 - Distribuição dos cenários turísticos por modalidade e município.....	84
FIGURA 10 - Cenas da Trilha do Pororó no Sitio Somavilla.....	87
FIGURA 11 - Placa rodoviária de orientação para o acesso aos cenários turísticos e placa de identificação do cenário turístico respectivamente	90
FIGURA 12 - Folder de divulgação das Trilhas de Vale Vêneto.....	92
FIGURA 13 - Turistas percorrendo as Trilhas de Vale Vêneto	94
FIGURA 14 - Cenas da Pousada Recanto	96
FIGURA 15 - Cenas do roteiro de turismo ecológico-náutico Paga-Peão.....	97
FIGURA 16 - Reportagem alusiva à primeira turma de turistas do Programa de Caminhadas Ecológicas de Silveira Martins	102
FIGURA 17 - Vista da máquina a vapor e da roda d'água presentes no Parque Histórico Municipal Obaldino BenjamimTessele	104
FIGURA 18 - Vista do Museu do Imigrante Italiano Pe. João Iop de Vale Vêneto	106
FIGURA 19 - Reportagens alusivas ao XXI Festival Internacional de Inverno e XXI Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto.....	108

FIGURA 20 - Folder alusivo ao XXI Festival Internacional de Inverno e XXI Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto	109
FIGURA 21 - Alegorias representando os afazeres rurais dos imigrantes. Cenas do desfile típico na abertura do XXI Festival Internacional de Inverno e XXI Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto	111
FIGURA 22 - Simulação de uma família típica de Imigrantes Italianos munida com suas ferramentas de trabalho agrícola.....	112
FIGURA 23 - Alegoria representada por uma carreta puxada por junta de bois, típica do modelo utilizado pelos colonos na região.....	113
FIGURA 24 - Imagens da fachada e do interior do Hotel Pousada Vêneto.....	114
FIGURA 25 - Quadro do filó retratando a prática cultural do filó realizado na estrebaria de uma casa na Itália rural do Séc. XIX	117
FIGURA 26 - Cenas dos filós da amizade e da paz promovidos pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Silveira Martins	119
FIGURA 27 - Folder de divulgação da Rota Gastronômica	123
FIGURA 28 - Cenas da confecção e comercialização do artesanato na Quarta Colônia	125
FIGURA 29 - Aspectos da produção artesanal em Pinhal Grande.....	126
FIGURA 30 - Cenas da Ermida de São Pio de Pietrelcina e da Casa do Peregrino Padre Pio.....	130
FIGURA 31 - Vista da igreja de São Pedro de Ribeirão	135
FIGURA 32 - Vista da casa do Diácono João Luis Pozzobon.....	135
FIGURA 33 - Vista do Monte Grappa pela vertente oeste e da Gruta de Nossa Senhora da Guarda no cimo.....	137
FIGURA 34 - Trilha de acesso ao Monte Grappa com capitel da estação da Via Sacra	138
FIGURA 35 - Vista da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes no Sítio Alto em Faxinal do Soturno	139
FIGURA 36 - Vista da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes em Nova Palma.....	140
FIGURA 37 - Vista da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes em Vale Vêneto	142
FIGURA 38 - Folder alusivo ao I Festival da Uva e das Águas de Val de Buia e Val Feltrina.....	144

FIGURA 39 - Cenas da Chácara Santa Eulália	146
FIGURA 40 - Cenas da Quinta Dom Inácio.....	147

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Produção agrícola da colônia de Silveira Martins em 1884 em comparação com as demais colônias italianas do nordeste do estado do RS.....	48
TABELA 2 - Distribuição da demanda turística da Quinta Dom Inácio por faixa etária	150
TABELA 3 - Profissões desempenhadas pelos turistas entrevistados	150
TABELA 4 - Faixa salarial dos turistas.....	151
TABELA 5 - Tempo de permanência dos turistas na Quinta Dom Inácio.....	152
TABELA 6 - Comportamento dos gastos turísticos na Quinta Dom Inácio	152
TABELA 7 - Principais motivações para o afluxo a Quinta Dom Inácio	154
TABELA 8 - Forma de conhecimento da Quinta Dom Inácio.....	154
TABELA 9 - Sugestões para a melhora da fruição ao cenário da Quinta Dom Inácio	155
TABELA 10 - Justificativas para o desenvolvimento turístico da RQCII	156

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRATUR: Associação Brasileira de Turismo Rural.

APL: Arranjo produtivo Local.

CONDESUS: Consórcio de Desenvolvimento Sustentável.

CNA: Confederação Nacional da Agricultura.

EMATER: Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural.

EMBRATUR: Instituto Brasileiro do Turismo.

FARSUL: Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

FEE: Fundação de Economia e Estatística.

FEPAM: Fundação Estadual de Proteção Ambiental.

HA: Hectare.

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

IRGA: Instituto Rio-grandense do Arroz.

LEADER: Ligação entre Atividades de Desenvolvimento da Economia Rural.

MDA: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

MINTUR: Ministério do Turismo.

RQCII: Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

SEBRAE: Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SENAR: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

SESCOOP: Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo.

SPT: Sistema Promotor do Turismo.

TER: Turismo em Espaço Rural.

TGS: Teoria Geral dos Sistemas.

TMR: Turismo no Meio Rural.

UFSM: Universidade Federal de Santa Maria.

UNIFRA: Universidade Franciscana.

WWF: World Wildlife Fund – Fundo Mundial para a vida Selvagem.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Roteiro para entrevista - Secretarias Municipais de Turismo	174
ANEXO B - Roteiro para entrevista - CONDESUS	175
ANEXO C - Roteiro de entrevista - Artesanato colonial	176
ANEXO D - Roteiro para entrevista - Infra-Estrutura - Pousadas	177
ANEXO E - Roteiro para entrevista - Empreendedores de Agroturismo	178
ANEXO F - Roteiro para entrevista - Condutores de Trilha Ecológica.....	179
ANEXO G - Roteiro de entrevista - Agência de turismo	180
ANEXO H - Roteiro para entrevista - Cenários Religiosos	181
ANEXO I - Formulário para avaliação da demanda turística	182
ANEXO J - Elementos da biodiversidade fauno-florística presente no cenário natural da Trilha do Pororó	187

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Silveira Martins	24
Nova Palma	25
Ivorá	25
Faxinal do Soturno	26
Dona Francisca	27
São João do Polêsine	28
Pinhal Grande	28
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICO-ECONÔMICA ÍTALO-BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E A DESTERRITORIALIDADE ALÉM-MAR	31
1.1- A construção de uma territorialidade	41
CAPÍTULO 2 - TURISMO NO MEIO RURAL (TMR)	51
2.1 -Turismo Ecológico	56
2.2 -Turismo Cultural	61
2.3 - Agroturismo	68
CAPÍTULO 3 - DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS CENÁRIOS TURÍSTICOS DO MEIO RURAL DA RQCII	74
3.1 - Estrutura e procedimentos metodológicos	74
3.2 - Aplicação do sistema Promotor do Turismo no meio rural da RQCII	83
3.2.1 - Cenários naturais promotores do Turismo no Meio Rural.....	84
3.2.1.1- Trilha do Pororó	86
3.2.1.2 - Trilhas de Vale Vêneto.....	91
3.2.1.3 - Roteiro Paga-Peão	96
3.2.1.4 - Programa de Caminhadas Ecológicas de Silveira Martins.....	101
3.2.2 - Cenários Cultural-históricos promotores do Turismo no Meio Rural	103
3.2.2.1- Parque Histórico Obaldino Benjamim Tessele	103
3.2.2.2 - Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop	105
3.2.2.3 - Festival Internacional de Inverno e Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto	107

3.2.2.4 - Filó Cultural Italiano da Amizade e da Paz.....	115
3.2.2.5 - Gastronomia típica italiana.....	120
3.2.2.6 - Artesanato colonial.....	124
3.2.2.7 - Religiosidade e Turismo Religioso	127
3.2.2.7.1 - Ermida de São Pio de Pietrelcina	129
3.2.2.7.2 - Pólo turístico-religioso Diácono João Luis Pozzobon	134
3.2.2.7.3 - Monte Grappa.....	136
3.2.2.7.4 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes do Sitio Alto em Faxinal do Soturno	138
3.2.2.7.5 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes de Nova Palma.....	140
3.2.2.7.6 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes de Vale Vêneto	141
3.2.3 - O modo de produção como cenário promotor do Turismo no Meio Rural.....	142
3.2.3.1 - Festival da Uva e das Águas	143
3.2.3.2 - Chácara Santa Eulália.....	145
3.2.3.3 - Quinta Dom Inácio	146
CONCLUSÕES	157
REFERÊNCIAS	166
ANEXOS	173

INTRODUÇÃO

O presente trabalho assume, em seu estudo, que as transformações em curso no meio rural se determinam pelo direcionamento da conjuntura política macroeconômica nacional e internacional. Estas têm provocado, entre outros processos, a inserção de novas explorações no espaço rural brasileiro promovendo a revalorização rural, mediante o resgate do patrimônio cultural e natural dos territórios rurais e de sua transformação em bem de consumo, principalmente, de sua cultura remanescente e de suas tradições coloniais, por meio de processos sistemáticos exploradores dos valores culturais e históricos destes territórios como se fossem mercadorias capazes de gerar renda não-agrícola.

Esta temática, como a revalorização do rural, vem ao encontro dos interesses da Geografia, pois neste momento há uma retomada da Geografia Cultural, nascida na Escola franco-germânica, voltando-se para dentro de si e realizando sua releitura ao reafirmar o holísmo no campo dos estudos regionais, entre alguns de seus clássicos, como Albert Demangeon, Lucien Febvre, Ellsworth Huntington, Friedrich Ratzel, Jean Brunhes e Paul Vidal de La Blache. Destaca-se este último por ser considerado um dos maiores expoentes da Geografia Cultural e cujo pensamento recorre-se na concepção e determinação deste estudo. La Blache (1845-1918), relegava a um segundo plano as preocupações teóricas globalizadoras e se detinha nos estudos regionais, limitando-se a pequenas áreas e às regiões. Ele escreveu:

(...) o homem fez um meio para seu uso. Caçador, pescador, agricultor – ele é tudo isso graças a uma combinação de instrumentos que são sua obra pessoal, sua conquista, aquilo que juntou por sua iniciativa à criação (LA BLACHE, 1921, fol. 1 do manuscrito).¹

La Blache admitia que a região ou o meio físico é o suporte que o homem utiliza para viver, para fazer suas construções, para extrair os produtos de que necessita, nascendo assim, a noção de gênero de vida, “genre de vie”, que vem a significar o conjunto articulado de atividades cristalizadas pela influência do costume, expressando as formas de adaptação, ou seja, a resposta dos grupos humanos aos desafios do meio geográfico. Seria como perguntar a alguém qual é a sua atividade obreira ou qual é o seu modo de vida?

¹ A obra *Princípios de Geografia Humana* foi publicada a partir dos manuscritos de La Blache, por Emmanuel De Martonne, em 1921, pós-morte, em Paris. No prefácio da obra são reproduzidos os manuscritos do autor, inclusive mantendo a paginação original, sendo traduzida por Fernandes Martins e publicada em Portugal por Edições Cosmos.

Transpondo estas idéias, é possível reconhecer que foram impressos na paisagem física regional códigos socioculturais singulares e específicos através do processo de colonização iniciado no último quartel do século XIX. A colonização da Região² da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul (RQCII)³ foi resultado de um projeto econômico-político que preconizava o assentamento de homens capazes de promover a agricultura em terras públicas, até então devolutas e cobertas por mata virgem na encosta da Serra de São Martinho, atendendo aos preceitos de dinamização econômica regional e segurança do território. Os colonos Italianos, ao estabelecerem contato com a natureza física, a adaptaram de forma a atender aos seus anseios valendo-se de instrumentos e técnicas trazidas na bagagem cultural e adquirida em sua vivência na pátria de origem, tida na ideologia dos imigrantes como o “velho mundo”.

Por meio da reterritorialização das levas imigratórias Norte-Italianas Vênetas compostas, predominantemente, por pequenos camponeses reproduziu-se nas encostas e vales da Serra de São Martinho uma ruralidade com forte conteúdo sociocultural da Europa rural do século XIX. O novo território⁴ formava um recorte diferenciado do seu entorno, o espaço estava sendo dominado homogeneamente e nele se imprimia uma paisagem cultural marcada por modos de vida e códigos espaciais intrínsecos à etnia Italiana, em sua jornada pelo “novo mundo” no afã de *fazer a América*.

Graças à herança colonial e a uma dinâmica de reprodução pouco acelerada, manteve-se baixo o nível de crescimento na região preservando sua riqueza histórico-cultural e paisagística determinada pela territorialidade construída através do modo de vida dos primeiros imigrantes, que ainda hoje se identifica pelas danças, ritos, gastronomia, vestuário, falares, jogos típicos, filós, cantorias, festas religiosas e outros. A presença de um farto patrimônio cultural tangível (arquitetura colonial, construções sacras, artesanato etc) que, de certa forma, se manifesta como sendo “a memória viva dos antepassados”, suscita interesses em pessoas que buscam, na cultura identitária local, o refúgio aos padrões homogeneizantes apregoados pela globalização mundial.

² Termo genérico que compreende um espaço diferenciado em relação à circunvizinhança por conter elementos comuns entre si. No caso em estudo, refere-se à área onde foram assentados os imigrantes Italianos.

³ A Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana será tratada em capítulo específico, dada a sua relevância neste estudo.

⁴ Refere-se ao espaço geográfico ocupado por um povo com sua cultura. A configuração do território é moldada pela identidade cultural do povo que o habita. É a materialização da cultura sobre o espaço físico.

Por meio da identidade cultural resgatada, a RQCII passou a se constituir “no diferente” e provocou interesse em ser visitada. Isto foi possível a partir da década de 1990, graças aos esforços sistemáticos de resgate e valorização do legado histórico-cultural regional. A valorização do território inseriu novas formas de exploração não mais *do* espaço, mas também *no* espaço, permitindo a realização do Turismo no Meio Rural, o qual propiciou a ocorrência da supremacia sócio-cultural, pois, uma cultura valorizada reforça a auto-estima de sua população local, ou seja, o sentimento de pertencimento de um determinado grupo cultural.

Percorrer os diferentes ambientes do meio rural da RQCII é como fazer uma viagem no tempo, retrocedendo ao século XIX. Com seu cosmopolitismo é possível se reportar a diferentes lugares da Itália em tempos remotos, apreciando as cores, os sabores, os sons do campo tendo como cenário uma paisagem viva emoldurada com a força e prosperidade daquela brava *gens itálica* que em meio a estas encostas se reterritorializou.

A natureza, por sua vez, também foi generosa. Situada entre vales e montanhas do sistema orográfico da Serra de São Martinho, a Região se destaca pelas suas belezas naturais, proporcionadas pela diversidade topográfica resultante do fato de seu sítio estar sobre três diferentes compartimentos geomorfológicos: o Planalto meridional Brasileiro, o rebordo deste Planalto, conhecido regionalmente como “Serra de São Martinho” e a Depressão Central Sul-rio-grandense formando um cenário natural de grandes contrastes geofísicos⁵.

A título de exemplificação podemos citar as montanhas cobertas por vegetação nativa preservada, o sistema aquático lótico⁶, formado por riachos, lajeados⁷ encachoeirados, rios caudalosos, e lântico⁸, formado por alagues de usinas hidrelétricas, balneários, barragens etc. Trilhas abertas e usadas como caminhos pelos próprios imigrantes, em meio a frondosas árvores centenárias, denunciam as últimas penetrações da Mata Atlântica⁹ no sul Brasileiro. Ambientes cavernícolas¹⁰ dotados de inscrições rupestres comprovam habitações humanas em

⁵ Refere-se à contraposição entre áreas com formas de relevo de alta energia (montanhas, planalto) com áreas de relevo de baixa energia (depressões, planícies etc).

⁶ Refere-se a ambientes aquáticos com águas correntes. Ex. Rios e riachos.

⁷ Refere-se a um pequeno córrego d’água cujo leito está escavado sobre uma superfície rochosa.

⁸ Refere-se a ambientes aquáticos com águas “calmas” ou seja com baixo movimento. Ex. Lagos, açudes, represas etc.

⁹ Refere-se à floresta perenifólia tropical úmida, de encosta, formada por enorme variedade de espécies e dispondo de um dos maiores índices pluviométricos. No século XVI, era extensa cobertura vegetal que se alongava desde o norte do Rio Grande do Sul até o Rio Grande do Norte, acompanhando o litoral, mas penetrando em grandes áreas do interior. É uma das regiões de maior biodiversidade e também uma das mais ameaçadas de extinção.

¹⁰ Refere-se ao ambiente formado por cavernas.

outros tempos. Sítios paleontológicos dotados de coprólitos de animais jurássicos fossilizados, bem como a presença de farta biodiversidade florística e faunística, cientificamente comprovada por estudos específicos, também compõem esta paisagem.

Em suma, este espaço, que proporciona maior contato com a natureza e que possui traços culturais singulares e bem conservados exerce atração sobre as pessoas despertando atividades turísticas, desencadeando demandas de visitantes ao seu meio rural a ponto de se constituir em atrativo capaz de promover atividades econômicas eficientes no sentido da revitalização de muitas áreas rurais, principalmente daquelas economicamente estagnadas.

Neste contexto, o estudo se dispôs, como objetivo geral analisar as formas que se manifestam a partir do meio rural e que são concebidas como tema e cenário turístico da RQCII, (Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana) através da caracterização, classificação e análise de seus atrativos para o turismo no meio rural de regiões agrícolas. Especificamente foram determinados como objetivos:

- Explicar os principais processos e os estágios de ocupação do espaço na RQCII e as relações de produção estabelecidas determinando a expressão da identidade cultural única a este recorte espacial.
- Diagnosticar os principais traços culturais da tradição rural dos imigrantes colonizadores e seus descendentes.
- Conceituar o turismo no meio rural visando sua definição e aplicação na RQCII.
- Descrever as principais formas e cenários do meio rural que se determinam como históricos servindo como tema turístico promotor do desenvolvimento local.
- Identificar as instituições promotoras do turismo, suas políticas de atuação bem como a infra-estrutura disponível na RQCII.

Igualmente, o estudo trata de alguns problemas referentes aos conflitos socioculturais resultantes do aproveitamento e da valorização econômica do meio rural como mercadoria, na formação de renda e como promotor de mudanças em sua organização original para atender às possibilidades de construir novas atividades frente às crises que desregulam as relações do meio rural agrícola, na contemporaneidade.

Para atender aos objetivos definidos nesta investigação optou-se por uma abordagem multidimensional sobre a problemática proposta, considerando a existência de um sistema aberto sujeito a influência do meio social, natural, cultural e econômico, bem como de influências alóctones e de ações políticas. Desta forma, a visão sistêmica aliada a observação participante aparelhada com instrumentos de análise procuraram alcançar os objetivos ao permitir a visualização das peculiaridades do todo e de suas partes.

Com as transformações recentes ocorridas no meio rural, cuja emergência para Silva (1999), teve início na década de 1980 e foi reflexo da crise econômica que se abateu sobre o meio rural brasileiro, houve a necessidade, dos agricultores e também do poder público, de traçar novas estratégias no intuito de compensar a redução de renda auferida com atividades agrícolas tradicionais.

Nesse sentido, foram inseridas no meio rural várias atividades não ligadas diretamente ao setor agrícola, mas vinculadas à exploração de bens intangíveis que sempre estiveram presentes no meio rural em abundância, mas até então, não eram reconhecidos como uma possibilidade de auferir ganhos. Entre estes bens inclui-se o ar puro, a beleza cênica, as tradições culturais preservadas etc, que frente às mudanças ocorridas no meio rural, bem como no ambiente sociocultural mundial, têm motivado o resgate dos bens e de seu aproveitamento através do turismo no meio rural, o qual tem permitido melhorar as condições de reprodução dos grupos socioculturais e a valorização de seus territórios.

Prosseguindo nos estudos propostos e anexando os problemas que se manifestaram nas últimas décadas envolvendo o rural como um todo e não apenas a sua produção e sobrevivência familiar, o estudo iniciou a partir de duas questões: a primeira, relacionada ao fato do autor ser descendente de imigrantes italianos, residir na área de estudo e ter domínio empírico sobre a configuração sociocultural da Região, o que facilitou sobremaneira a interpretação e a transposição da teoria para a realidade. A segunda questão, está relacionada à “curiosidade” em desvendar a magnitude das mudanças que estão ocorrendo, no “seu” meio rural e em “seu” ambiente socioeconômico e cultural mundial, onde parece haver uma saturação da modernidade que determina a valorização das coisas puras e simples, com identidade própria, num “movimento *retrô*” conforme dizer de Rodrigues (2000a).

Isso se torna profundamente instigante e, sem dúvida, abre muitas portas para novas fontes de geração de trabalho e renda no meio rural, a exemplo do que vem ocorrendo há mais tempo em países desenvolvidos, onde o modo de vida rural está sendo aceito como um valor, principalmente para as sociedades urbanas que, cada vez mais, enxergam e idealizam o meio

rural, as regiões agrícolas e suas cidades-sede como um refúgio para o *stress* gerado pela rotina agitada característica do meio urbano.

A significativa característica da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana é a de ser um território construído a partir de uma mesma ocupação étnico-cultural e socioeconômica, hoje organizado pela associação de pequenos municípios, cuja sede é uma cidade que depende e atende o meio rural.

No seu modo de vida a RQCII pode ser caracterizada como sendo uma porção de área administrativamente composta (segundo critério histórico) em sete pequenos municípios cuja economia se apóia no setor primário, destacando o ramo da agropecuária determinado por atividades diversificadas e desenvolvidas pela força de trabalho familiar. São eles: Silveira Martins (berço da imigração e antiga sede da Colônia fundada na época), Nova Palma, Ivorá, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, São João do Polêsine e Pinhal Grande, cuja síntese da caracterização socioeconômica pode ser visualizada no quadro a seguir (Figura 1).

Município	S.MARTINS	NOVA PALMA	IVORÁ	FX. SOTURNO	D. FRANCISCA	S.J.POLÊSINE	P.GRANDE
Início colonização (ano)	1877	1882	1883	1884	1886	1893	1917
Emancipação (ano)	1987	1960	1988	1959	1965	1992	1992
Território (Km ²)	118,3	313,5	122,9	169,9	114,3	85,6	477,1
População total (hab)	2.332	6.310	2.322	6.940	4.049	2.927	4.899
População rural (hab)	1.215	3.184	1.526	2.307	1.358	1.585	3.007
População urbana (hab)	1.117	3.126	796	4.633	2.691	1.342	1.892
Den.demograf.(hab/km ²)	19,7	20,1	18,9	40,8	35,4	34,2	10,3
Taxa de analfabet. (%)	8,10	5,86	6,30	7,23	11,16	7,17	9,37
Expect. de vida (anos)	73,11	73,16	72,75	71,40	69,00	71,40	73,16
Renda per capita (R\$)	7.943,00	13.262,00	9.058,00	9.218,00	10.676,00	9.070,00	14.107,00
Economia	Agrícola: batata e soja. Videiras. Pecuária: bovinos de corte e de leite.	Agrícola: feijão, fumo, milho, soja. Pecuária: bovinos ovinos e suínos. Indústria:móveis, alimentos e mineração.	Agrícola: milho, feijão e fumo. Pecuária. bovinos de corte e de leite.	Agrícola:arroz, soja, milho, feijão, fumo e frutas. Pecuária: gado de leite e corte.	Agrícola: Arroz, fumo, milho, feijão e agroindústrias. Pecuária. bovinos de corte e de leite.	Agrícola:arroz, milho, soja, feijão e cana-de-açúcar, frutas: banana, uva, laranja, figo e caqui.	Agrícola:soja, milho, feijão, trigo, fumo e videiras. Pecuária: bovinos de corte e leite suínos e aves.

Fontes: FEE (2006), FEPAM (2002), Sponchiado (1996), Prefeitura Municipal de Nova Palma (2005), Belinaso (1983), Santin e Isaia (1990).

Organização: Oni Nardi, 2007.

FIGURA 1 – Quadro síntese sobre a configuração socioeconômica dos municípios que compõem a RQCII.

A Região se situa na área Central do Estado, junto aos vales encaixados das encostas que formam o rebordo do Planalto Meridional Brasileiro (denominado regionalmente de Serra de São Martinho) na área de transição entre o Planalto Meridional Brasileiro e a Depressão Central do Rio Grande do Sul, apresentando altitudes máximas em torno de 500 metros, ao norte, e mínimas de cerca de 40 metros, ao sul. Esta área possui grande amplitude altimétrica apresentando alta energia de relevo e declividade média que varia entre 5,6% e 45,5% da base para os setores mais elevados (PEREIRA *et al*, 1985).

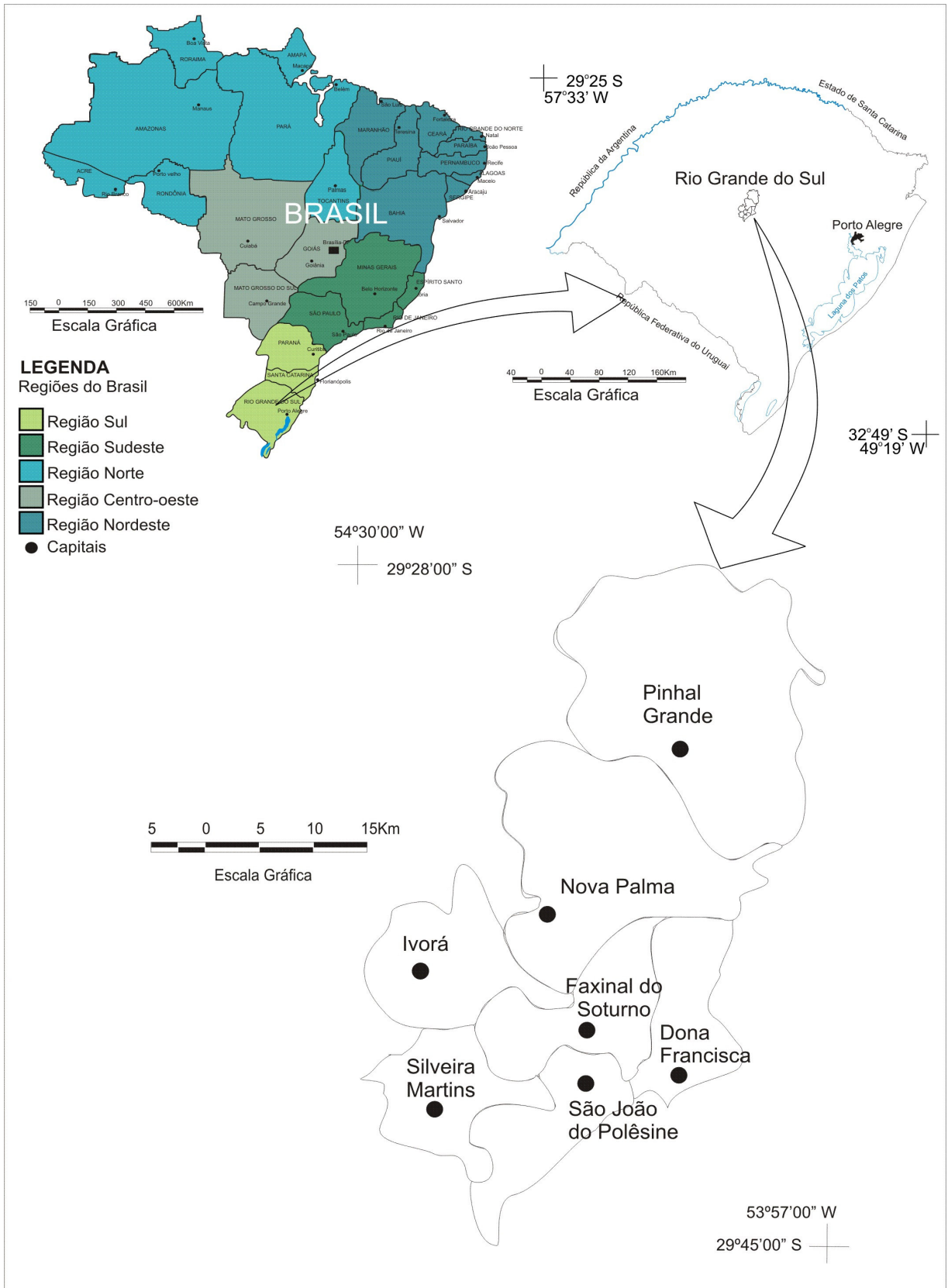
Geomorfologicamente a o quadro natural da RQCII abrange três macro compartimentos de relevo, o topo do Planalto Meridional Brasileiro, o Rebordo deste planalto e a Depressão Central, formando um cenário de suntuosos contrastes geofísicos que possuem grande atratividade turística. O topo do Planalto Meridional Brasileiro, que abrange a área norte e oeste da Região é formado por sucessivos derrames de lavas ocorridos no período mezozóico, tendo presença de basaltos, arenitos intertraps e granófiros. Esta área se caracteriza por possuir um relevo ondulado resultante do trabalho de dissecação fluvial sendo coberta por vegetação rasteira que formam os campos, associadas à presença de capões e matas galerias nas áreas de maior umidade (PEREIRA *et al*, 1985).

A área representada pelo Rebordo do Planalto Meridional Brasileiro, na qual se localiza a maior parte da RQCII, apresenta relevo forte ondulado a montanhoso, profundamente desgastado pela erosão. Esta escarpa é constituída por arenitos da formação Botucatu (eólicos e fluviais) na base, seguindo-se de um derrame de basalto e arenito intercalar da formação Serra Geral, rumo ao topo (SARTORI, 1979). Esta área era coberta no passado pela Floresta Estacional Decidual, hoje floresta secundária e terciária.

A depressão Central do Rio Grande do Sul, também conhecida como Depressão da Periférica da Bacia do Paraná, ocupa a parte sudeste da região e conforma uma área de baixa variação altimétrica (altitudes em torno de 200m) onde predominam amplas e alongadas formas de topos convexos ou planos com encostas que declinam suavemente em direção aos vales, conhecidas regionalmente como coxilhas (BRENA e LONGHI, 2002). Esta área é coberta por vegetação rasteira que formam os campos e por matas ciliares as margens da rede hidrográfica.

O clima da Região, segundo a classificação de Koeppen, é do tipo subtropical úmido com verões quentes, sem estação seca definida apresentando precipitação regular o ano todo com índices pluviométricos anuais que oscilam em torno de 1500 a 1750 milímetros. Os meses menos chuvosos são março, novembro e dezembro (PEREIRA, *et al*, 1985). A RQCII abrange uma superfície territorial de 1401,6 quilômetros quadrados entre as coordenadas geográficas de 29° 09' 15" a 29° 58' 37" de latitude sul e 53° 47' 18" a 53° 59' 13" de longitude oeste em relação ao meridiano de Greenwich (Figura 2).

A Região possui uma população em torno de 29.779 habitantes, de acordo com os dados de 2006, provenientes da Fundação de Economia e Estatística (FEE), vinculada à Secretaria de Planejamento do Estado do Rio Grande do Sul. Esta população mantém os laços coloniais que lhe deram origem e que ainda hoje residem no meio rural.



Fonte: Simielli, 2002.

Montagem: Oni Nardi, 2006.

Figura 2 – Localização dos municípios componentes da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS, RQCII.

Objetivando proporcionar melhor entendimento sobre a formação e a configuração dos municípios que, segundo seus critérios históricos, integram a Região e, na visão deste trabalho, possuem elementos que concorrem para a constituição da base geográfica de suporte às atividades turísticas, faz-se a apresentação de cada um dos municípios que se organizaram, quer por expansão do povoamento étnico-cultural sobre novas áreas e/ou por desmembramento da área de uma única colônia constituída.

Silveira Martins

A sede do município está localizada onde se constituiu o núcleo inicial da colônia. Os imigrantes Italianos estabelecidos no barracão de Val de Buia, situado no sopé da Serra de São Martinho inicialmente, em 1877, empreenderam esforços para estabelecer o caminho primitivo em meio a mata para chegar até o topo do Planalto. Este trabalho foi realizado a base de machado, foice e facão, quando finalmente chegaram ao topo do Planalto Meridional Brasileiro e escolheram o lugar onde foi construída a casa provisória da diretoria e fixada a sede da colônia Silveira Martins (ANCARANI, 1914).

O município alcançou sua emancipação político-administrativa oficialmente em 11/12/1987, por força da Lei Estadual Nº. 848, tendo seu território se desmembrado do município de Santa Maria. Atualmente Silveira Martins¹¹ possui uma população de 2.332 habitantes composta por 1.215 (52,1%) pessoas que residem no meio rural e 1.117 (47,9%) que residem na área urbana, contingente este distribuído em uma área territorial de 118,3 Km² o que representa uma densidade demográfica de 19,7 hab/Km². A taxa de analfabetismo é de 8,10% e a expectativa de vida é uma das mais altas da região com uma média de 73,11 anos (FEE, 2006)

Economicamente pode-se afirmar que se trata de um município, cuja economia está fundamentalmente calcada no setor agrícola, com destaque para o cultivo da batata inglesa e soja em propriedades de dimensão média de 33,11 hectares. Possui 80% de sua população economicamente ativa em atividades agropecuárias e 20% nos setores comercial, industrial e de serviços no extrativismo mineral (FEPAM, 2002). As altitudes do relevo, que atingem até 520 metros, os recortes naturais cobertos por vegetação permanente, tanto rasteira como arbustiva, associados à paisagem de contrastes geomorfológicos, oferecem bom potencial à exploração turística.

¹¹ Recebeu este nome em homenagem ao senador gaúcho, defensor da causa imigratória Gaspar Silveira Martins.

Nova Palma

O município de Nova Palma¹² teve sua colonização iniciada a partir da imigração espontânea para a colônia de Silveira Martins quando, a partir de 1882, se formaram novos núcleos de colonização, entre eles o chamado núcleo Barracão, o qual deu origem ao Município Novapalmense. Os primeiros imigrantes, todos Italianos e agricultores receberam os seus lotes em 1883, estendendo-se até 1888 o ingresso de quantidade expressiva de colonizadores (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PALMA, 2005).

A emancipação político-administrativa foi alcançada em 29 de Julho de 1960 por força da Lei Estadual nº 3.933, tendo sido instalado o Município em 28 de Janeiro de 1961. Possui uma extensão territorial de 313,5 Km² e uma população total de 6.310 habitantes dos quais 3.184 (50,4%) residem no meio rural e 3.126 (49,6%) residem na área urbana apresentando uma densidade demográfica total de 20,1 hab/Km² e renda per capita de R\$ 13.262,00. A taxa de analfabetismo é de 5,86% e a expectativa de vida, uma das mais altas do Estado com 73,16 anos (FEE, 2006).

Nova Palma é um município de grande pujança no contexto socioeconômico da RQCII. Possui economia fortemente pautada na produção primária onde se destaca a produção agrícola de feijão preto, fumo, milho, soja e arroz. A pecuária conta com bovinos, ovinos e suínos, tendo uma expressiva bacia leiteira de aproximadamente 14.000 litros dia. Indústrias moveleiras, de massas alimentícias, extração e beneficiamento do basalto, refrigeração, agroindústrias de cereais, carnes e produtos coloniais, constituem um sólido parque industrial.

A natureza oferece atrativos determinados pela existência de belas cachoeiras e de arroios que descem da “Serra”; formando paisagens cênicas com a sucessão de “cerros” cobertos de mata virgem e visíveis ao longo das estradas.

Ivorá

O desbravamento da área para dar início à colonização ocorreu em 10 de maio de 1883 quando turmas de engenheiros, capitaneados pelo então diretor da Colônia de Silveira Martins, iniciaram a demarcação dos lotes coloniais. Estes seriam de imediato distribuídos às

¹² Recebeu este nome em função da grande quantidade de coqueiros existentes no local, os quais os imigrantes conheciam por palma.

numerosas famílias de imigrantes italianos que desde o ano de 1874 vinham para o estado do Rio Grande do Sul (BELINASO, 1983).

Administrativamente o núcleo colonial desde 1899 foi anexado ao então município de São Martinho, ao qual ficou pertencendo até 1901, quando passou a ser o segundo distrito de Júlio de Castilhos, município ao qual pertenceu até maio de 1988 quando, através da Lei Estadual nº 8.597, obteve sua emancipação político-administrativa.

Atualmente Ivorá¹³ possui uma população de 2.322 habitantes, composta por 1.526 (65,7%) pessoas que residem no meio rural e 796 (34,3%) que residem na área urbana, contingente este distribuído em um uma área territorial de 122,9 Km² o que representa uma densidade demográfica de 18,9 hab/Km². A taxa de analfabetismo é uma das mais baixas da região com 6,30% e a expectativa de vida é uma das mais altas da região com uma média de 72,75 anos (FEE, 2006).

Em termos econômicos Ivorá se comporta como um município essencialmente rural, cuja base da economia esta assentada, majoritariamente, nas atividades agropecuárias determinadas pelos cultivos de milho, feijão e fumo, entre outras culturas, e atividades que constituem sua diversidade pastoril.

Faxinal do Soturno

Faxinal do Soturno¹⁴ teve sua colonização iniciada por volta de 1884 com o assentamento de levas imigratórias providas do núcleo colonial inicial de Silveira Martins, que se fixaram na margem esquerda do Rio Soturno e até 1888, estava político e administrativamente vinculado à Colônia de Silveira Martins. Contudo após esta data desmembrou-se e suas terras passaram a fazer parte dos municípios de Julio de Castilhos e Cachoeira do Sul, constituindo o quinto distrito (SANTIN e ISAIA, 1990).

Atualmente o município possui uma população de 6.940 habitantes composta por 2.307 (33,2%) pessoas que residem no meio rural e 4.633 (66,8%) que residem na área urbana, contingente este distribuído em uma área territorial de 169,9 Km² o que representa uma densidade demográfica de 40,8 hab/Km². A taxa de analfabetismo é uma das mais baixas da região com 7,23% e a expectativa de vida é de 71,40 anos (FEE, 2006).

¹³ Este nome é de origem indígena Tupi-Guarani e significa “rio da praia formosa”. Foi sugerido em 1939, pelo Instituto Geográfico e Histórico do Rio Grande do Sul, pois até então o local chamava-se Nova Údine.

¹⁴ Nome atribuído em função da existência do Rio Soturno e de grandes áreas de vegetação rasteira em meio às matas, denominadas de faxinais. Por conjugação dos nomes formou-se Faxinal do Soturno.

A sua economia está profundamente calcada no setor primário, representado pela agropecuária, desenvolvida em propriedades com dimensão média de 20 hectares onde são realizados cultivos de arroz irrigado, soja, milho, feijão, fumo, fruticultura, e criação de gado de leite e corte. Por apresentar uma localização privilegiada, Faxinal do Soturno destaca-se no contexto dos demais municípios da Quarta Colônia pela sua pujança, sendo até mesmo considerado a capital da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

O meio rural do território Faxinalense abrange compartimentos geomorfológicos pertencentes ao Rebordo do Planalto Meridional Brasileiro, Depressão Central e Vales do Jacuí e do rio Soturno, proporcionando um relevo bastante diversificado composto por montes, vales, rios e grutas que formam um ambiente natural de grande valia turística, sobressaindo-se os aspectos naturais e a religiosidade como principais atrações.

Dona Francisca

A colonização do município foi particular, pois de uma maneira geral, na Colônia de Silveira Martins as grandes posses foram respeitadas quando da demarcação dos lotes, sendo elas incorporadas à Colônia somente após a retirada da administração Estatal em 1882, por meio de compra e venda de terras das grandes posses contribuindo para a expansão do processo colonial sobre novas áreas. Isto possibilitou a formação do atual Município de Dona Francisca¹⁵, cujo loteamento de 2,9 mil hectares das terras de Manoel Gonçalves Mostardeiro recebeu colonos italianos em sua marcha expansionista no Rebordo do Planalto Meridional Brasileiro, ainda em 1886 (SPONCHIADO, 1996).

Atualmente o município possui uma população de 4.049 habitantes composta por 1.358 (33,5%) pessoas que residem no meio rural e 2.691 (66,5%) que residem na área urbana, contingente este distribuído em um uma área territorial de 114,3 Km² o que representa uma densidade demográfica de 35,4 hab/Km². A taxa de analfabetismo é de 11,16% e a expectativa de vida é de 69 anos (FEE, 2006).

A economia está fortemente alicerçada na atividade agropecuária, determinada pelo cultivo do arroz irrigado em minifúndios de dimensão media em torno de 10 hectares. Dona Francisca tem tradição no Minifúndio de arroz tendo nesta cultura sua principal fonte de renda. De acordo com o Instituto Rio-grandense do Arroz, IRGA (2004), são 173 lavouras de arroz irrigado no município. A administração municipal estima que mais de 300 famílias

¹⁵ Nome colocado pelos primeiros imigrantes em homenagem a benfeitora local e esposa de Manoel Gonçalves Mostardeiro (proprietário das terras que foram loteadas para formar a localidade), Antoninha Becker Mostardeiro, conhecida popularmente por Dona Francisca.

sobrevivam do plantio do grão nas propriedades de até 10 hectares. O município tem um dos mais altos índices de produtividade do País (7600 Kg/ha) e um dos melhores índices de qualidade do grão do Estado do Rio Grande do Sul.

São João do Polêsine

Inicialmente o local onde está a sede municipal era conhecido como Terras de Manoel Py, o qual era dono de grandes extensões de terra no local. Posteriormente o mesmo as loteou, em 1893, e foram adquiridas pelos imigrantes Italianos em sua marcha colonizatória (SPONCHIADO, 1996). São João do Polêsine¹⁶, até o início da década de 90, pertencia a Faxinal do Soturno sendo seu segundo distrito. Contudo em 20 de março de 1992 através da lei nº 9.601o Município conseguiu sua emancipação político-administrativa.

Atualmente o município possui uma população de 2.927 habitantes composta por 1.585 (54,1%) pessoas que residem no meio rural e 1.342 (45,9%) que residem na área urbana, contingente este distribuído em uma área territorial de 85,6 Km² o que representa uma densidade demográfica de 34,2 hab/Km². A taxa de analfabetismo é uma das mais baixas da região com 7,17% e a expectativa de vida é de 71,40 anos (FEE, 2006).

Economicamente o Município Polesinense possui sua base econômica no setor agrícola tendo como principal cultura o arroz irrigado com 1.957 hectares. No entanto destacam-se também as culturas de milho (320 ha), soja (250 ha), feijão (60 ha) e cana-de-açúcar (70ha). A fruticultura também vem se desenvolvendo nos últimos anos nas áreas de encosta como os cultivos de banana (15ha), videira (12 ha), citros (18ha), figo e caqui com uma área cultivada de 3 hectares. Outra significativa fonte de renda é representada pelas agroindústrias familiares (FEPAM, 2002).

Pinhal Grande

Em meados de 1876, a área do povoado existente em terras do atual Município de Júlio de Castilhos foi anexada ao então município de São Martinho, porém, em 1891, dele se separou e constituiu o município de Vila Rica, o qual, em 1895, recebeu o nome de Júlio de Castilhos. Partes destas terras eram vizinhas à Colônia de Silveira Martins através do núcleo

¹⁶ O nome São João do Polêsine formou-se a partir da combinação de duas características: o fato do padroeiro local ser São João Batista e, da semelhança do local com a região de Polêsine na Itália, situada às margens do Rio Pó, o maior da Itália, com 652 Km de extensão.

Nova Palma (Barracão), que proporcionou o avanço de imigrantes Italianos sobre terras vizinhas através da expansão agrícola na direção do Planalto Meridional Brasileiro (ROSSATO, 2001). Estas terras são identificadas como sendo a área que compõe o atual município de Pinhal Grande¹⁷, emancipado em 1992.

Atualmente Pinhal Grande possui uma população de 4.899 habitantes composta por 3.007 (61,3%) pessoas que residem no meio rural e 1.892 (38,7%) que residem na área urbana, contingente este distribuído em uma área territorial de 477,1 Km² o que representa uma densidade demográfica de 10,3 hab/Km². A taxa de analfabetismo é de 9,37% e a expectativa de vida é a mais alta da região com uma média de 73,16 anos (FEE, 2006).

A Economia do município está baseada nas atividades agropecuárias, que se desenvolvem nas 1.078 propriedades rurais, onde 90% destas são consideradas pequenas propriedades com dimensão de até 100 hectares. Nelas se cultivam soja, com área total plantada de (10.500 ha), milho (5.500 ha), feijão (1800 ha), trigo (700 ha), fumo (700 ha) e videiras com 70 hectares plantados. Na atividade pecuária existem aproximadamente 18.000 cabeças de bovinos de corte e 1000 cabeças de bovinos de leite, 4.766 ovinos, 400 matrizes de suínos e 60.000 aves (FEPAM, 2002). O ambiente, natural bastante diversificado, proporciona condições favoráveis ao desenvolvimento do turismo ecológico.

Para dar conta da abrangência do estudo foi proposto, de início, uma divisão estrutural seguida de uma lógica de temas que receberam análise dedutiva e progressiva no aprofundamento do estudo e, também, atendendo ao encaminhamento seqüencial da temática e a seqüência da divisão estruturada em capítulos.

No capítulo um encontra-se a revisão bibliográfica sobre a epopéia da imigração italiana e a formação do território que constitui a Região da Quarta Colônia, a partir de 1877, com a fundação do quarto e último núcleo colonizador italiano no Rio Grande do Sul. Salientam-se os contextos social e político onde estavam imersos a Itália e o Brasil, na última metade do século XIX, e as causas que determinaram a decisão de emigrar da Itália em direção à América.

Ainda na seqüência deste capítulo se descreve a aventura da viagem dos imigrantes, saindo da Itália até a chegada no espaço que viria a constituir a Região da Quarta Colônia, culminando com o assentamento das famílias nos lotes coloniais, através da fixação da residência, do exercício das atividades econômicas e do uso de técnicas trazidas do “Velho Mundo” que construíram o novo espaço.

¹⁷ O Município recebeu este nome devido a grande quantidade de pinheiros (*Araucaria angustifolia*) existentes na área.

Esse encaminhamento visa conduzir o raciocínio na direção da formação de um ambiente totalmente novo e desconhecido, determinado por uma ocupação espacial peculiar que permite visualizar a territorialidade da agricultura familiar no Rio Grande do Sul e a reterritorialidade cultural de um grupo social, cujos reflexos, na atualidade, ainda podem ser percebidos e que promovem sensação de curiosidade nos turistas.

O capítulo dois está destinado à discussão sobre a inserção do turismo no contexto de uma territorialidade valorizada por sua origem étnico-cultural devido ao seu meio rural que determina seu modo de vida, portanto de um espaço construído e detentor de relações socioeconômicas específicas. Também são expressos os principais conceitos presentes na literatura sobre turismo, transpostos para a realidade da Quarta Colônia. Nele, também se analisam as modalidades de turismo no meio rural que foram implementadas na Região, bem como sua classificação e características.

No terceiro capítulo são descritos os principais procedimentos metodológicos empregados para o alcance dos objetivos traçados pela investigação. As descrições seguem a hierarquia das atividades, a determinação do método científico norteador da pesquisa e a adaptação de modelo sistêmico promotor do turismo. Descreve-se a natureza da pesquisa bem como as técnicas e fontes empregadas para a coleta e análise dos dados e informações primárias que embasam a pesquisa.

O capítulo contém ainda análise e discussão do Sistema Promotor do Turismo na Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Com base em dados e informações coletados em campo procura-se analisar a configuração do turismo no meio rural à luz da teoria científica norteadora, dos objetivos e do método proposto. Em outras palavras, procura-se aproximar o teórico do empírico.

Nas conclusões procede-se a discussão de idéias observadas nas análises procurando determinar em que medida os objetivos definidos pela investigação foram alcançados, as formas de turismo mais adequadas a dinamizar as relações de produção da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana e as possíveis de serem atingidas na atual conjuntura em que se encontra a Região.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICO-ECONÔMICA ÍTALO-BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E A DESTERRITORIALIDADE ALÉM-MAR

Neste capítulo encontra-se a revisão bibliográfica sobre a saga da imigração italiana e a formação do território que constitui a RQCII, a partir de 1877, com a fundação do quarto e último núcleo colonizador italiano no Rio Grande do Sul. Salientam-se os contextos sociais e político onde estavam imersos a Itália e o Brasil, na última metade do século XIX, e as causas que determinaram a decisão de emigrar da Itália em direção à América.

É de amplo consenso na literatura acerca da imigração o entendimento de que o fenômeno migratório ocorrido no século XIX e no século XX, está intimamente relacionado ao processo de expansão do capitalismo europeu e, também, às transformações das estruturas políticas, econômicas e sociais, em pauta na Europa e no Brasil, herdados de um período anterior e constituídos pelo Regime feudal na Europa e pelo processo de acumulação mercantilista que ocasionou o Regime escravocrata no período colonial e que atingiu também o Brasil.

A expansão do capitalismo Europeu após o início da Revolução industrial, marcou a concentração da produção, sua expansão e a abundância da mão-de-obra resultante da explosão demográfica ocorrida no século XVII e da Grande Depressão de 1873, que elevou o custo de mão-de-obra em níveis mais altos do que o das matérias-primas. Estes processos promoveram a falência de muitas empresas e abriu caminho para a emigração (GIRON, 1980).

No que tange especificamente ao contexto italiano, sabe-se que após a queda de Napoleão, a Itália, que estivera praticamente reunificada sob o domínio francês, fragmentou-se com o Congresso de Viena, em 1815. A Áustria, por sua vez, graças à política de Metternich ficou com as melhores áreas da Itália, como a região da Lombardia¹⁸ e a cidade de Veneza¹⁹. Apenas permanecendo livres os estados pontifícios de Nápoles e Piemonte²⁰. O

¹⁸ Constitui-se em uma região, cuja capital é Milão.

¹⁹ Constitui-se na cidade capital da região do Vêneto.

²⁰ Constitui-se em uma região do Norte da Itália cuja capital é Turim.

processo de reunificação teve início com a revolução de 1848, mas apesar da expansão do movimento que se alastrou da Sicília à Veneza, ele foi sufocado pela intervenção dos países católicos sob a liderança da França.

Posteriormente, o processo de unificação liderado pelo Piemonte, contando com o apoio da França, conseguiu a liberação da Lombardia em 1859 e de Veneza, um pouco depois, em 1866. Em 20 de setembro de 1870, os estados Romanos passaram a fazer parte do Novo Reino. Quando o Governo francês retirou suas tropas, que se destinavam a garantir o poder do Papa, durante a guerra franco-prussiana, os exércitos italianos tomaram Roma que se tornou a capital do reino da Itália. Entretanto o sul do Tirol, Trentino, Trieste e Istria continuaram sob dominação Austríaca (*Ibid*, 1980).

Durante as lutas pela unificação, a situação do norte italiano, região de proveniência dos imigrantes que colonizaram a Quarta Colônia, era muito difícil. Contudo, em 1870, com a tomada de Roma terminavam as lutas pela unificação. Finalmente a Itália estava unificada. A unificação, segundo De Boni e Costa (1991) fez parte da expansão capitalista.

Em termos econômicos, era a vitória do capitalismo sobre as antigas instituições. Os pequenos reinos e principados deram lugar a um único país a fim de que a produção capitalista derrubando fronteiras e alfândegas encontrasse um mercado consumidor (DE BONI e COSTA, 1991 p.56).

Contudo, mesmo após a unificação italiana os problemas socioeconômicos se agravaram. A Itália continuava um país agrário, regido por relações sociais, tradicionalmente sem avanços tecnológicos e isto impedia o desenvolvimento de grande parte da população, relegando-a à miséria e à fome.

A maior parte da indústria italiana se localizava ao norte, porém era uma indústria dependente do capital externo não sendo capaz de absorver a mão-de-obra disponível promovida pelo excesso populacional, o qual era, em parte, ocupado na agricultura. No campo também, a situação estava deteriorada, pois a estrutura fundiária apresentava grandes distorções. Nos latifúndios do sul e do centro do país os camponeses trabalhavam pelo sistema de meias nas terras arrendadas dos proprietários.

O fracionamento da terra comportava um sem número de minifúndios ao lado de grandes latifúndios com a tendência natural de aumentarem o tamanho. Os minifúndios eram incapazes de garantir o sustento de uma família, por exemplo, “no distrito de Vicenza, dos 10 mil proprietários de terra, um terço possuía menos que um quarto de hectare e a metade devia contentar-se com menos de 2,5 hectares” (*Ibid*. p.60).

Além da concentração fundiária, os camponeses eram taxados com altos encargos tributários e suas técnicas de cultivo eram extremamente arcaicas. Contudo, o problema da Itália não era apenas de excesso populacional, mas também de disponibilidade de capital, ausência de tecnologia e de estrutura político social no país. Também se constituíam em problemas o esgotamento da terra, as crises agrícolas e políticas, entre outros (DIEGUES JÚNIOR, 1964).

Julio Lorenzoni, imigrante pioneiro da Colônia de Silveira Martins, retrata em suas memórias o contexto social do Vêneto da época onde residia com sua família. Considerando a importância desta obra para a história da imigração italiana, uma vez que foi escrita originalmente pelo próprio punho de um imigrante pioneiro, letrado, que vivenciou bem de perto este contexto repulsivo em território Italiano e a conseqüente reterritorialidade²¹ em solo brasileiro, transcreve-se um trecho desta obra em que Lorenzoni descreve o contexto socioeconômico italiano da época e o surgimento da idéia de emigrar.

Lorenzoni se remete ao ano de 1877, época em que tinha apenas quatorze anos, quando, junto a seus pais, morava em um lindo lugarejo do Vêneto, pertencente ao distrito de Maróstica, bem ao norte da província de Vicenza. Segundo ele, as estações sucediam-se como sempre, sendo que ocorria um ano bom com colheitas fartas e satisfatórias e em dois ou três tudo corria mal; pouco trabalho e, em conseqüência disto, em vez de lucros, dívidas e dificuldades por toda parte. Diz o imigrante:

Cada ano havia de lamentar alguma desgraça, chuvas torrenciais na primavera, tempestades ou secas intermitentes prejudicando a colheita de cereais de primeira necessidade que cada vez escasseavam mais tornando a vida uma verdadeira luta (LORENZONI, 1975, p.15).

Seu pai, naquela época, exercia a profissão de marceneiro e possuía uma pequena propriedade agrícola que consistia em dois hectares de terreno cultivado e uma modesta casa. Segundo Lorenzoni, a maioria dos habitantes daquela redondeza era composta de camponeses pobres a quem tudo faltava. Em sua maioria, eram inquilinos de ricos proprietários sem uma casinha própria, nem uma vaca possuíam, pois nada podiam economizar.

O salário dos camponeses, naquela época, era de uma lira por dia chegando até duas liras por ocasião da colheita ou de outros trabalhos pesados, importância esta insuficiente para

²¹ Ato de reterritorializar-se, ou seja, construir laços culturais em um novo espaço, criando um território. A reterritorialização é sempre precedida pela desterritorialização.

manter uma família, por pequena que fosse. A situação socioeconômica daqueles camponeses a cada ano ia se deteriorando mais, de modo que a busca de melhor colocação no espaço mundial, que lhes pudesse dar um mínimo de dignidade, urgia como um imperativo. A despeito do que segue argumentando o imigrante:

Assim a situação do agricultor tornava-se cada ano pior e mesmo os que tinham alguma posse previam que em poucos anos tudo perderiam, ficando na miséria. Esperança de melhorar sua sorte não existia porque faltavam absolutamente as possibilidades de fontes de renda. Meu pai, por diversas vezes, foi procurar trabalho na Suíça, Áustria e Alemanha, voltando porém desanimado, sem nada conseguir, fato este que tornava a vida dessa pobre gente cada vez mais triste (*Ibid*, 1975, p.15).

Segundo o imigrante Vicentino, em 1877 espalhou-se na região de Bassano a notícia de que algumas famílias estavam se desfazendo de seus bens e rumando para o Brasil. Em seguida ficaram sabendo que um padre de nome Ângelo Cavalli, que era agente de viagem de Clodomiro de Bernardis, de Gênova e que, por sua vez, exercia o cargo de Agente Geral da Emigração “o havia encarregado da propaganda da emigração, dando as devidas instruções e esclarecimentos a fim de conseguir o maior número de famílias possível” (*ibid*, p. 115).

Lorenzoni e sua família foram até a localidade de Campese onde este padre residia e voltaram cheios de notícias extraordinárias a respeito das terras de além-mar. Este padre, posteriormente, veio até a cidade onde residia a família de Lorenzoni e organizou uma reunião com os moradores locais, ocasião em que fez propaganda do processo emigratório, elencando uma série de vantagens que supostamente teriam.

Segundo o conteúdo destas propostas, os emigrados receberiam “alimentação por um prazo de seis meses, casa, 50 hectares de terra mais os apetrechos necessários para a agricultura como sementes e outros” (*Ibid*, p.16). Nesse sentido, com tantas benesses oferecidas, as quais em sua pátria natal tão cedo não iriam conseguir, houve a provocação de furor e cobiça entre os pobres camponeses. Diante deste fato, Lorenzoni assim se expressa: “Deixo os leitores imaginarem como arregalaram os olhos essas pobres criaturas, pensando nas maravilhas que seriam dadas a eles, que nunca haviam possuído a mais insignificante horta para cultivar, que fosse de sua exclusiva propriedade” (*Ibid*, p. 16).

Esta reunião foi o estopim inicial que deflagrou o processo emigratório. Segundo Lorenzoni, todos ficaram em estado de exaltação parecendo fanatizados e o padre foi considerado salvador da população. Este padre comparava o Brasil a uma segunda Canaã, mencionando que a vegetação era exuberante, que a terra produzia extraordinariamente, sem muito trabalho. Diante disso os pobres camponeses não queriam mais lavrar a terra italiana reservando-se a fazê-lo quando chegassem ao novo mundo.

Frente a esta idéia de saída generalizada, os donos das terras lamentavam tentando convencê-los a não emigrar, contudo, diante das evidências não obtiveram êxito e a vontade popular clamou a uma só voz: “Queremos emigrar - basta de miséria” (LORENZONI, 1975, p. 17).

Por outro lado, enquanto havia este contexto de deterioração político-econômica na Itália, no Brasil entrou em vigor a Legislação que vedou, em 1850, o Tráfico de Escravos, como desdobramento da pressão da Inglaterra no sentido de adotar medidas favoráveis à abolição da escravatura. Decorrente da legislação teve-se a carência de mão-de-obra nas lavouras de cana-de-açúcar e de café, que estavam em plena expansão e até então eram abastecidas com mão-de-obra escrava (GIRON,1980).

Ademais, havia projetos governamentais de expansão da agricultura que motivariam a ocupação de grandes porções de terras devolutas e por estas razões buscou-se incentivar a imigração. Deste modo os incentivos à imigração estiveram diretamente vinculados à substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre nas lavouras canavieiras e cafeeiras do Sudeste e, também, à necessidade de expandir a ocupação do território formando uma economia agrícola no sul do Império, especialmente nos estados sulinos situados na fronteira internacional, destacando-se a Província de São Pedro que mais tarde recebeu o nome de Rio Grande do Sul.

A estas justificativas, soma-se outra, a chamada “teoria do branqueamento” cujos principais expoentes são Giron (1980) e Tavares dos Santos (1980) que além da justificativa baseada na necessidade de substituição da mão-de-obra servil pela mão-de-obra livre apontam outro fator, que explicaria a preferência pela imigração européia. Para os autores (*Ibid*, 1980, 1980) e seguindo a teoria, a substituição da mão-de-obra servil pela mão-de-obra européia branca, vinculada ao racismo que dominava no período, teria se constituído no principal fator determinante da busca por imigrantes europeus.

Na teoria do branqueamento a tese de que havia carência de mão-de-obra não se sustentava, pois ocorriam, naquela época, grandes deslocamentos de população nordestina em direção à Amazônia. Só isto se constituía em uma reserva substancial de mão-de-obra e que poderia ser usada nas atividades agrícolas e não o foi. Contudo há dúvidas sobre uma possível colonização da parte de nordestinos além dos trópicos, principalmente por não se adaptarem aos rigores do frio sulino.

Para os autores a opção do Império em adotar a colonização através de imigrantes europeus indicou, claramente, a discriminação em relação aos brasileiros, dando ao imigrante aquilo que negou a sua população, pois tinham a convicção da superioridade do trabalhador

européu. Esta superioridade da população branca, que fazia parte da ideologia da elite cultural brasileira, assegurava que o trabalhador europeu era mais produtivo e, em longo prazo, evitaria o surgimento de um Império negro no Brasil devido ao grande número de pretos, mulatos e mestiços, possivelmente determinante do fracasso nacional (GIRON, 1980).

Para Tavares dos Santos (1980), a colonização italiana esteve condicionada às necessidades de investimentos em homens livres, proprietários e brancos, ou seja, em conformidade com os princípios do capitalismo mercantil e com a ideologia do branqueamento. Acredita-se que a opção por homens livres e trabalhadores com domínio técnico também tenha contribuído para a tomada de decisão.

A necessidade de mão-de-obra especializada teria sido mais do que o racismo, o determinante da busca por imigrantes europeus, visando, em médio prazo, o aumento da produção agrícola, a formação da economia colonial e, em longo prazo, o branqueamento da população brasileira através da miscigenação.

No caso específico da implantação das colônias no Rio Grande do Sul, os objetivos do governo Imperial, além de estarem relacionados com os vieses econômicos, raciais etc, também estavam ligados à estratégia geopolítica de ocupação do território, até então praticamente despovoado, representando uma ameaça à soberania nacional. Para Santin (1990b) a formação das colônias italianas no Rio Grande do Sul se deu através da união de um projeto econômico com outro político, pois além da necessidade da formação de uma economia agrícola havia a necessidade de garantir a posse do território contra possíveis invasões.

Nessa direção, o fator determinante teria ocorrido quando Dom Pedro II, em sua viagem ao Rio Grande do Sul para reestruturar as tropas brasileiras que estavam perdendo terreno na guerra do Paraguai, passou pela Serra Geral²² e quis saber por quem era habitada aquela área (*Ibid*, 1990b). Diante da resposta de que eram terras desabitadas convenceu-se da necessidade urgente de povoar estas terras devolutas como garantia contra possíveis invasões no futuro. Assim teria acontecido o projeto de colonização das colônias e definido como um projeto econômico vinculado a um projeto político de ocupação dos territórios situados mais ao sul das terras portuguesas.

O projeto de implantação de colônias beneficiou mais o Rio Grande do Sul, por sua localização geográfica e por apresentar clima adequado às condições vividas pelos imigrantes

²² Denominação regional conferida ao rebordo do Planalto Meridional Brasileiro, também conhecida como Serra de São Martinho. Nome que se refere, também, à formação Serra Geral, constituída de derrames de vitrófiros, granófiros (rio-dacitos) e basaltos que formam a região geomorfológica do Planalto Meridional Brasileiro.

em suas regiões de origem. Desse modo, houve adaptação à topografia ondulada favorecendo a economia agropastoril estabelecida em lotes coloniais constituindo as propriedades familiares sob o modo de produção familiar orientada a produção para o sustento da família e o excedente comercializado.

Os imigrantes que se dirigiram às terras do Rio Grande do Sul não vieram diretamente devido à falta de navegação a vapor. Desse modo, após 36 dias, em média, os imigrantes faziam escala no porto do Rio de Janeiro, onde desembarcavam dos navios e se dirigiam à hospedaria “Ilha das Flores”, e após alguns dias de hospedagem gratuita descansavam, se aclimatavam, se legalizavam e aguardavam para serem distribuídos.

Os imigrantes retomavam sua trajetória em direção ao seu destino, podendo ser as colônias do Rio Grande do Sul, São Paulo ou outras localidades. Os que vinham para as colônias do Rio Grande do Sul, eram embarcados, segundo Sponchiado (1996) nas mesmas condições dos navios a vapor nos quais haviam chegado, só que agora em paquetes a vapor da Companhia Nacional de Navegação que os conduziam, com despesas pagas pelo Governo brasileiro, até as cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, conforme as colônias a que se destinavam.

Em Porto Alegre, servia de hospedaria para os imigrantes, um antigo prédio do Governo provincial, mal-construído e de acanhadas proporções, sem as necessárias dependências, mal arejado e contendo pequenos dormitórios. Quando o número de imigrantes passava de cem, os excedentes tinham que se acomodar nas ruas e praças adjacentes, pois a hospedagem não os comportava (SPONCHIADO, 1996).

Porto Alegre se constituía no centro de convergência para todos os imigrantes que se dirigiam ao Rio Grande do Sul e ali se fazia a distribuição dos grupos com destino às diversas Colônias. Assim, após alguns dias de espera, eram reembarcados em pequenas embarcações a vapor conforme a colônia de destino: Conde D’Eu, Dona Isabel, Campo dos Bugres ou Silveira Martins, a Quarta Colônia.

Aqueles que se dirigiam à Colônia de Silveira Martins navegavam a montante pelo Rio Jacuí até a altura de Rio Pardo e a viagem durava em média sete horas²³. Uma vez chegados em Rio Pardo, (a primeira leva chegou em 19 de março de 1877 e assim se procedeu até 1885), os imigrantes e suas bagagens eram embarcados em carretas puxadas por bois que os conduziram até o destino final, o “Barracão de Val de Buia” na Colônia de Silveira Martins, no município de Santa Maria da Boca do Monte.

²³ Quando ainda não havia sido concluída a ferrovia Porto Alegre - Uruguaiana.

Muitos faziam o trajeto Rio Pardo à Santa Maria da Boca do Monte, que durava em média 15 dias, acompanhando a pé as carretas que ultrapassavam pradarias, matas e bosques. Neste trajeto, os imigrantes preparavam a comida no campo e dormiam embaixo de tendas. (*Ibid*, 1996). É importante salientar que depois de 1885, quando foi concluída a ferrovia Porto Alegre – Uruguaiana esta etapa da viagem ficou menos penosa, pois passaram a usar o trem a partir da estação as margens do Rio Taquary (ponto inicial da ferrovia Porto Alegre – Uruguaiana). O trem partia sempre às cinco horas da manhã e percorria 247,172 Km até a chamada Estação Colônia (atual bairro Camobi em Santa Maria) em uma viagem que levava 10 horas.

Na Estação Colônia os imigrantes eram transportados até o barracão de Val de Buia percorrendo atalhos, riachos e trilhas. Hoje dista 15 Km, por estrada de rodagem. Vencida a última etapa da viagem (Rio Pardo – Santa Maria) finalmente os imigrantes chegavam ao seu destino. A Quarta Colônia, destinada a assentar os imigrantes italianos, foi fundada em 1877 sob o nome de Silveira Martins, em homenagem ao senador gaúcho e defensor da causa imigratória Gaspar Silveira Martins.

Manfroi (1990) comenta que a leva pioneira enviada à colônia de Silveira Martins, em 1877, era composta por 70 famílias. Poucos meses depois, segundo o autor, outro grupo de mais 70 famílias conheceu a mesma aventura e, em abril de 1878, chegavam mais de 50 famílias e, em maio do mesmo ano, mais 120 famílias.

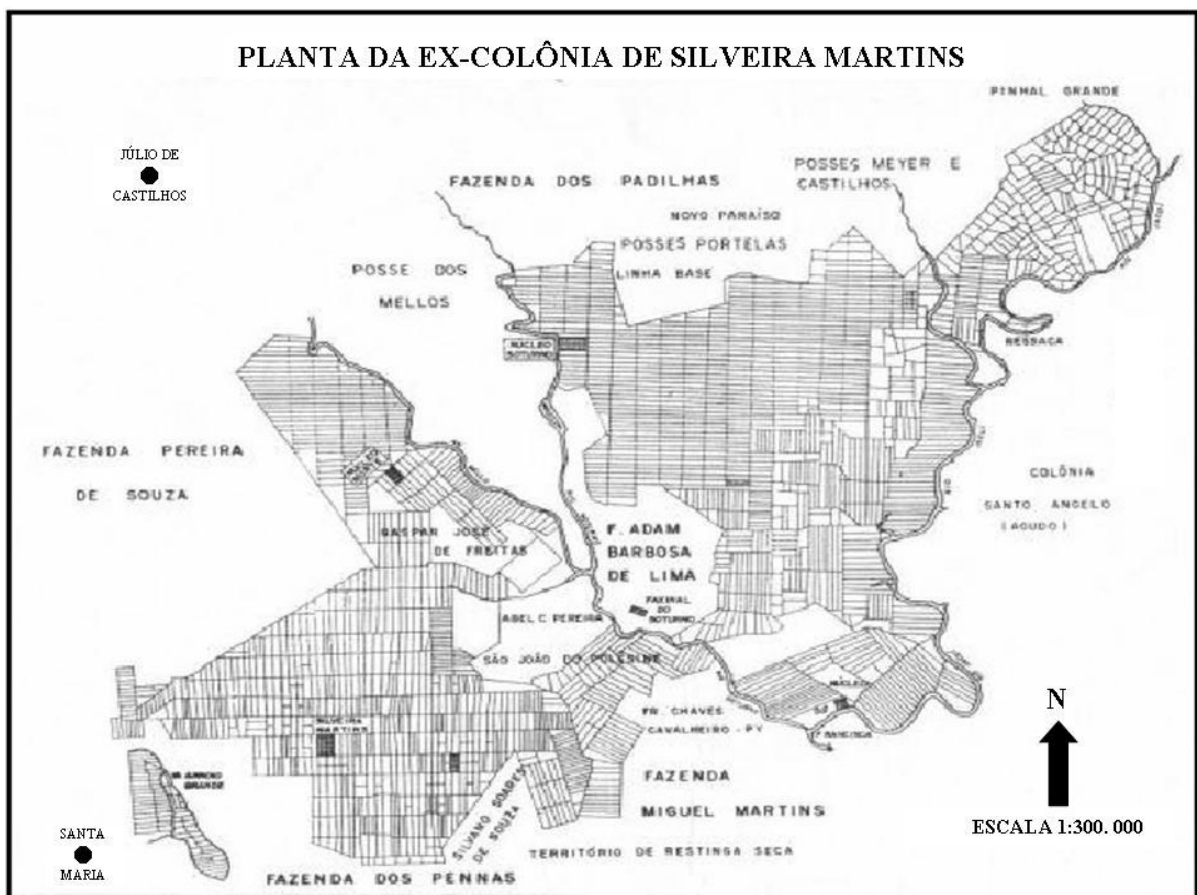
Pois bem, uma vez chegados na Colônia, as levas imigratórias italianas pioneiras eram abrigadas, provisoriamente, enquanto se procedia a demarcação do lote colonial, no chamado Barracão de Val de Buia. Este se constituía em uma espécie de abrigo coletivo improvisado cujas dimensões eram de 40x6m, somando uma área construída de 240 metros (SPONCHIADO, 1996). Este alojamento situava-se na margem da estrada que liga Estação Colônia a Silveira Martins, no sopé da Serra Geral na altura da propriedade do Senhor Schmidt.

Como se expressa Santin (1990a), no Barracão as dificuldades continuavam e nos primeiros tempos o acampamento abrigou até 400 pessoas que se amontoavam no seu interior. Abandonados à própria sorte e sofrendo todas as espécies de privações alimentícias e assistência médica. Muitos imigrantes devido a isto sucumbiram às infecções e epidemias. Segundo a literatura, somente a família Bortoluzzi, a mais numerosa, perdeu 16 de seus membros.

No entanto, após uns seis meses de permanência das famílias no Barracão, prazo destinado ao processo de medição e demarcação dos lotes coloniais, chegava a vez de se

concretizar o motivo principal, segundo alguns autores, da vinda dos imigrantes para a América: o sonho da propriedade e de se tornar dono da terra, sonho este que, na sua pátria de origem, tão cedo não seria alcançado.

O lote colonial que aguardava o assentamento do colono migrante era delimitado de forma retangular, medindo cerca de 220 metros de largura por 1000 metros de comprimento, totalizando uma superfície de 220.000 metros quadrados, equivalente a 22 hectares, segundo Sponchiado (1996). Embora a dimensão sofresse pequenas mudanças em função da topografia e da disponibilidade de água, a disposição dos lotes pode ser visualizada na planta da Colônia (Figura 3).



Fonte: Sponchiado (1996).
Adaptação: Oni Nardi, 2007.

Figura 3 - Planta da colônia de Silveira Martins, Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS.

Os lotes eram delimitados, na sua parte frontal e aos fundos, por travessões destinados a formação dos caminhos rurais conforme contido no título da designação dos lotes de terras,

documento este que garantia provisoriamente²⁴ a posse da terra. Ficou estabelecido que os caminhos rurais deveriam ter largura igual a quatro braças quadradas e as árvores tombadas por desmatamento deveriam ser removidas imediatamente, para desobstruir os caminhos e conservar desembaraçado o trânsito.

A demarcação dos lotes foi realizada inicialmente²⁵ pelo engenheiro agrimensor Guilherme Greenhalgh, enviado pelo governo com a incumbência de discriminar as terras públicas das privadas na área do município de Santa Maria da Boca do Monte, e proceder à medição dos lotes, tarefa que não foi nada fácil, pois deveria contrariar os interesses de grandes latifundiários que se “adonavam” das terras públicas, os chamados “papa-terra” ou posseiros (*Ibid*, 1996).

Segundo Manfroi (1990) o estabelecimento dos imigrantes nos lotes designados pelo diretor da Colônia ou o lote que havia sido escolhido devido à proximidade com seus parentes marcava o fim de uma longa viagem, muitas vezes, dramática. No entanto, o ato de assentamento dos colonos em seus lotes não significou o fim dos problemas, pois, às vezes, o lote era estabelecido em área íngreme, totalmente coberta por mato ou com presença excessiva de pedras. No entanto, a alegria de receber a terra minimizava as dificuldades. No dizer de Santin (1990b), o estabelecimento da família no lote significava a realização do sonho da propriedade e da progressão social. Ter um lote, na ideologia dos imigrantes, significava possuir um território que, aliado à sua força de trabalho, proporcionaria sobrevivência e reprodução socioeconômica do grupo familiar.

Sem dúvida, a concessão do lote representava a garantia de que os colonos e suas famílias iriam ter condições de progredir materialmente, pois, em qualquer sociedade as possibilidades de existência e de fortalecimento da unidade familiar dependem, em última instância, dos recursos naturais básicos que podem ser controlados na produção e reprodução das condições materiais de existência (BARRIOS, 1986).

²⁴ Provisoriamente porque o título definitivo de propriedade só era concedido após o imigrante ter pago integralmente a sua importância, saldado tudo quanto devido a fazenda nacional, provado que por si ou por pessoa de sua confiança, tenha tido, no mesmo lote um ano, pelo menos de residência habitual e cultura efetiva, conforme descrito na cláusula número três do título da designação da posse (SPONCHIADO 1996 p. 38). O prazo para pagamento do lote segundo Manfroi (1990) era de cinco a dez anos.

²⁵ Posteriormente, o engenheiro Greenhalgh pediu exoneração, sendo substituído interinamente por Joaquim Saldanha Marinho Filho que se manteve no cargo por um ano (1878-1879). Em 31 de julho de 1879 assume a direção José de Almeida Couto, tendo como chefe da comissão técnica o Engenheiro Thomaz de Aquino Couto, contudo enfrentaram muitos problemas.

Em 15 de Junho de 1881 o ministério da agricultura, negócios e obras publicas nomeou para o cargo de diretor e chefe da comissão técnica, o Eng. José Manuel da Siqueira Couto que por sua vez, foi o ultimo engenheiro e diretor da Colônia permanecendo no cargo até 1890 (SPONCHIADO, 1996).

1.1 A construção de uma territorialidade

A nova vida que aguardava os imigrantes exigia deles muito trabalho e dedicação. A realidade de estar sozinho, envolto pela mata virgem e sem recursos, obrigava a empreender esforços de imaginação e arte. Tudo devia ser conquistado, a terra para o plantio, o espaço a ser transformado em território, os instrumentos de trabalho, a alimentação necessária à sobrevivência da família e o material para a construção da casa.

Nos primeiros anos de vida dos imigrantes, o Estado concedia uma ajuda pecuniária para a construção da casa, os instrumentos agrícolas, sementes e outros favores prometidos. O Estado interferia diretamente na vida econômica da Colônia fazendo cumprir as funções econômicas básicas que interessavam ao Governo como, por exemplo, promover o equilíbrio da produção interna nacional.

Contudo, destaca-se que por ocasião da chegada de imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul, posterior a 1879, o Governo havia suspenso toda e qualquer ajuda em favor de imigrantes a partir daquela data. Segundo Manfroi (1990, p.184) “esta mudança radical na política de colonização teve efeitos dramáticos na vida dos imigrantes italianos em seus primeiros anos de estabelecimento”. A única ajuda que subsistiu e que muito contribuiu para as economias dos imigrantes foi o trabalho remunerado, quinze dias por mês, na construção de estradas e caminhos coloniais.

A derrubada da Floresta Estacional Decidual, a construção da casa e o trabalho nas estradas foram as atividades essenciais dos colonos nos primeiros tempos de seu estabelecimento no Rio Grande do Sul. O espaço se produzia pela ação do trabalho do imigrante que interferia no meio ambiente organizando e adaptando este meio a seu modo de vida, através das práticas agrícolas, desenvolvendo os primeiros cultivos, e da construção da casa.

Deste modo, foi anexando o espaço e o demarcando com sua presença, dando início ao processo da humanização do espaço, ou seja, da interferência do homem sobre a natureza física, formando o seu “lugar” de acordo com suas técnicas e sua cultura. Os materiais e o estabelecimento humano, de acordo com suas particularidades, determinaram a formação da identidade territorial da região pois, de acordo com o que já havia escrito La Blache (1921, p.215).

O homem desde que sentiu a necessidade de se fixar fez o seu nicho com o material que tinha ao seu alcance e sofreu a influencia deles. E exato dizer, sobretudo a este respeito que a matéria dita a forma. Razões de clima e solo determinaram, segundo

as regiões o emprego preponderante da madeira, da terra ou da pedra. Mas por sua vez, estes materiais guiam a mão do homem tendo cada um as suas exigências e, por assim dizer, o seu caráter imprimem aos estabelecimentos humanos as suas particularidades de formas, dimensões e resistência. Daí resultam tipos gerais que contribuem para o cunho característico das regiões.

O imigrante italiano, e em particular os que chegaram nos primeiros anos, trazia em sua bagagem a fé absoluta na capacidade de seus braços. Para Santin (1990a), tamanha fé estaria ligada as suas convicções religiosas cristãs. Trabalhar era obrigação de todo homem por imposição do mandamento de Deus na Bíblia: “comerás o pão do suor do teu rosto”. Aí estava, em parte, o princípio inspirador de tanta aceitação e dedicação ao trabalho.

A mudança da ordem social medieval que tornou possível a posse da terra, também pode explicar as razões que levaram o trabalho a se transformar no caminho que dá acesso à propriedade, aos meios de produção e à produção. E este era o sonho de todo o imigrante que chegou ao Brasil. O imigrante estava imbuído da ideologia de que a propriedade lhe conferia poder, talvez até nobreza, mas, com certeza, *status* social, pois ele se tornaria proprietário.

Nessa linha de reflexão torna-se necessário observar que o trabalho não representava apenas uma ação produtiva, nem mesmo um valor econômico exclusivo, ou uma condição da pessoa, mas, acima de tudo, uma dimensão antropológica e cultural.

Ser trabalhador não implicava na idéia de quem trabalha, mas, especialmente, no modo de trabalhar. Ser trabalhador significava trabalhar com extrema dedicação, grande empenho e total convicção. O homem trabalhador subentendia todas as outras qualidades humanas e o imunizava de qualquer suspeita e de vícios. Bastava ser trabalhador para merecer a confiança dos outros (SANTIN, 1990 p. 457a).

O processo do trabalho ainda é entendido como o agente real de toda a dinâmica de transformação da natureza, a história dos imigrantes é a história da transformação permanente e contínua da natureza física em natureza socialmente humanizada. É a história da conversão das formas naturais em formas sociais, processo no qual se dá a chamada “hominização” do homem (Moreira *apud* ROSSINI, 1986)

Graças ao trabalho árduo do imigrante, pouco a pouco a paisagem natural da Serra de São Martinho foi sendo transformada em uma paisagem marcada pela presença humana, uma paisagem social onde “com o decorrer do tempo formaram-se domínios de civilização que absorveram os meios locais, meios de civilização que impuseram uma norma geral que se imprime em muitos usos de vida” (LA BLACHE, 1921, p.376). Assim iniciou o processo da humanização da paisagem da Serra de São Martinho, sob a interferência do homem na

natureza física. Santin (1990a) retrata com maestria a apropriação do imigrante sobre a natureza física da Serra de São Martinho:

A Serra de São Martinho, aos poucos, ia sendo dominada pelo trabalho do imigrante. A triste lembrança de tantas lutas e percalços ia lentamente perdendo-se no passado. Silveira Martins e os vários núcleos eram realidade palpável. Os sonhos da aventura estavam tornando-se visíveis. Pelos vales e encostas ecoavam os golpes firmes e raivosos dos machados. As árvores tombavam amedrontadas pelos gritos e as vezes blasfêmias. O sossego milenar da natureza acabara. A floresta, plantaçao paciente e milenar do tempo, cedia lugar à outra natureza, verdejante e frutífera (p.259).

Na medida em que evoluíam as relações com o meio natural circundante, alguns instrumentos foram sendo descobertos e outros aprimorados. Sua submissão às forças naturais foi paulatinamente diminuindo e a produção do espaço foi moldando uma nova paisagem.

A Colônia começou a prosperar social e economicamente, pois surgiram as plantações, e as colheitas, sendo que a transformação dos produtos permitiu que a pequena propriedade agrícola assumisse um sistema de produção de caráter policultor baseado no trabalho familiar. A necessidade de garantir a subsistência e os impedimentos de escoamento e comercialização dos produtos motivou o auto-abastecimento e a variedade de produção, podendo-se dizer que a policultura foi favorecida pelas condições físicas.

Praticamente, todas as atividades agrícolas eram possíveis, de modo que a produção diversificada existente no estabelecimento familiar o tornou quase auto-suficiente. Decorrentes de tal situação surgiram, nas propriedades, espaços organizados para cada uma das atividades que a diversidade promovia.

Na medida em que a natureza se transformava e se humanizava a paisagem, os cultivos se alteravam nos espaços, crescendo em importância os produtos de necessidade imediata. O imigrante ocupava a terra dando-lhe outro significado: terra de produção. O cultivo obedecia às técnicas de manejo, ao uso de ferramentas e às relações de trabalho que se constituíam.

As relações de produção e de sobrevivência foram, pouco a pouco, se tornando mais complexas. Assim foi o caso das transformações ocorridas nas primeiras residências construídas de tábuas rachadas, (cortadas a machado) mais tarde serradas manualmente e, um pouco mais além, com tábuas serradas em serrarias, que despontavam na Colônia. As casas de pedra, construídas com material irregular natural, irregular lascado ou regular talhado, surgiram em número menor do que as de madeira devido à abundância das matas de araucárias. Após a primeira década já era visível o grande número de casas com tijolos

confeccionados artesanalmente e secos ao sol, evoluindo, posteriormente, para os industrializados com o surgimento das olarias.

A evolução da ocupação do espaço, fruto do trabalho humano, ia ocorrendo até que em 18 de fevereiro de 1880, o diretor da Quarta Colônia enviou telegrama ao presidente da Província pedindo que ele não remetesse mais imigrantes para a Região, pois não havia mais terra e nem trabalho. Considerando que no ano anterior (1879) o auxílio do Governo à imigração havia sido suspenso, portanto, sem auxílio, sem terra e sem trabalho os novos imigrantes ficariam na miséria.

No entanto, mesmo assim a imigração espontânea prosseguia, pois aqueles que já estavam instalados traziam seus parentes que ficavam abrigados, provisoriamente, em suas casas. À medida que vinham mais imigrantes para a Colônia de Silveira Martins, as terras iam se tornando insuficientes para atender a todos. Era necessário anexar áreas e promover assentamentos da população adicional em crescimento. As autoridades foram obrigadas a fundar novos núcleos de colonização nas adjacências de Silveira Martins.

Segundo Santin (1990 p.22b) “a partir da colonização de Silveira Martins, os núcleos nas proximidades começam a se estender, abrangendo desde a várzea do Vacacaí até o rio Soturno, em ambas as margens”. A reprodução territorial se deu com a criação dos núcleos de Vale Vêneto (1878), Arroio Grande (1879), São Marcos (1879), Ribeirão de Achilles (1880), Val Veronês (1880-1885), Soturno²⁶ (1883), Núcleo Norte²⁷ (1883), Dona Francisca (1883), Novo treviso (1884), Toropy (1888), Jaguari (1889) e Ijuí grande (1889) conforme pode ser visualizado na figura 4.

Os núcleos para o autor (*Ibid*, 1990b) que foram se estendendo a partir da sede, desde a várzea do Vacacaí até as cabeceiras do rio Soturno, tanto na margem direita como na esquerda, iam adquirindo ares de vilas e formando cidades. Ao lado da igreja se instalavam as casas que se tornaram centros comerciais de compra de produtos coloniais e de venda de mercadorias provenientes da capital, marcando o início das primeiras relações comerciais e da inserção dos imigrantes no circuito geral da economia.

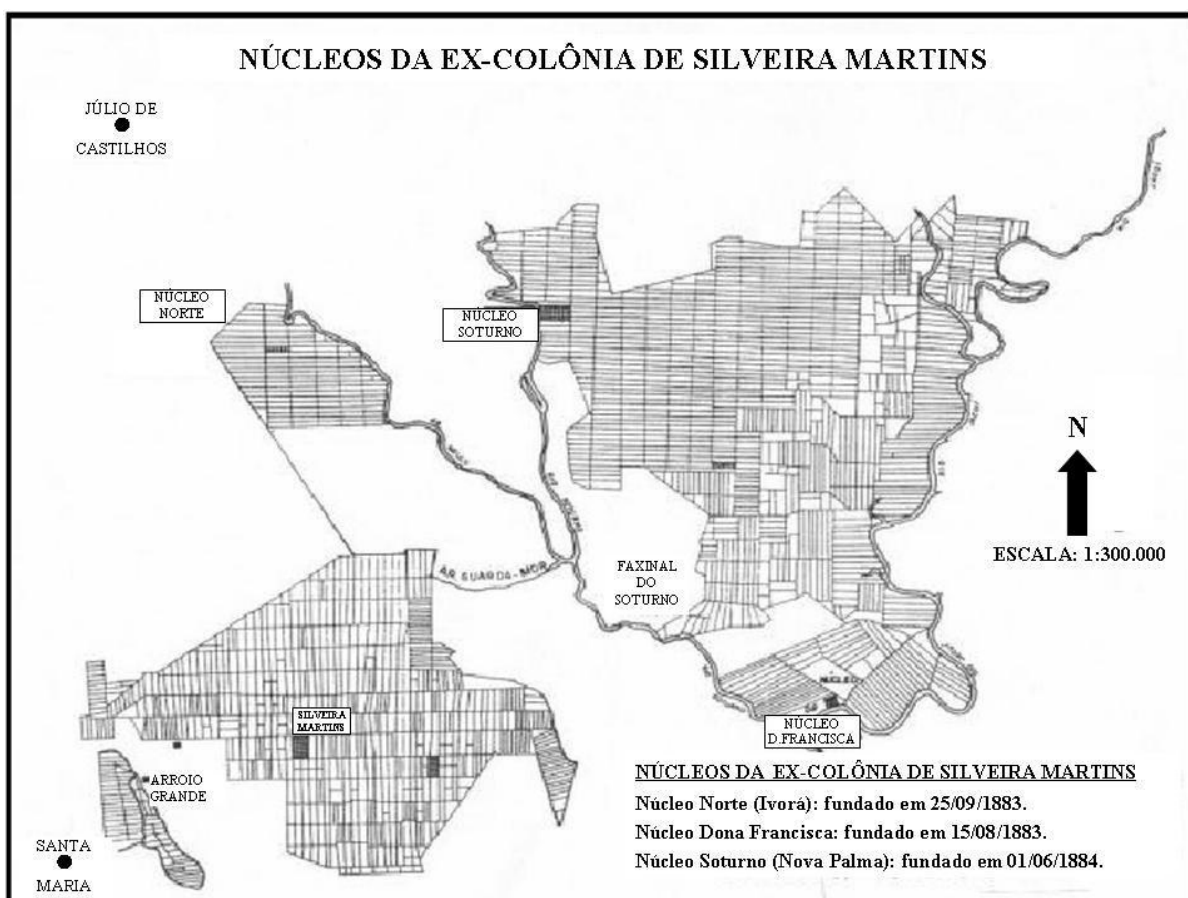
A presença das casas comerciais determinou mudanças nas relações de produção ao inserir o imigrante na lógica do capital, a partir da admissão da troca de mercadorias, em um primeiro momento pois não foi mais possível satisfazer o conjunto de necessidades apenas com o trabalho de produção na terra. Destaca-se que, diferentemente do sistema inicial, no

²⁶ Atual município de Nova Palma.

²⁷ Atual município de Ivorá.

qual o auto-abastecimento era a regra geral, o imigrante passou a depender de “outros” para suprir parte de seu abastecimento.

De acordo com Claval (1979), todos os indivíduos que se encontram envolvidos pelo circuito geral da economia são dependentes por ficarem subordinados a outras pessoas para seu abastecimento. Porém aqueles que participam diretamente da produção dispõem, também, de meios de influência, enquanto os jovens e os inativos, pela sua condição, nenhum meio de influência ou pressão exercem.



Fonte: Sponchiado, 1996.

Adaptação: Oni Nardi, 2007.

Figura 4 – Formação de novos núcleos derivados da colônia de Silveira Martins.

As casas comerciais também funcionavam como estabelecimento bancário, local de postagem de produtos agrícolas, ponto de encontro dos imigrantes e palco de discussões sobre acontecimentos da sociedade local e da vida política. Constituíam-se em uma espécie de parlamento rural na visão de Santin (1986). O comerciante, via de regra, se tornava o segundo líder na comunidade, pois o padre era o primeiro.

A liderança exercida pelo padre e pelo comerciante perante a sociedade colonial marcou o surgimento das primeiras relações de poder, pois uma das formas de surgimento do poder encontra-se na capacidade que certas pessoas possuem de influenciar outras (CLAVAL, 1979). Tornando-se sedutores e convincentes eles conseguem se fazer aceitar a si e aos seus pontos de vista.

Isso explica a influência das lideranças religiosas que tiveram papel de extrema importância na vida social, econômica e cultural das colônias. O padre, por se tratar de pessoa com maior nível de instrução, desempenhava o papel de condutor, líder, chefe carismático e, como orador bastante convincente, sua mensagem de esperança e de fé promovia a legitimação que encontrava justificativa em algo além de sua missão, o de propagar a nova fé ou se fazia de estruturador de virtudes esquecidas da religião.

Com a implantação dos núcleos e de infra-estrutura, as condições foram melhorando a partir dos caminhos (linhas) que permitiam acesso aos recursos para o crescimento e progresso. Contudo, na agricultura, depois da alegria da colheita, surgiam os problemas de transporte e de energia. Os centros comerciais das colônias eram Porto Alegre e o porto de Rio Grande.

Os produtos, para alcançar os mercados, deviam percorrer, inversamente, o caminho que os imigrantes haviam realizado até seu lote colonial. As estradas que ligavam a colônia aos portos fluviais mais próximos eram praticamente intransitáveis. O produto deveria percorrer um longo caminho saindo do campo até a sede da propriedade, da sede para o “porto fluvial”²⁸ e do porto à capital. Por terra o único meio de transporte era a carreta de bois, cuja capacidade de transporte nunca passava de 1500 Kg, o que tornava o transporte lento e oneroso.

Apesar dos problemas e do baixo preço pago pela produção agrícola, somas consideráveis em dinheiro deram entrada na Colônia, segundo a rapidez com que eram angariadas razoáveis quantias nas campanhas em prol da construção da igreja, da importação dos sinos, das imagens sacras entre outras necessidades. Havia, no imigrante, a ideologia de que uma bela igreja era símbolo de orgulho, progresso e de supremacia. Estas condições propiciavam ascender na hierarquia religiosa de capela à paróquia e isto representava, para os imigrantes, um passo fundamental para o crescimento da vila. Por isso, a disputa para sediar a paróquia nem sempre foi pacífica²⁹.

²⁸ O uso da palavra porto fluvial refere-se a um ancoradouro junto a rio navegável mais próximo da Colônia.

²⁹ Santin (1990b), relata dois casos de comunidades que entraram em conflito para sediar a paróquia. O primeiro deles ocorreu logo no início da fundação da colônia entre Silveira Martins e Vale Vêneto que pleitearam a sede

O bom desempenho dos imigrantes nas atividades econômicas pode também ser avaliado pela observação dos amplos e bonitos sobrados construídos, tanto nas vilas como na zona rural. Alguns apresentam excelente valor arquitetônico que, ainda hoje, são encontrados na paisagem da Quarta Colônia. Alguns deles apresentam bom estado de conservação servindo ao turismo, outros foram transformados em galpões ou depósitos, ou se encontram abandonados ou em ruínas.

Os imigrantes da colônia de Silveira Martins, já na primeira década da sua vida no local, sentiam-se orgulhosos de seus feitos e de sua força. A reterritorialidade havia sido alcançada e o lastro econômico estabelecido nos primeiros anos de trabalho fatigante, o que foi suficiente para permitir que outros sonhos e idéias fossem acalentados. O sonho da fartura e do sucesso econômico parecia assegurado e chegou o momento de ideais mais arrojados e grandiosos. Segundo Santin (1990b), era o sonho de uma “Città Nuova”, cidade nova, talvez de uma nova Itália. A transposição definitiva da reterritorialidade.

Este projeto estava inspirado no princípio de “L’italianità”, (a italianidade), mas durou pouco na colônia de Silveira Martins. Mal havia nascido e tomado forma, sofreu o duro e mortal golpe com o decreto Imperial de 1886, dividindo o território da Colônia entre os municípios de Santa Maria, Cachoeira do Sul e Vila Rica (atual município de Júlio de Castilhos). Partilhava-se o espaço da territorialidade como estratégia para enfraquecer os laços políticos e econômicos ao não conseguir dividir o conjunto sociocultural.

A fragmentação política do território da colônia de Silveira Martins provocou a perda do ideário de italianidade e de construção da “Cidade Nova”, porque dificultando as articulações entre os núcleos de colonização (pertencentes a três municípios diferentes), a unidade territorial estava desfeita e, conseqüentemente, a articulação política era inviabilizada.

Apesar da divisão, responsável pela perda do ideal de construção da “Città Nuova”, a vida econômica e social dos imigrantes continuou crescendo. A agricultura atingiu excelentes níveis de produção e de diversificação, chegando a se igualar e até superar, nesse período, algumas colônias co-irmãs, principalmente em trigo e vinho, conforme fica explícito nos dados da tabela a seguir (Tabela 1).

da primeira paróquia da Quarta Colônia. O segundo conflito, por sua vez, foi travado entre Nova Palma e Linha Sete (atual distrito Nova-Palmense de Vila Cruz) sendo que Nova Palma venceu a disputa.

Tabela 1 - Produção agrícola da colônia de Silveira Martins em 1884, em comparação com as demais Colônias Italianas do nordeste do Estado do RS.

Colônia	Habit	Eqüinos	Suínos	Bovinos	Trigo	Feijão	Milho	Vinho
Caxias	12.540	10.700	12.000	3.500	1.200	1.600	3.200	2.900
D. Isabel	8.339	11.700	12.000	3.800	1.445	1.736	3.011	2.795
C. d'Eu	6.036	1.732	8.422	701	749	1.608	3.556	2.795
S.Martins	6.001	2.000	10.000	1.000	1.200	1.600	3.200	2.900
Total	32.916	26.132	42.422	9.001	4.594	6.544	12.967	11.390

Fonte: Santin(1986, p.44).

As necessidades agrícolas motivaram o surgimento de pequenas indústrias destinadas a construir os implementos básicos às atividades de produção. Contudo, estas indústrias não se limitaram a produzir apenas machados, serrotes, foices e enxadas. O que se pode chamar de setor industrial alcançou projeção através do núcleo de Arroio Grande³⁰ e Faxinal do Soturno. Em Arroio Grande, este setor projetou-se através de estabelecimentos voltados à cutelaria (indústria de facas), beneficiamento de arroz, madeira e a indústria de implementos agrícolas que tinha como produto mais significativo a fabricação da trilhadeira “colonial”.

Por outro lado, o núcleo de Faxinal do Soturno conduziu o progresso socioeconômico da Colônia através de duas empresas: a fábrica de trilhadeiras marca “Tigre” que projetou Faxinal do Soturno nacional e internacionalmente com a exportação de seus produtos para vários países da América Latina. Outra empresa que se destacou foi a Usina Hidrelétrica Nova Palma Ltda, que era composta por quatro usinas dando suporte à fábrica de trilhadeiras que pertencia à mesma família e ainda gerava energia para toda a zona rural próxima.

Com o início da indústria nos municípios da Quarta Colônia e a conseqüente produção de instrumentos de trabalho, foi possível acelerar os meios de produção que se identificam como transformadores do espaço, uma vez que a indústria, ao munir o agricultor com instrumentos técnicos para o trabalho possibilitava o domínio rápido da natureza, pois “a ampliação dos conhecimentos científicos e a disponibilidade de instrumentos de trabalho mais poderosos e eficientes se traduzem na crescente capacidade de transformação social do espaço circundante” (BARRIOS, 1986 p. 6).

A evolução da indústria na Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, RQCII, e o conseqüente aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho agrícolas significaram incremento acumulado de domínio do homem sobre a natureza que foi sendo alterada, mas

³⁰ Com o “espólio” do território da Quarta Colônia entre os municípios de Santa Maria, Cachoeira do Sul e Vila Rica (atual município de Júlio de Castilhos), o núcleo de Arroio Grande ficou pertencendo ao Município de Santa Maria (atualmente 4º distrito). Contudo convém esclarecer que o município de Santa Maria não faz parte do conjunto de municípios que formam a Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

coerente com os elementos do espaço ainda que modificado, e resultante da atuação intensiva do homem sobre o seu meio ambiente. Desta forma, o grupo social estabelecido evoluiu do estágio de uma ocupação passiva para uma ocupação ativa, como se refere Barrios (1986) ao afirmar que:

As formações sociais em sua evolução passam de uma simples ocupação e do aproveitamento do espaço, ao que se chama de *adaptação passiva*, para uma situação de transformação, cada vez mais ampla e profunda ao que denomina de *adaptação ativa* (p. 4).

Esta transformação do espaço não compreende somente a produção de bens materiais, mas a uma adequação ao meio ambiente e a sua alteração para atender as necessidades individuais, familiares, comunitárias e das formações sociais em seu conjunto. Conseqüentemente, as formas espaciais que se materializaram no espaço adquiriram diferentes escalas de configuração, tais como a dos objetos de consumo, a dos fatos arquitetônicos, fatos urbanos e a da organização territorial.

Assim, pode-se adotar a conceituação de que o espaço socialmente construído ou reconstruído compreende o conjunto de elementos materiais transformados no processo da produção e da reprodução, que se apropria dos elementos materiais e de seus significados. Conforme Barrios (1986) dá a entender, as ações cultural-ideológicas são presentes no processo de produção e de reprodução e assumem importância na base da construção do espaço geográfico. Deste modo é necessário analisar como ocorreu o processo de humanização da natureza física da reconstrução da paisagem humana com seus traços únicos e da reconstrução de um território que determinou a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Para este propósito, recorre-se às colocações de Santos (1986) sobre a intervenção humana no real, quando argumenta que a imposição de finalidades humanas está subordinada às formas específicas de relações sociais, determinadas por singulares arranjos econômicos, culturais e sociais, de acordo com um certo grau de desenvolvimento tecnológico do grupo, isto é, o seu modo de produção.

As forças produtivas desenvolvem-se na relação direta estabelecida pelo homem com a natureza, isto é, na instrumentalização dos elementos naturais que ocorre no momento em que se transformam em condicionantes de vida e de produção como, por exemplo, o solo, a água, os vegetais, os animais. Por fim, todo o ecossistema naturalmente existente.

Nesse sentido, deve-se entender que a ação humana ao impor a luta por sua sobrevivência transforma o espaço natural em espaço geográfico no decurso da história. O

homem, em seu desenvolvimento antropológico, torna-se resultante de um processo dialético assentado no seu papel de instrumentalizador consciente dos elementos naturais da superfície terrestre, ao subjugar a natureza à sua vontade, premente de vida e de continuidade.

Assim procedeu o imigrante italiano: ele foi construindo pontos fixos de estabelecimento que se transformaram em lugares geográficos. A casa, a terra cultivada e os campos de pastoreio foram assinalando e concretizando a humanização da paisagem física e concebida para se transformar em núcleos humanizados e produtivos da intencionalidade humana, isto é, *o território único* (no Brasil) determinando, assim, o caráter ideológico da construção do espaço.

Concomitante a tal processo eles construíram marcas, artefatos que se estenderam ao seu redor sempre cumprindo funções. Estes objetos concretizados e plenos da intencionalidade humana e da expressão cultural formam a paisagem cultural da Quarta Colônia, que hoje significa a materialização da cultura transposta e definida na reterritorialidade cultural. Contudo, salienta-se que nem só de materialidade é composta a cultura, ela também contém valores, significações, gastronomia, vestuário, influência lingüística. Estes elementos contribuem para a definição de um cenário cultural diferenciado em relação ao entorno da RQCII, provocando curiosidade, encanto de conhecer o diferente e, conseqüentemente, promove o turismo, que será discutido no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

TURISMO NO MEIO RURAL (TMR)

O presente capítulo está destinado à discussão sobre a inserção do turismo no contexto de uma territorialidade valorizada por sua origem étnico-cultural devido ao seu meio rural que determina seu modo de vida, portanto de um espaço construído e detentor de relações socioeconômicas específicas. Também são expressos os principais conceitos presentes na literatura sobre turismo, transpostos para a realidade da RQCII. Nele, também se analisam as modalidades de turismo no meio rural que foram implementadas na Região, bem como sua classificação e características.

O espaço geográfico se compõe de duas categorias de análise, reconhecidas como a categoria urbana e a categoria rural, que constituem a dualidade de análise em Geografia: campo - cidade e/ou rural – urbano. As denominações utilizadas para denominar o rural (campo) e o urbano (cidade) não atendem a uma rigidez por parte dos geógrafos. Comumente, quando particularizadas, estas categorias, são denominadas de *meio rural* (espaço rural) e/ou *meio urbano* (espaço urbano). Outros preferem simplesmente o uso da expressão *campo* e/ou *cidade*.

O espaço geográfico não urbano é definido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - como sendo rural. Na atualidade, estas categorias tornam-se *locus* de desenvolvimento de diversos empreendimentos turísticos que podem caracterizar várias modalidades turísticas em qualquer uma das categorias.

A concepção de meio rural, adotada neste trabalho, tem como base a noção de território como o espaço sociocultural com identidades próprias. A categoria rural é mais significativa do que a categoria urbana no ambiente de uma região reconhecida como agrícola na qual as cidades se constituem em pequenos núcleos com funções administrativas, comerciais e de prestação de serviços, em primeira instância.

Neste trabalho também se considera território como um recorte de enraizamento de uma etnia, onde, pela adaptação da natureza física aos seus anseios, através do trabalho, ela desenha, no solo, uma semiografia de acordo com seus saberes culturais, conferindo-lhe a identidade cultural. Haesbaert menciona que o território

Envolve sempre, ao mesmo tempo, uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma controle simbólico sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p.18).

No meio rural desta região agrícola os elementos culturais manifestam-se, predominantemente, pela destinação da terra, focada nas práticas agrícolas e na noção de meio de vida, ou seja, o valor que a sociedade contemporânea concebe ao rural e que contempla as características mais gerais do meio rural, tais como a produção territorializada de qualidade, a paisagem, a biodiversidade, a cultura e certo modo de vida, identificado pela atividade agrícola, a lógica familiar, a cultura comunitária e sua identificação com os ciclos da natureza.

Os componentes da paisagem rural que exercem fascínio são relacionados às formas diferenciadas de uso do solo, como os cultivos agrícolas (pastagens cultivadas e plantações) e a uma série de elementos construídos pelos grupos sociais para suprir necessidades de alimentação, abrigo, moradia, produção, armazenamento e beneficiamento em diferentes períodos.

Entre estes elementos típicos que caracterizam a paisagem rural destacam-se, segundo Pires (2001), as obras de engenharia (rodas d'água, moinhos, ferrarias, adegas, olarias, silos), as instalações e benfeitorias rústicas (fornos, estábulos, mangueiras, poteiros, galpões), as pontes e passagens rústicas, as estradas e caminhos de terra, as cercas e divisores (de vegetação, pedra ou aramado), as moradias, as fortificações, as construções isoladas que integram um povoado como escolas, capelas ou igrejas e cemitérios antigos.

Sendo assim, a própria fisiologia do meio rural, determinada pelas atividades de cultivo e criação de animais entre outras realizadas, especificamente da categoria rural contribui para a formação de um espaço geográfico particularizado, ou seja, de um cenário de beleza singular, concebido a partir da coexistência entre formas naturais e humanizadas que concorrem para a construção da paisagem cultural rural e da identidade do lugar, fortes substratos ao turismo.

Por sua vez, a palavra turismo deriva da palavra francesa *tourisme*. “A matriz do radical *tour* é o latim, através do substantivo *tornus*, do verbo *tornare*, cujo significado, é giro, volta, viagem ou movimento de sair e retornar ao local de partida” (Andrade, 1997, p.30). O turismo, de forma geral, caracteriza-se pelo fluxo de pessoas viajando por regiões fora do local de sua residência e pelos empreendimentos que tentam atrair estas pessoas. Neste sentido, as belezas naturais excepcionais ou culturas particularmente interessantes são

pontos de forte atração (Pellegrini Filho, 1997). Recorrendo-se a Andrade, pode se evidenciar que:

Turismo é o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento (ANDRADE, 1997 p. 38).

No que tange especificamente ao turismo em sua versão rural, segundo Roque (2001), as atividades turísticas no rural podem ser analisadas desde a antiguidade. Neste sentido, a autora revela que os Imperadores e os guerreiros, por exemplo, locomoviam-se da cidade de Roma para os campos e, na Idade Média, há indícios de que os nobres também retornavam aos campos em busca de lazer.

Analisando a realidade européia, Cavaco (1999) afirma que o meio rural não corresponde a um destino turístico realmente novo, pois as migrações de férias traduziram, durante séculos, as relações cidade/campo, pela crescente urbanização da velha nobreza fundiária e pela ruralização das burguesias urbanas. Tratava-se, contudo, para muitos, não de pausas no trabalho e na rotina dos seus afazeres quotidianos, para recuperação de forças físicas e mentais, mas de mudança de ares, de ambiente e de vida mais ou menos ociosa, entendida como lugar de descanso.

Entretanto, as visitas sazonais ou periódicas ao campo (épocas significativas nos calendários agrícolas, particularmente das colheitas e em especial as vindimas e épocas de caça) não tinham qualquer conotação comercial e não desencadeavam processos de mudança nas estruturas socioeconômicas locais. As primeiras hospedarias ao longo do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, que também podem ser consideradas um marco do início do turismo que se adentrou em espaço rural, datam do século XI.

Contudo, foi o advento da revolução industrial e o intenso êxodo rural que reforçaram o hábito das pessoas de visitar familiares e amigos, principalmente para sair da rotina urbana. O sentido socioeconômico moderno do Turismo em Espaço Rural só aparece na Alemanha no século XIX, quando as fazendas passaram a acolher visitantes no período de férias escolares, o que acabava representando, para essas fazendas, uma alternativa complementar de renda.

No caso brasileiro, o turismo no meio rural tem sua explicação relacionada ao hábito de visitar os parentes no meio rural como uma atividade de lazer. Todavia, a inserção do turismo no meio rural como uma alternativa de renda adicional (sentido socioeconômico) teve início na década de 1980. A literatura apresenta como marco do início das atividades de

exploração turística no meio rural, a fazenda Pedras Brancas³¹, no município de Lages, no planalto serrano Catarinense, onde esta fazenda histórica que outrora servia de hospedagem aos tropeiros que percorriam o chamado *caminho do sul*, abriu as portas para o turismo, ainda em 1986.

Desta forma, o turismo, em sua versão rural, é uma atividade relativamente recente no Brasil, quando comparada a outras como o modelo sol-praia, de modo que o turismo no Brasil, historicamente, sempre se caracterizou pelo predomínio de ambientes naturais de alta beleza cênica que, dada a sua excepcionalidade, praias e montanhas, sempre foram considerados locais preferidos para recepção de turistas em busca de diversão, descanso e lazer.

Com relação aos aspectos conceituais para embasar os estudos de Turismo em Espaço Rural no Brasil, Rodrigues (2000a) chama a atenção para o fato da imprecisão dos conceitos. Para a autora esta imprecisão estaria relacionada à tentativa de classificação baseada em parâmetros europeus, que são totalmente inadequados, uma vez que a configuração do Turismo em Espaço Rural na Europa é totalmente diferente do Brasil. Ainda segundo a autora, outro fator que contribui para a imprecisão do conceito está ligado à ausência de maior rigidez no uso da terminologia existente e a defasagem dos critérios para classificação entre espaço rural e urbano.

Apesar da imprecisão conceitual, em que muitos autores fazem confusão ao considerar como intercambiáveis os termos turismo verde, turismo rural e ecoturismo, na literatura especializada, há um certo consenso entre alguns autores na importância em diferenciar turismo rural ou agroturismo de Turismo em Espaço Rural ou Turismo no Meio Rural, como uma forma de melhor classificar as formas de turismo realizadas dentro e fora das propriedades rurais.

Autores consagrados na temática, a exemplo de Cals, Capellà e Vaqué (1995) e de Campanhola e Silva (2000), consideram mais apropriado se referir à globalidade das atividades turísticas desenvolvidas no meio rural. Nessa direção Cals, Capellà e Vaqué ao analisarem o turismo sob a ótica do desenvolvimento rural, na Espanha, consideram mais apropriado referir-se à totalidade dos movimentos turísticos que se desenvolvem no meio rural com a expressão “turismo no espaço rural” (TER)³² ou em áreas rurais, reservando-se a

³¹ Esta fazenda tem sua história relacionada à época das tropeadas, se constituindo em ponto de pouso dos tropeiros que levavam gado para Sorocaba, em São Paulo, passando pelo chamado *caminho do sul*.

³² Abreviatura de Turismo em Espaço Rural.

expressão “turismo rural” para as atividades que se identificam com as peculiaridades da vida rural, seu habitat, sua economia e sua cultura.

Sin embargo, es mas apropiado referirse a la globalidad de los movimientos turísticos que se desarrollan en el medio rural con la expresion 'turismo en espacio rural, y reservar la de turismo rural para aquellas manifestaciones que en mayor medida se identifican con la especificaciones de la vida rural, su habitat, su economía y su cultura (CAL S, CAPELLÀ E VAQUÉ, 1995, p.23).

De acordo com os autores, o Turismo em Espaço Rural (TER) pressupõe atividades de Turismo no Meio Rural, na categoria geográfica rural. Na literatura nacional, restrita devido ao caráter recente da temática, uma das definições mais aceita e adotada nos estudos é a do Ministério do Turismo (MINTUR) que considera Turismo em Espaço Rural como sendo:

O conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade (MINTUR, 2003, p.7 a).

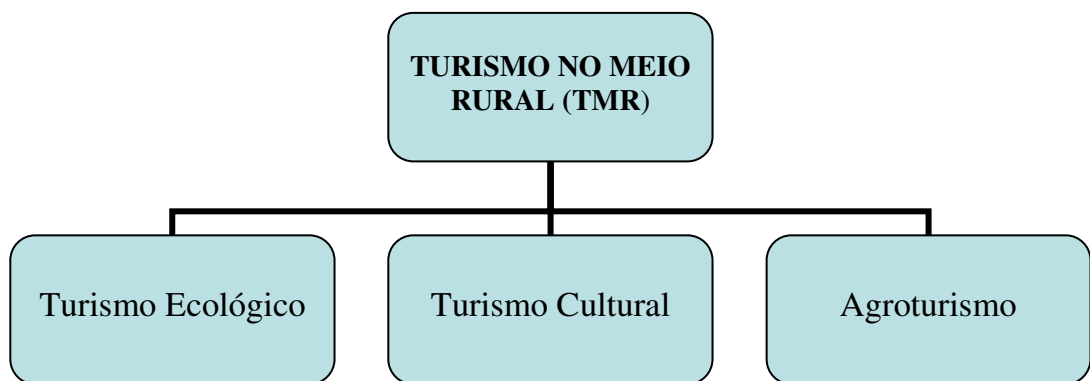
Por outro lado, pode-se entender que, seguindo as abordagens citadas até aqui, o termo “turismo rural” também conhecido por “agroturismo” se aplica à forma de turismo realizada dentro de propriedades rurais produtivas, buscando-se o descanso, o contato com a natureza e com as lidas campeiras. Já o Turismo em Espaço Rural engloba, genericamente, modalidades de turismo realizadas dentro e fora das propriedades, no espaço rural propriamente considerado ou o meio rural, como categoria de análise geográfica.

Sendo assim, este trabalho utiliza a terminologia Turismo no Meio Rural (TMR) como o conjunto de modalidades turísticas baseadas na atração da demanda para os ambientes rurais, onde os visitantes têm a possibilidade de estabelecer maior contato com a natureza e com os costumes locais/regionais, englobando a cultura do local e as peculiaridades da vida rural. Julga-se este entendimento como o mais adequado para apreender a realidade da área em estudo ao favorecer melhor leitura sobre a amplitude das oportunidades passíveis de exploração turística deste meio e permitindo englobar, também, as atividades de lazer e recreação.

No entendimento de Cavaco (1999), nos dias de hoje, pelas motivações dos turistas que o praticam, o Turismo em Espaço Rural, envolvendo o meio rural de forma ampla, é um turismo de espaços naturais e, sobretudo, de espaços humanizados, ativo ou apenas contemplativo. A autora comenta que este segmento de turismo assegura um regresso ao passado, principalmente para os cidadãos da segunda ou terceira geração, que o associam às

descrições e recordações dos pais e avós. Um turismo cultural de Igrejas e de pequenos museus e de ceifas e de vindimas à antiga, de festas aldeãs de romarias. É também um turismo que valoriza os produtos específicos do local.

Para o que é considerado Turismo no Meio Rural (TMR) ou como denomina Froehlich (2000), Turismo em Espaço Rural, prolifera modalidades diversas, como o agroturismo, ecoturismo, turismo esportivo, turismo cultural etc, que têm revalorizado o território e grupos sociais rurais carreando um crescente fluxo de urbanitas. Considerando Turismo no Meio Rural como o conjunto de modalidades turísticas desenvolvidas no meio rural, faz-se necessário salientar que na Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana destacam-se, basicamente, três modalidades de turismo, instituídas ainda na década de 90 por força do terceiro subprojeto do Projeto de Desenvolvimento Sustentável PRODESUS: o turismo ecológico, o cultural e o agroturismo (Figura 5).



Organização Oni Nardi, 2006.

Figura 5 – Principais modalidades de Turismo no Meio Rural praticadas na RQCII.

Considerando as três formas acima como representativas das modalidades de Turismo praticado no meio rural da região de estudo, a Quarta Colônia de Imigração Italiana, passamos, na seqüência, a descrevê-las mais detalhadamente em suas origens e desdobramentos.

2.1 - Turismo Ecológico

O turismo ecológico deriva de uma mudança de atitude da população em geral, cada vez mais consciente da importância do contato com a natureza preservada, buscando qualidade de vida, uma vez que a tranquilidade e ambiente ecologicamente saudável, serão

muito escassos no futuro, dado o avassalador aumento do modelo de vida urbano e seus efeitos nefastos.

Para Tonini e Lunardi (2006), o efeito do aumento da urbanização fez com que as pessoas passassem a viver em um ambiente de competição, cada vez mais preocupadas com o sucesso profissional, descuidando-se com a saúde. Segundo as autoras, este comportamento suscitou, por exemplo, sintomas como angústia, ansiedade, depressão, estresse entre outros com maior frequência causando um aviltamento da qualidade de vida.

Todos estes problemas, advindos da atribulada vida cidadina, têm aumentado a conscientização sobre a necessidade da busca de vivências diferentes das do contexto urbano. Trata-se do contato com as amenidades naturais, as quais são abundantes no meio rural³³. Elesbão (2006), afirma que o processo de urbanização e todas as conseqüências daí geradas, aliadas aos movimentos ambientalistas, determinaram uma crescente valorização da natureza, da necessidade de sua preservação e dos benefícios para a qualidade de vida através do contato do homem com ela.

Frente a este quadro, o meio rural passa a ser olhado como um espaço com diversas atribuições, não somente com relação à produção que nele se realiza mas também pela atração que exerce cada vez mais nos citadinos, sendo que às clássicas funções do meio rural passa-se neste momento a incorporar outras, notadamente imbuídas nas atividades de lazer e turismo.

No entendimento de Ehlers (2005), ainda no século XVIII as amenidades rurais³⁴ eram valorizadas e idealizadas pelos urbanitas, pois, segundo o autor, além da noção de salubridade a imagem do meio rural com seus campos, bosques e plantações era geralmente associada à

³³ Ao analisar as relações entre natureza e espaço rural, Froehlich (2002), menciona que há muito tempo na história humana, o espaço rural tem sido identificado como aquele do primado da natureza, sobretudo quando posto em relação com o espaço urbano, o qual é visto como o lugar de artificializações e da não natureza. Para as escolas da Geografia Francesa, citando alguns de seus clássicos: Carl Ritter, Paul Vidal de La Blache e Friedrich Ratzel e mais na atualidade Paul Claval, e Brasileira a partir de Milton Santos, as relações dos homens com a natureza ocorrem de duas formas básicas: direta e indireta. Elas determinam a constituição das duas categorias de análise da Geografia: a primeira natureza, a das relações dos homens com a natureza alterando-a, criando e adaptando-se a ela e assim formando o meio rural. A segunda natureza, que pode ser considerada um estágio avançado das relações do homem sobre a natureza, onde a aplicação de técnicas e as transformações são mais intensas porque a concentração humana também o é em um determinado lugar, constituindo o meio urbano. Hoje o distanciamento técnico-científico entre estas duas categorias geográficas e a conscientização da preservação do meio ambiente, em muitos lugares tem permitido a proteção e a valorização da primeira natureza geográfica e suscitado interesses de exploração de novas atividades notadamente a turística, ocorrendo uma valorização do meio rural, mediante a inserção de novas funções associadas a demandas ecológicas e à busca pela natureza.

³⁴ As amenidades são entendidas como um conjunto de qualidades associadas a uma atividade ou a um determinado local que desperte prazer ou bem estar seja no ambiente urbano ou rural. No meio rural estão presentes em ambientes naturais preservados ou em áreas criadas pelo homem como as plantações, as fazendas ou os monumentos históricos. Também são geralmente associadas às tradições culturais e às manifestações folclóricas de uma região, tais como festas, danças, culinária, artesanato local etc. São, portanto, as heranças naturais ou as manifestações culturais passíveis de serem apreciadas pelo seu valor estético, emocional ou simplesmente, pela sua existência (OCDE, 1999, *Apud*, EHLERS, 2005, p.497).

pureza e à ingenuidade, em oposição às cidades, com suas fábricas, oficinas e escritórios, que supostamente concentravam a falsidade e a mundanidade.

Na Europa, os espaços rurais passaram a ser procurados e visitados cada vez mais pela qualidade do ambiente, em particular dos tempos meteorológicos para a convalescença e a cura de visitantes débeis ou doentes em uma espécie de turismo de saúde climático nas áreas de verões frescos e invernos amenos próprios para a recuperação de organismos afetados pela tuberculose (Cavaco, 1999). O Turismo termal é praticado junto as nascentes de águas mínero-medicinais de potencialidades curativas reconhecidas, espalhadas no meio rural de planície ou de montanha, afirmando a presença do turismo ecológico.

Nas pesquisas de Cavaco (1999) foi detectado que, nos últimos decênios, a procura turística por espaços rurais naturais conheceu novas mudanças e diversificações pela sua redescoberta por parte das classes média alta e alta das sociedades urbanas, sem raízes rurais fortes e sem filiação aos espaços visitados. Estes turistas se direcionam ao campo, segundo a autora, empreendendo uma linha de fuga aos ambientes de cimento, da poluição química e sonora.

Segundo Ehlers (2005), o processo de revalorização do meio rural, assistido nas últimas décadas é um reflexo do avanço do movimento ambientalista e dos notáveis aumentos dos problemas ambientais nas grandes aglomerações urbanas. Segundo o referido autor, esses problemas fizeram com que a possibilidade de contato com as amenidades presentes no meio rural (como já foram no passado) voltassem a ser uma alternativa de lazer ou mesmo de residência para habitantes metropolitanos.

De acordo com Veiga (2004), tornou-se cada vez mais forte, nos últimos 20 anos, um fenômeno novo em todas as sociedades mais desenvolvidas que diz respeito à atração que os espaços rurais exercem e que resulta do grande aumento da mobilidade com um crescente leque de deslocamentos. Segundo o autor, nos últimos tempos, “as principais vantagens comparativas voltaram a ser as riquezas naturais, mas de outro tipo. São belezas paisagísticas, a tranquilidade, o silêncio, a água limpa, o ar puro, tudo ligado à qualidade do meio ambiente natural” (p.63). No entendimento de Rodrigues (2000 p.112 b):

A montanha, a natureza exuberante ou a paisagem natural convertem-se em um cenário onde os cidadãos buscam reencontrar o calor eliminado da vida cotidiana pelo progresso. Tal fato se traduz pela fruição da natureza na busca pelo autêntico, pela necessidade de paz, tranquilidade e repouso; pela valorização da gastronomia local, tudo em nome da recuperação do equilíbrio pessoal.

A crescente valorização da natureza no âmbito das sociedades contemporâneas se contrapõe ao estilo urbano-industrial de vida até então supervalorizado e uma das formas que este fenômeno assume no rural é a conversão desta valorização da natureza em atividades turísticas e de lazer, especialmente em espaços abertos e com ampla integração dos recursos naturais.

Deste modo surge o turismo ecológico em meio rural o qual age diminuindo sintomas físicos e psíquicos gerados pela agitação da moderna vida urbana ao retirar a pessoa temporariamente deste contexto e colocá-la em contato com as amenidades e a harmonia do meio rural. Estas são capazes de contribuir para melhorar a adaptação funcional de vários “grupos ou indivíduos que encontram, assim, uma via de evasão, uma espécie de terapia eventual, periodicamente repetida, para suportar melhor as rotinas de sua hiper-racionalizada e programada continuidade urbana” (FROEHLICH, 2000 p.183-184).

O turismo ecológico³⁵ se inclui no conceito de turismo no meio rural, sendo uma das atividades mais procuradas pelos habitantes urbanos e um dos mercados mais emergentes. Esta modalidade de turismo está mais direcionada para a contemplação da natureza e requer espaços ambientalmente limpos e áreas com bom grau de preservação. Segundo Mattei (2004, p.193), “as atividades desenvolvidas variam conforme os ambientes, indo desde a contemplação de paisagens, passeios em trilhas ecológicas, até a prática de esportes radicais, como *rapel*³⁶ e *rafting*³⁷”. Tais atividades desenvolvidas permitiram a introdução do termo Ecoturismo no Brasil no final dos anos 80, seguindo a tendência mundial de valorização do meio ambiente.

A EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo iniciou, em 1985, o Projeto “Turismo Ecológico”, criando, dois anos depois, a Comissão Técnica Nacional constituída juntamente com o IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, primeira iniciativa direcionada a ordenar o segmento. Ainda na mesma década foram autorizados os primeiros cursos de guia especializado, mas foi com a Rio 92 que esse tipo de turismo ganhou visibilidade e impulsionou um mercado com tendência ao franco crescimento.

O turismo ecológico, também chamado de ecoturismo, particularmente, deixou de ser visto como uma atividade alternativa de aficionados por meio ambiente e ganhou uma

³⁵ No entendimento de Rodrigues (2000b) as demandas por esta modalidade são sustentadas pela mudança de um ambiente exótico, que permite a recuperação das energias perdidas, pelo contato mais intenso com a natureza, o qual alimenta o mito do eterno retorno e pela busca de lugares não massificados, bucólicos, sem ruídos, autênticos e naturais.

³⁶ Esporte radical que consiste na descida de alturas com o auxílio de uma corda.

³⁷ Esporte radical que consiste na descida de rios encachoeirados a bordo de botes.

conotação diferenciada passando a ser considerado pelo Ministério do Meio Ambiente como “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural incentiva sua conservação e busca formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas”, (EMBRATUR/IBAMA, 1994, p. 19). Na tentativa de reforçar a explicação sobre este tipo de turismo buscou-se apoio nas palavras de Beni (2004, p. 427) que considera o turismo ecológico como sendo:

A denominação dada ao deslocamento de pessoas para espaços naturais, com ou sem equipamentos receptivos, motivadas pelo desejo/necessidade de fruição da natureza, observação passiva da flora, da fauna, da paisagem e dos aspectos cênicos do entorno. Incluem-se aqui também aquelas que buscam uma observação participante e interativa com o meio natural, na prática de longas caminhadas, escalada, desbravamento e abertura de trilhas, *rafting*, outros esportes radicais em que a natureza é apenas o pano de fundo para o desafio de superar limites físicos de tolerância como *canyoning*, *off-road*, *rapel*.

Em termos econômicos, segundo o WWF (2003), o turista, motivado pela natureza, gasta mais dinheiro na viagem que o turista tradicional, embora permaneça menos dias na área visitada. Esse acréscimo, em muitos casos, segundo a instituição, chega a US\$ 1 mil por turista. Representa 5%, (cinco por cento), do turismo mundial, podendo alcançar 10%, (dez por cento), ainda nessa década. No Brasil, esta modalidade turística representa uma importante contribuição para o desenvolvimento sustentável dos municípios e o seu mercado conta com meio milhão de turistas, gerando trinta mil empregos diretos, com investimentos corretos e projetos sustentáveis.

Em termos de possibilidade de promoção do desenvolvimento, o turismo ecológico se apresenta como um forte aliado na busca do desenvolvimento rural sustentável, propondo aproximar a preservação da base de recursos naturais com os ganhos financeiros, ou seja, pretendendo ser uma atividade econômica que se vale da natureza preservada para o seu desenvolvimento, de forma a contrariar a lógica das relações capital e natureza que, na maioria das vezes, obtém lucros em cima da depreciação da base de recursos naturais.

Esta atividade, sem dúvida, pode contribuir para a geração de emprego e renda às populações locais, valorização da cultura local e, ao mesmo tempo, conservar o meio ambiente, diminuir a pressão sobre os recursos naturais, incentivar a pesquisa científica e a busca de relações harmônicas homem-natureza.

Considera-se que esta possibilidade é vista com ceticismo pois a atividade turística de modo geral e, principalmente, o turismo ecológico ou ecoturismo opera, segundo a lógica dos negócios, com busca de retornos econômicos de curto prazo, o que termina por gerar impactos

socioambientais, podendo ser assim resumidos: comprometimento do ambiente natural ou cultural dos destinos; aumento das desigualdades sociais das populações locais pela apropriação da prosperidade gerada; estímulo da dependência econômica das comunidades receptoras sem oferecer garantias de longo prazo; e descaracterização das culturas locais, substituindo-as por formas estereotipadas que anulam o interesse turístico original.

Por isso, a maneira mais eficaz de se evitar os impactos negativos do turismo ecológico é o planejamento, buscando fortalecer ações que proporcionem a exploração turística sem comprometer a base de recursos naturais. Nesse sentido, uma das formas de se alcançar isto é estruturar a modalidade turística associando-a com a noção de desenvolvimento sustentável. Tal associação já deu margem à noção de turismo sustentável, o qual se caracteriza por ser:

[...] aquele que atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida (OMT, 2003 *apud* MINTUR, 2005 p.14).

Para Sachs (2004), no turismo sustentável, o uso dos recursos naturais deve manter a capacidade de equilíbrio dinâmico dos ecossistemas, aumentar a capacidade de geração de recursos naturais renováveis, limitar o uso de recursos não renováveis ou ambientalmente prejudiciais, reduzir o volume de poluição e restringir desperdícios. Inclui questões relacionadas com a gestão integrada de recursos naturais, como o manejo sustentável dos recursos: preservação, reciclagem, reutilização e combate ao desperdício, além da conservação de recursos finitos, de modo que o desenvolvimento seja possível dentro de uma ética ambiental solidária com a natureza e com as futuras gerações.

2.2 - Turismo Cultural

Esta modalidade de Turismo no Meio Rural (TMR) constitui-se na utilização de recursos artísticos, históricos, dos costumes das populações em geral e da sua indiscutível preservação. Genericamente pode-se dizer que é o turismo que tem como finalidade expor à visitação o patrimônio histórico e cultural de uma comunidade ou região, valorizando a forma de criação humana que empresta identidade ao espaço geográfico, constituindo um território (MATTEI, 2004). Complementa-se esta conceituação com a definição de Beni (2004 p.430), para quem Turismo Cultural:

Refere-se à afluência de turistas a núcleos receptores que oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas, representado a partir do patrimônio e do acervo cultural, encontrado nas ruínas, nos monumentos, nos museus e nas obras de arte.

No meio rural, esta modalidade se desenvolve a partir da contemplação da paisagem agrícola, da participação em ritos da atividade agrária, eventos festivos tradicionais e tudo o que envolve o modo de vida inerente à cultura tradicional campesina.

A prática da modalidade turismo “cultural”, obviamente, perpassa o tipo de organização sócio-espacial, seja urbano ou rural. Entretanto, no espaço rural, este turismo encontra farto substrato na medida em que muitos saberes patrimoniais encontram-se embutidos nas formas cotidianas que envolvem a vida rural no Brasil mesmo porque, conforme lembra Diegues Júnior (1979 p.121), a sociedade brasileira se formou no meio rural, onde se verificaram “as primeiras relações entre os grupos que formavam nossas populações; no meio rural se encontram as raízes de nossa organização social”.

Mazuel (2000), ao estudar as interfaces entre o patrimônio cultural rural e o turismo rural na França, coloca que a noção de patrimônio cultural rural³⁸ é recente assim como a descoberta de seu valor turístico, tratando-se portanto, de um fato em que existem, ainda, dificuldades de definição, conhecimento, preservação, divulgação e até mesmo de venda deste patrimônio. Contudo, o patrimônio cultural tangível e intangível é de suma importância para o Turismo no Meio Rural.

A partir da relação entre turismo e cultura, é necessário vislumbrar uma dinâmica a três entre cultura, turismo e desenvolvimento local sustentável do território. Nesse sentido, o desenvolvimento local é indispensável, pois as ações estabelecidas sobre o plano cultural e turístico devem repercutir diretamente na vida dos habitantes, em suas condições econômicas e sociais, no futuro dos territórios, ainda que respeitados os componentes naturais e humanos de turismo cultural de massa.

³⁸ O patrimônio cultural engloba não apenas a história de um povo, mas o conjunto de realizações humanas em suas mais diversas expressões, incluindo hábitos, costumes e tradições. Na região em estudo, sem sombra de dúvida, apesar de todas as destruições do patrimônio cultural tangível e da perda de hábitos culturais durante o transcurso do tempo, ainda existe farto patrimônio preservado que resistiu à dinâmica socioespacial ocorrida no decurso do tempo, constituindo-se em atrativos potenciais à espera de qualificação, adaptação ou refuncionalização para atender a dinâmica do turismo. A destruição do patrimônio cultural tangível realmente é um fato lamentável que tem ocorrido na região e que muito contribui para o esmaecimento da identidade territorial, indo na contramão do fortalecimento das oportunidades de desenvolvimento territorial. Nesse sentido, Pe. Clementino Marcuzzo, em suas pesquisas, identificou que somente em Vale Vêneto, nas últimas décadas, foram destruídos cerca de 20 sobrados coloniais italianos, grande parte de valor histórico-cultural incomensurável. Segundo Marcuzzo tratavam-se de pessoas que construíam casas novas e não viam mais nenhuma utilidade nas casas antigas, sendo então demolidas.

Para Mazuel (2000), a primeira condição para unir de modo durável cultura e turismo rural diz respeito à valorização das características intrínsecas e não exógenas ao território, colocando ainda que o turismo cultura rural é difuso, repousa sobre pequenas estruturas, sítios privilegiados, preservados e autênticos, onde há todo um cuidado em oferecer aos visitantes um produto que corresponda às realidades históricas, sociais e culturais de uma região e de sua população: uma aldeia típica, uma tradição agrícola peculiar, um conhecimento local.

Essa modalidade turística está profundamente relacionada com o aspecto cênico da paisagem cultural de uma região agrícola, moldada pelo trabalho de primeira natureza, o de humanização da paisagem, cuja leitura identifica o grupo étnico aí estabelecido e seus costumes e tradições. Por outro lado, o turismo cultural, tem uma grande possibilidade de desenvolvimento na medida em que o meio rural apresenta grande riqueza sócio-cultural, (ritos, arquitetura, paisagens etc) que no momento atual da fase do capitalismo globalizante é cada vez mais valorizado, conforme esclarece Alves:

Na atual fase do capitalismo, determinada pela globalização, está ocorrendo uma nova demanda turística, sendo esta uma consequência de uma mudança de valores que ocorre não só no Brasil, como em outras partes do mundo. Uma mudança cultural que tem entre os aspectos mais visíveis o surgimento de uma consciência ecológica em escala planetária, a reivindicação de identidades locais, a valorização do exótico, uma valorização cultural, a convivência entre o novo e o arcaico (2004, p.5).

O ambiente cultural contemporâneo, segundo o autor (*Ibid*, 2004), é pós-moderno no sentido de que não postula mais recorrer a um elenco de indicadores pretensamente universais, mas valoriza a diferença. Nesta fase do capitalismo, a lógica própria do sistema é cultural, pois a cultura vem sendo colocada como um produto local frente à busca pelo exótico, pelo “enraizado”, pela singularidade e valorização das identidades individuais, locais e regionais. Buscam-se novos elementos culturais, o diferente, as “autenticidades perdidas” e as coisas mais “lúdicas e encantadas”, enfim, o consumo de produtos diferenciados, singulares e com identidade própria (*Ibid*, p.6).

Na avaliação de Brambatti (2002), a valorização da cultura tradicional local é um instrumento de resistência aos padrões unificadores da globalização, onde os roteiros de turismo cultural rural são formas de legitimação de uma cultura e identidade existentes. São a prova histórica, o testemunho vivo de uma identidade que se manifesta no espaço geográfico, legitimando uma identidade regional étnica, uma verdadeira afirmação de diferenças, de positivities constitutivas não do velho, mas que serve de referência do novo; produto da

criatividade “reinventora” da tradição, como uma vantagem comparativa e competitiva do mundo moderno.

O turismo cultural, no meio rural, propicia um sentimento de partilhamento ao mundo da identidade cultural. Ademais, o turismo cultural, ao propiciar a preservação do patrimônio histórico em áreas rurais, carrega consigo uma forte conotação social, na medida em que manifesta a dimensão do pertencimento, da construção da identidade coletiva de pessoas portadoras de tradições genuínas, que formam e conformam este patrimônio, quer seja arquitetônico, cultural, lingüístico ou religioso.

No âmbito da valorização territorial rural, com base na cultura, a preservação do patrimônio cultural ligado à agricultura consiste em uma das principais estratégias para que não se perca a identidade dos territórios rurais e, conseqüentemente, para o planejamento do desenvolvimento com base nos recursos endógenos. Forte exemplo disso, na Europa, é o programa LEADER³⁹ que reconhece e prevê ações no sentido da preservação deste patrimônio para a manutenção da identidade territorial. Este programa postula que:

Ao nível do território deve-se ter em conta o valor patrimonial, estético e histórico, que poderá assumir uma importância fundamental para o desenvolvimento do mesmo [...] evidenciando a importância da função patrimonial da agricultura e da pecuária, nomeadamente quando se tratava de salvaguardar e valorizar um patrimônio local em vias de extinção (LEADER, 2002, p.35-38).

Jorge (2006) menciona que a valorização dos territórios rurais cada vez mais passa a ser vinculada à valorização do seu patrimônio o qual, por longo tempo, foi considerado um pesado item de despesas por parte dos administradores públicos, mas na fase atual se torna comum a avaliação de que o patrimônio é uma vantagem comparativa, um fator de produção, um recurso. Ao lado do Estado, as coletividades locais tornaram-se protagonistas de sua valorização e o patrimônio é visto pela administração local como promotor dos territórios rurais passando de uma lógica de despesa para uma lógica de investimento, na medida em que:

³⁹ O LEADER - Ligação entre atividades de desenvolvimento da economia rural constitui-se em um amplo programa para o desenvolvimento rural implantado na comunidade europeia. Constituiu-se em um instrumento de política pública baseado na perspectiva territorial que vem chamando a atenção de especialistas de todo o mundo. Este programa surgiu dentro da União Europeia como resposta aos interesses gerados pela nova concepção de desenvolvimento rural, como medida para fazer frente à crise do mundo rural e da incapacidade constatada na implementação de políticas agrárias até o início da década de 1990 para resolver problemas como esvaziamento populacional, envelhecimento e masculinização da população rural, degradação de recursos naturais dentre outros.

A valorização do patrimônio é um meio de se constituírem recursos específicos e de se angariarem os atores locais em torno de uma causa. Esta valorização permite, ainda uma especificação de identificação do território da mesma maneira como uma empresa elabora uma marca para criar laços de fidelidade com o cliente e construir, no interior da concorrência, um segmento que se avizinha (*Ibid*, 2006 p. 6).

Os roteiros de turismo cultural no meio rural, enquanto ações concretas de re-invenção das tradições, constituem-se em elemento privilegiado para o desenvolvimento de ações comunitárias de pertencimento, de organização associativa, de atividades criadoras, onde a ação coletiva adquire uma dimensão social que transcende o aspecto meramente econômico.

Segundo o Ministério do Turismo, a relação turismo e cultura são intrínsecas. Desde os primeiros registros de deslocamentos tendo a cultura como motivação principal, em meados do século XVIII, nas viagens denominadas *grand tours* até a atualidade, as preferências e gostos dos turistas alteraram-se. Foram incorporadas novas formas de ocupação do tempo livre e, especialmente, de relacionamento com a cultura dos visitados, levando à caracterização do segmento denominado Turismo Cultural. O conceito de turismo cultural, cunhado por esta autarquia, construído a partir das contribuições do grupo técnico temático de turismo cultural que se baseou em uma releitura da atividade e da abordagem histórica e da prática turística de caráter cultural no Brasil e no mundo, o caracteriza como sendo uma modalidade que, “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (MINTUR 2003, p.13 b)

A inserção desta modalidade turística no espaço rural está fundamentada na presença de rotas turísticas que têm por finalidade valorizar os hábitos e a cultura do campo a que denominamos de “turismo cultural em meio rural”. As rotas baseiam-se no resgate e na preservação dos valores culturais, valores estes que, na Região em estudo, foram construídos pelos imigrantes provindos do norte da Itália (região do Vêneto), a partir de sua reterritorialização iniciada em 1877 e cujos valores históricos e culturais são transmitidos de geração em geração.

As características fundamentais desta modalidade de turismo se expressam na motivação do turista em entrar em contato com novos hábitos, idéias, museus, igrejas, obras de arte, entre outras correlatas. No meio rural, esta modalidade é embasada na utilização dos recursos culturais de território em área rural, recursos artísticos, históricos, costumes e que se estende à religiosidade, podendo ou não interagir com a realidade do turismo em espaços rurais voltados para atividades agropecuárias.

O Turismo no Meio Rural, na sua modalidade cultural, inclui a manifestação religiosa e seus ritos no espaço rural, muito comum em regiões e pequenas áreas rurais. Dada a sua manifestação e importância, pode receber tratamento a parte, porém, como se trata de uma manifestação cultural significativa na área de estudo será inserida como uma ramificação do turismo cultural cuja justificativa reside no fato de que a religiosidade faz parte do sistema cultural de um povo. A religião é uma ideologia milenar cunhada na história cultural da humanidade. A arte sacra e a arquitetura religiosa também se constituem em expressões culturais. Andrade (1997 p. 77) por seu turno conceitua o turismo religioso como sendo um:

Conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos carentes ou pessoas vinculadas a religiões.

Desta forma, a institucionalização do turismo religioso está intimamente ligada às peregrinações que, ao longo do tempo, deram origem ao aparecimento das pousadas, hospedarias na beira dos caminhos, povoados, portos e cidades, onde os peregrinos podiam pernoitar, descansar e dispor de alimentação, bebida e até mantimentos para a continuação da viagem.

Para o estudo da manifestação religiosa no meio rural deve-se esclarecer dois conceitos básicos determinantes da espacialidade inerente a este tipo de deslocamento turístico, ou seja, o conceito de espaço sagrado e o de espaço profano, pois segundo Camargo (1979, p. 188):

A sacralidade generalizada da cultura rural pode ser percebida em suas dimensões de sagrado e profano. O espaço do mundo rural é frequentemente marcado por áreas sacrais que levam os fiéis a um estilo de comportamento adequado, com sinais de respeito, medo e veneração. Em primeiro lugar a igreja e a capela, consagradas com sua densidade variada de sacralidade a partir do altar e decrescendo até a porta e as imediações. Em segundo lugar as cruzes nas estradas ou pequenos santuários, que marcam sítios onde ocorreram mortes, e os oratórios nas residências, com seus pequenos santos de barro ou madeira, em estilo primitivo ou barroco.

Tais conceitos também foram estudados por Rosendhal (2002) entendendo que o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente da realidade do cotidiano. “A manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma árvore, uma pedra ou uma pessoa, implica algo de misterioso, ligado à realidade que não pertence ao nosso mundo” (ROSENDAHL, 2002, p. 27).

Para Mattei (2004), a forma de realização deste segmento do turismo cultural compreende as viagens realizadas aos locais de peregrinação e que são ligadas à vida dos

santos, milagres, fatos bíblicos ou ainda aos lugares onde os fiéis buscam uma referência de apoio diante das atribulações modernas, sendo que esta modalidade de turismo movimentava grande quantidade de pessoas motivadas pela fé religiosa.

Segundo o Ministério do Turismo Brasileiro, o turismo religioso configura-se, pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa, em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas, tais como as afro-brasileiras, a espírita, as protestantes, a católica, as de origem oriental, compostas de doutrinas, hierarquias, estruturas, templos, rituais e sacerdócio. A busca espiritual e a prática religiosa, nesse caso, caracterizam-se pelo deslocamento a espaços e eventos com a finalidade de:

- Realização de peregrinações e romarias
- Participação em retiros espirituais
- Participação em festas e comemorações religiosas
- Contemplação de apresentações artísticas de caráter religioso
- Participação em eventos e celebrações relacionados à evangelização de fiéis
- Visitação a espaços e edificações religiosas (igrejas, templos, santuários, terreiros)
- Realização de itinerários e percursos de cunho religioso
- Outros (MINTUR, 2003, p. 16 b).

Andrade (1997) comenta que o turismo religioso efetua-se sob formas de turismo individual ou de turismo organizado, em programas cujos objetivos se caracterizam como romarias⁴⁰, peregrinações e penitência, de acordo com os objetivos religiosos dogmáticos e morais dos fiéis visitantes.

No entanto, segundo o autor, apesar da ampliação desordenada do significado, torna-se indispensável prestar atenção a algumas especificidades técnicas quando à terminologia para melhor conceituar os deslocamentos por motivação religiosa, os quais possuem algumas especificidades que os distinguem. Nesse sentido Andrade (1997 p. 78) sistematiza três tipologias de deslocamentos, de acordo com suas características, onde:

- 1^a – Quando alguém, por livre disposição e sem pretender recompensas materiais ou espirituais, viaja a lugares sagrados, o conjunto de atividades denomina-se *romaria*.
- 2^a – Quando alguém visita lugares sagrados para cumprir promessas ou votos anteriormente feitos a divindades ou a espíritos bem aventurados, o conjunto de atividades chama-se *peregrinação*.
- 3^a – Quando alguém, empenhado em remir-se de suas culpas e de seus pecados, de forma livre e espontânea ou por conselho ou disposição de líderes religiosos, se dirige a lugares sagrados ou a outros lugares, em espírito de arrependimento e compunção, o conjunto de atividades é designado como *viagem de penitencia* ou *viagem de reparação*.

⁴⁰ O termo romaria advém do hábito de os Cristãos visitarem Roma na antiguidade, e que, posteriormente foi ampliado a todas as viagens de caráter religioso a qualquer centro espiritual de fé.

O deslocamento de grandes massas para peregrinações ou romarias, acaba demandando o uso da infra-estrutura turística (hotéis, restaurantes, traslados etc). Os locais de atração, notadamente os santuários, se constituem em grandes núcleos receptores da fé e, conseqüentemente, de turismo, cujas dimensões, pela propaganda e pelo “marketing” direto e indireto e as ações de promotores e comerciantes instalados estrategicamente nestes locais ou nas adjacências onde aconteceram feitos extraordinários, acionam os agentes turísticos, de modo que, motivados pela propaganda e pelo “marketing” estes deslocamentos superam as manifestações de fé e as próprias motivações religiosas.

Em nível de Brasil, o turismo religioso tem como principais pólos de atração de peregrinos o santuário de Nossa Senhora Aparecida no Município de Aparecida do Norte, situado no vale do Paraíba no Estado de São Paulo; Canindé e Juazeiro do Norte no Ceará; Bom Jesus da Lapa, na Bahia; Nova Trento em Santa Catarina, além de eventos como as cavalhadas de Corumbá de Goiás; o Círio de Nazaré em Belém do Pará, bem como inúmeras festas do divino, folias de reis, novenas, romarias (Nossa Senhora Medianeira em Santa Maria) e demais procissões e encenações que ocorrem por todo o território Brasileiro, como também na RQCII.

2.3 - Agroturismo

O agroturismo é a modalidade de Turismo no Meio Rural mais diretamente ligada às atividades agrícolas, tais como o revolvimento do solo, o plantio, a colheita, a ordenha das vacas etc, ou seja, esta modalidade não abandona a agricultura, mas sim, vale-se dela para atrair o interesse do turista.

Para Silva *et al* (1998), o agroturismo vem a ser o conjunto de atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam fazendo parte do cotidiano da propriedade, em maior ou menor intensidade devendo ser entendida como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas com eventual contratação de mão de obra externa. Entretanto a característica mais recorrente é o fato de que a maior parte da mão-de-obra empregada nesta modalidade vem da própria família, já que o agroturismo é realizado, geralmente, em pequenas propriedades com base na agricultura familiar.

No entendimento de Rodrigues (2000a), o espaço geográfico do agroturismo é constituído pela propriedade agrícola produtiva, ou seja, o urbanita procurando os benefícios da natureza nas áreas rurais produtivas. No que tange às motivações pela demanda é possível

citar a mudança de um ambiente estressante para um ambiente tranquilo, contato com a natureza, convivência com um estilo de vida mais simples etc.

Segundo Portuguez (2005), enquanto atividade produtiva, o agroturismo tem como objetivos, a geração de renda, geração de postos de trabalho, o aumento da arrecadação de impostos e, ao mesmo tempo, funcionar como otimizador dos empreendimentos rurais em áreas de interesse de visitação, que contam com aspectos culturais e naturais atraentes para uma demanda predominantemente urbana, cada vez mais diversificada e exigente.

Em termos sociais, esta atividade tem o objetivo de reduzir, ou até mesmo evitar, o êxodo rural, valorizar o trabalho familiar, divulgar a diversidade étnico-cultural existente no meio rural e promover intercâmbios culturais pela interação da população urbana com a rural.

Do ponto de vista estratégico, a minimização das desigualdades regionais é o principal fator pois, caso gere resultados satisfatórios, esta modalidade de turismo pode até incentivar os investimentos públicos em assistências às comunidades carentes. Caso o agroturismo consiga levar ao campo maior movimentação financeira em forma de investimentos infra-estruturais de uso coletivo, haverá possibilidade de melhoria da qualidade de vida do meio agrário (PORTUGUEZ, 2005).

Em termos ambientais, os objetivos do agroturismo se vinculam às estratégias de crescimento econômico com conservação ambiental, criando vínculos afetivos entre as pessoas (residentes e visitantes) e os recursos naturais existentes tais como, matas, rios, chapadas, montanhas, fauna, flora etc. Para o autor (*Ibid*, 2005), o entendimento de sustentabilidade, atualmente em voga, está sendo vinculado ao respeito aos saberes locais, sendo, portanto, o agroturismo um elemento promotor da preservação do meio ambiente e de valorização das culturas ditas tradicionais.

Do ponto de vista comercial, o agroturismo propicia o contato direto do consumidor com o produtor que consegue vender, além dos serviços de hospedagem, alimentação e entretenimento, produtos *in natura* (frutas, ovos, verduras) ou beneficiados (compotas, queijos, artesanato). Assim, obtém-se melhor preço e qualidade dos produtos para o turista e maior renda para o produtor (MINTUR, 2003 a).

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por sua vez, entende que o agroturismo permite agregação de valor no que se refere à oferta de produtos transformados, de origem animal (queijo, leite, embutidos) e de origem vegetal (doces, conservas, pães) oferecido aos visitantes. O atrativo também reside no processo de produção, podendo-se enquadrar a produção e comercialização do artesanato originado nos produtos e elementos

naturais locais. São imprescindíveis a identificação desses produtos com a cultura local, com os elementos da terra e com as características histórico-geográficas do meio rural.

Desta forma, o agroturismo apresenta-se como uma das possíveis modalidades turísticas nos espaços rurais produtivos. Os elementos que compõem sua oferta são as atividades agropecuárias, a cultura do povo do campo e suas tradições, o alojamento nas propriedades rurais, entre outras.

A modalidade agroturismo de Turismo no Meio Rural se diferencia das demais modalidades de turismo existentes na RQCII, pois enquanto o turismo cultural e ecológico são atividades praticadas em grande parte em áreas rurais mais amplas, (públicas, religiosas etc) o agroturismo é praticado no interior da propriedade familiar produtiva, constituindo-se em uma atividade adicional a prática agrícola, que continua existindo como atividade principal. Neste sentido pode-se dizer que o agroturismo, diferentemente das demais modalidades, é considerado pluriatividade, contribuindo desta forma, para o progresso social e econômico do grupo familiar.

Sendo assim, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, autarquia que promove o agroturismo na agricultura familiar, menciona que esta modalidade turística gera complemento de renda aos pequenos produtores e resgata sua cultura. Para esta instituição, o agroturismo é considerado:

A atividade turística que ocorre na unidade de produção dos agricultores familiares que mantêm as atividades econômicas típicas da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando bem estar aos envolvidos (MDA, 2004 p. 8).

O agroturismo, na Agricultura Familiar, caracteriza-se pela utilização das atividades produtivas da propriedade como atrativo turístico principal, sob a forma de demonstrações, explicações e vivência das técnicas utilizadas, em que o turista também pode interagir como parte do processo. Pode-se citar, como exemplo, as atividades em pomares, leiterias, apiários, criações de animais em geral, áreas cultivadas, vinícolas e alambiques. Técnicas agropecuárias de mínimo impacto apresentam grande poder de atratividade e das inúmeras atividades recreativas, segundo o Ministério, várias podem ser praticadas nas unidades familiares, desde que estejam associadas com o conjunto de práticas que caracterizam o meio rural: pesca; pesque-pague; cavalgadas; caminhadas; passeios de barco; banhos em rios, lagos, represas, cachoeiras; atividades lúdicas em geral.

Na visão de Mattei (2004), esta modalidade de turismo se diferencia das demais por não abandonar sua vocação principal, ou seja, a da agricultura, mas vale-se dela para atrair o interesse dos turistas. No que tange às motivações pela demanda é possível citar a mudança de um ambiente estressante para um ambiente tranquilo, contato com a natureza, convivência com um estilo de vida mais simples etc. O autor também se refere à potencialidade do agroturismo em gerar novas formas de emprego e renda para o meio rural, que é tido como o maior desafio do novo rural brasileiro.

Com relação ao perfil do agroturismo no Brasil, um dos princípios fundamentais do agroturismo é o atendimento familiar que possibilita o forte entrosamento entre o turista e a família hospedeira, retendo, no campo, os extratos mais jovens dessas famílias e contribuindo desta forma para reverter o quadro atual de êxodo rural dos jovens por falta de perspectivas. Segundo a ABRATUR e SEBRAE, *apud* Chelotti (2004), geralmente a mulher é a responsável pela administração dos empreendimentos de turismo rural no Brasil, percentual este que alcança o nível significativo de 92% dos casos.

Uma segunda característica constitui-se no tamanho das propriedades onde se desenvolve o turismo rural, pois 74% destas possuem até 250 hectares, significando que há maior concentração nas pequenas e médias propriedades. A terceira característica refere-se ao emprego de mão-de-obra, predominando a de cunho local e familiar.

A quarta característica enfatiza a produção voltada para o turista, na qual percebemos a predominância de produtos originários da agricultura familiar, dentre eles hortaliças, pequenos animais e artesanato. A quinta característica diz respeito às atrações oferecidas para os turistas, onde predominam aquelas que visam conhecer ou conviver com o modo de vida local (Figura 6).

Os empreendimentos agroturísticos contribuem para a animação socioeconômica do meio rural, mediante a injeção de recursos já que um empreendimento desta natureza dificilmente será auto-suficiente na sua manutenção. Ele poderá produzir grande parte do que consome, mas não tudo e certamente será obrigado a procurar fora àqueles gêneros que lhe são impossíveis de produzir, criando uma relação de troca com o comércio mais imediato, a cidade.

Essa relação de troca alimenta a circulação de bens e serviços, gera renda, consumo e, conseqüentemente, a melhoria das condições de vida e trabalho de uma fatia importante da população rural local, de maneira que tende a transpor os limites do empreendimento, incentivando os negócios paralelos.

Quem administra o agroturismo?	A mulher conduz 92% dos negócios.
Qual o tamanho da gleba?	43% das iniciativas turísticas no campo situam-se em áreas de até 50 hectares, onde se dá a agricultura familiar; 31% estão localizadas em áreas de 51 a 250 hectares; 19% de 251 a 1500 hectares; 7% acima de 1500 hectares.
Quem e quantos trabalham no agroturismo?	28% provem da mão-de-obra exclusivamente familiar; 69% de mão de obra local (familiares de empregados; da mesma propriedade e/ou de glebas vizinhas) 3% trabalhadores contratados em outros centros.
Qual a produção voltada ao turista?	37% de hortaliças, frutas e grãos; 58% de animais (pequeno, médio ou grande porte); 29% são produtos da agroindústria artesanal (embutidos, conservas, queijos etc) 75% de artesanato.
Quais as principais atrações oferecidas?	Gastronomia típica, passeios por rios, cachoeiras, lagos, piscinas, pesca e navegação, trilhas ecológicas, patrimônio histórico e cultural (folclore, cantigas de rodas e folguedos típicos), lidas rurais: cavalgadas, manejo, ordenha, cultivo, colheita; recreação: jogos e outros esportes; preservação e valorização da fauna e da flora regionais, temas de caráter religioso ou esotérico; agroindústria caseira e agricultura orgânica.

Fonte: ABRATUR e SEBRAE *apud* Chelotti, 2004.

Adaptação: Oni Nardi, 2007.

Figura 6 - Quadro sobre o perfil geral do agroturismo no Brasil.

Considerando a potencialidade atrativa resultante da diversidade do meio rural brasileiro, esta é uma modalidade que apresenta altos níveis de crescimento. Esse crescimento é favorecido pela própria dimensão do País, pelos ciclos econômicos já vivenciados e pela diversidade cultural resultante do processo de colonização e desenvolvimento. Tanta riqueza de características soma-se à hospitalidade típica do brasileiro e, em especial, ao morador do interior, que ainda conserva muito dos antigos costumes de convivência e relacionamento.

Segundo dados do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo SESCOOP (2002), em outros países, esse fluxo turístico em direção ao meio rural já é bem expressivo. Na Áustria e na Suíça, 20% dos agricultores recebem turistas; na Holanda e na Alemanha 4%; e na França 2%. Na Irlanda, 20% dos pernoites turísticos ocorrem em casas de campo. Em

Portugal, 30% das pessoas que viajam nas férias se deslocam para o interior, enquanto que na Espanha esse número é de aproximadamente 27%.

Na Itália, diversas propriedades rurais oferecem, a turistas, a possibilidade de pernoitarem nas fazendas e acompanharem o processo de produção de queijo e vinho. Os proprietários das estâncias Argentinas descobriram, no final da década de 60, quando a atividade pecuária passou por um período de desvalorização, que a abertura das propriedades de alta beleza cênica (inicialmente da Patagônia) para interessados em caça e pesca poderia colaborar em muito para o aumento da renda. A partir de 1987, houve um significativo crescimento do turismo em “hoteleria de estâncias”.

Na Espanha, esta modalidade de turismo é a atividade econômica que tem maior futuro como motor do desenvolvimento rural, pois é capaz de gerar efeitos indiretos como: desenvolvimento da indústria do lazer; melhoria da infra-estrutura e das telecomunicações; desenvolvimento das pequenas e médias indústrias existentes no meio rural, como consequência do crescimento da demanda por “artesanato” e produtos alimentícios; melhoria indireta do setor agrícola, através da potencialização de produtos de qualidade típicos de cada zona, como é o caso do mel, do queijo, dos embutidos, entre outros. No caso da RQCII este tipo de turismo está em estágio inicial devido à falta de investimentos e de capital financeiro ainda que se apresente como “terreno fértil” para o agroturismo.

A análise dos cenários de Turismo no Meio Rural da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, de acordo com sua classificação e características será realizada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

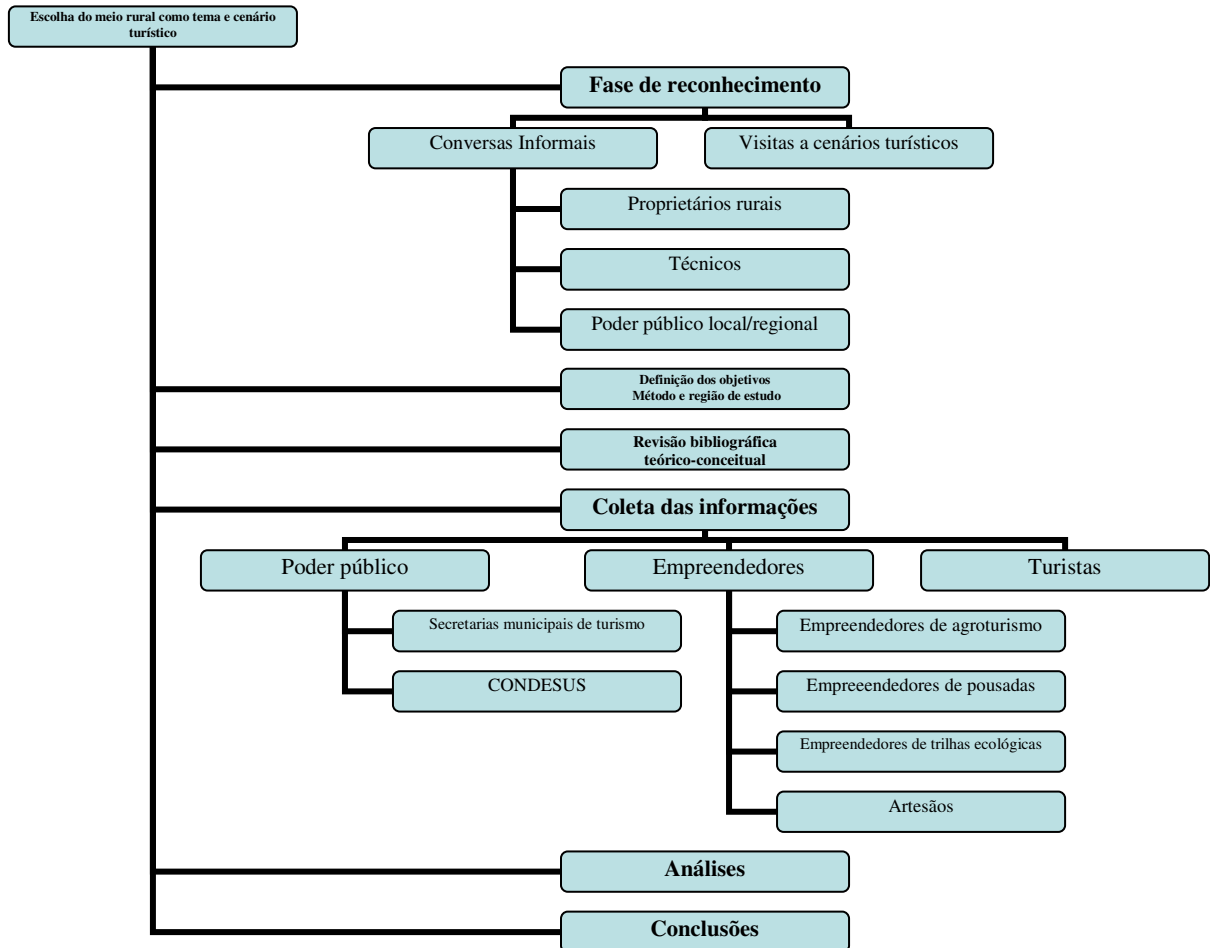
DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS CENÁRIOS TURÍSTICOS DO MEIO RURAL DA RQCII.

No presente capítulo são descritos os principais procedimentos metodológicos empregados para o alcance dos objetivos traçados pela investigação. As descrições seguem a hierarquia das atividades, a determinação do método científico norteador da pesquisa e a adaptação de modelo sistêmico promotor do turismo. Descreve-se a natureza da pesquisa bem como as técnicas e fontes empregadas para a coleta e análise dos dados e informações primárias que embasam a pesquisa. O capítulo contém ainda análise e discussão do Sistema Promotor do Turismo na RQCII. Com base em dados e informações coletados em campo procura-se analisar a configuração do Turismo no Meio Rural à luz da teoria científica norteadora, dos objetivos e do método proposto. Em outras palavras, procura-se aproximar o teórico do empírico.

3.1 - Estrutura e procedimentos metodológicos

A pesquisa requereu, em seu andamento, um procedimento que permitisse entender a abordagem seqüencial e lógica do tema ao que se denominou de etapas do procedimento metodológico. As etapas cumpriram a seqüência da abordagem científica que se iniciou na delimitação da temática e foi conduzida até as conclusões, conforme o organograma a seguir, que também apresenta os principais elementos da investigação (Figura 7).

A ciência tem como objetivo fundamental chegar ao conhecimento pleno dos fatos, embora saiba que conseguirá apenas se aproximar do fato em sua investigação. Para que o conhecimento seja considerado científico torna-se necessário determinar o método que possibilitou, se não chegar, ao menos se aproximar desse conhecimento. Deste modo o método científico vem a ser o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados como recursos para se atingir o conhecimento de um determinado fato (GIL, 1999).



Organização: Oni Nardi, 2006.

Figura 7 - Esquema estrutural das etapas do procedimento metodológico adotado na investigação.

No que tange às metodologias e às técnicas para a abordagem em pesquisa turística, Rejowsky (1998) chama a atenção sobre a importância do emprego de metodologias e técnicas de medida que sejam consistentes e bem testadas, apropriadas aos tipos de problemas a serem solucionados. Neste sentido a referida autora, citando Kunhe (1989), apresenta três maneiras de abordar os aspectos metodológicos em estudos relacionados ao turismo, entre os quais o método sistêmico, o qual:

Emerge em função das limitações das aproximações reducionistas e holísticas. Segundo esta visão a análise do turismo como um sistema permite observar peculiaridades do todo, e ao mesmo tempo, propriedades específicas das partes que compõem o todo (Kunhe, 1989, *apud* REJOWSKY, 1998 p.45).

Nesse sentido, o método sistêmico foi adotado como base para orientar a investigação deste trabalho ao permitir uma abordagem multidimensional da problemática proposta, tratando-se de um sistema aberto sujeito a influências do meio ambiente e, no meio ambiente, de interferências sociais e econômicas além de ações políticas (Kaspar *apud* REJOWSKY, 1998).

A visão sistêmica tem suas raízes na Teoria Geral dos Sistemas (TGS) elaborada por Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972). Trata-se de uma concepção científica que permite o estudo dos fenômenos que constituem sistemas⁴¹. De acordo com o arcabouço conceitual desta teoria qualquer abstração da realidade poderia ser um sistema, sempre e quando estiverem definidos, claramente, os parâmetros dentro dos quais o sistema se estabelece.

Bertalanffy estudou especialmente os sistemas abertos que estão em constante intercâmbio com o meio, os quais também são aplicados ao estudo da natureza do turismo, pois, segundo Martínez (2005), o turismo é um sistema aberto, haja vista que, está continuamente trocando energia com o entorno por ser resultado de condições econômicas, políticas, sociais e tecnológicas da sociedade e depender delas para seu estado de evolução. Como exemplo, cita-se a modificação das condições econômicas e de trabalho bem como das condições de tempo livre de uma área emissora que pode causar mudanças no estado e na evolução de um subsistema turístico específico e, frequentemente, em diversos graus, do sistema turístico em seu conjunto.

Ademais, o enfoque sistêmico parte da idéia de que existem numerosas relações no interior do objeto que se estuda, mas que este também está ligado ao meio externo. Sendo assim:

O enfoque sistêmico dirige a sua atenção especialmente ao estudo dos sistemas altamente complexos, como são, por exemplo, os de natureza psicológica, social, biológica etc. (...) O enfoque sistêmico deve ser entendido como uma reação à concepção mecanicista de interpretação da realidade (TRIVINÓS, 1987, p. 81-82).

Muitos autores consagrados na temática do turismo, a exemplo de Beni (2004), consideram a visão sistêmica como a mais apropriada e a que apresenta os melhores

⁴¹ Este trabalho inspira-se no conceito de sistema no sentido que lhe concebe Beni (2004, p.23) para quem *sistema* constitui-se em “um conjunto de partes que interagem de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um plano ou princípio; ou conjunto de procedimentos, doutrinas, idéias ou princípios, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo.”

resultados nos estudos do fenômeno turístico em sua complexidade, pois é capaz de contribuir para uma abordagem sociocultural do turismo como meio de desenvolver o meio rural da RQCII apontando os cenários turísticos.

O emprego da visão sistêmica no estudo do turismo se faz necessário uma vez que o turismo envolve amplas relações intersetoriais sendo necessário identificar, organizar e articular suas relações para poder alcançar o nível de análise requerido para a inter-relação equilibrada e harmônica dos elementos.

Nesse sentido foi determinada a visão sistêmica, por acreditar ser ela a mais aparelhada com instrumentos de análise no alcance dos objetivos de trabalho propostos para a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Na medida em que permite a visualização das peculiaridades do todo e de suas partes, apresenta as melhores perspectivas para a análise das formas enquanto cenários de turismo, promotor do desenvolvimento sociocultural local e fomentador do capital cultural regional.

Desta forma, a abordagem sistêmica se inspira na conceituação de Arranjo Produtivo Local (APL) que constitui a abordagem utilizada pelo SEBRAE, órgão consultor do CONDESUS para o Turismo no Meio Rural na RQCII. Porém, o Arranjo Produtivo Local deverá ter como principal finalidade: valorizar social e culturalmente uma área de singular significado e que, dado ao seu isolamento, tende a inércia e ao esvaziamento populacional.

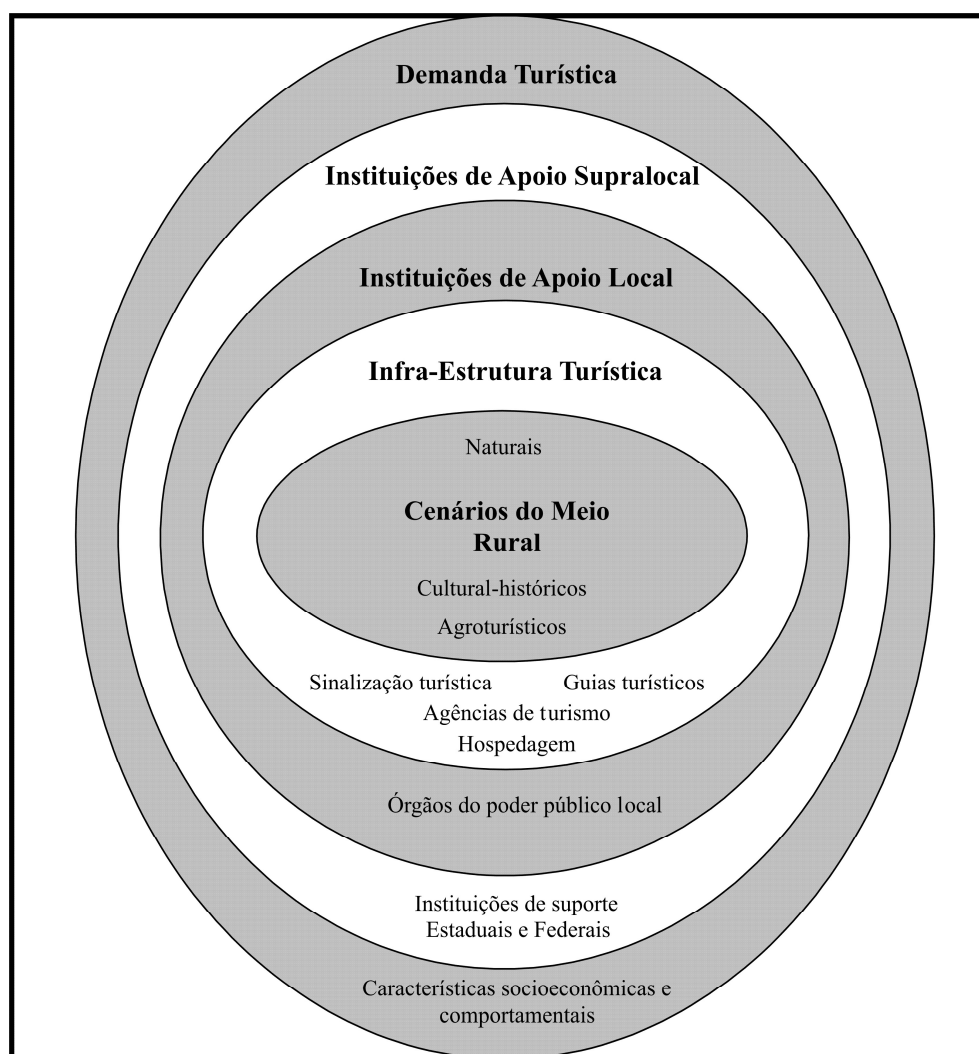
Portanto a denominação deveria ser a de arranjos promotores do turismo regional da Quarta Colônia, mas preferimos analisar o meio rural da RQCII como tema e cenário turístico, por acreditar que a valorização do rural tão importante do ponto de vista populacional e econômico e, ao mesmo tempo, tão rico em seu meio ambiente, em seu histórico cultural como no seu modo de produção se constitui como o elemento principal de desenvolvimento local.

Através deste sistema se analisam os cenários turísticos não de forma isolada mas na sua interconexão com os demais empreendimentos, política empresarial e a população. Sem dúvida este método é o mais adequado para a realidade turística da RQCII, pois o projeto de turismo da Quarta Colônia já nasceu sob esta concepção, de forma que todos os cenários são ligados por roteiros totalmente integrados, formando a cadeia promotora do turismo no meio rural que envolve modalidades do turismo ecológico, cultural e agroturismo, bem como suas atividades, artesanato, pousadas, gastronomia etc.

Para o desenvolvimento da análise do sistema promotor do turismo fez-se a devida adaptação da metodologia proposta no modelo de Barbosa e Zamboni (2000) originando o

que se entende como um sistema construído a partir dos elementos que compõem os cenários do meio rural promotores do turismo.

O modelo⁴² a ser utilizado e as explicações que se seguem inspiram-se na obra de Barbosa e Zamboni (2000), o que se aceita com a denominação de Sistema Promotor de Turismo (SPT) utilizando-se do modelo composto por cinco anéis concêntricos, ao que se denomina de subsistemas inter-relacionados que descrevem a posição ocupada por cada um dos promotores do turismo, permitindo compreender as suas relações e as inter-relações que se estabelecem (Figura 8).



Fonte: Barbosa e Zamboni, 2000, p 14.

Adaptação: Oni Nardi, 2007.

Figura 8 – Sistema Promotor do Turismo (SPT).

⁴² Este trabalho inspira-se no conceito de modelo conforme lhe concebe Beni (2004, p.24) para quem *modelo* é a representação do sistema, constituindo-se em uma abstração para facilitar o projeto e/ou análise do sistema. É utilizado por dois motivos básicos: porque simplifica o estudo do sistema, permitindo a análise de causa e efeito entre os seus elementos para conclusões de maior precisão; e pela impossibilidade de abranger a complexa totalidade das características e aspectos da realidade objeto de estudo”.

Sendo assim para uma análise aprofundada, sistêmica e promotora de turismo é fundamental fazer-se um levantamento de dados qualitativos e quantitativos dos atores referentes a cada um dos subsistemas, objetivando um diagnóstico apurado da situação atual das possíveis inter-relações a serem incentivadas, as quais envolvem como atores a sociedade regional e seus vários segmentos como sociocultural e econômico.

A seguir são apresentadas algumas recomendações que devem ser consideradas nesse processo. O epicentro do modelo é formado pelos cenários (naturais, cultural-históricos e agroturísticos) da Região, os quais, representam os atrativos que, segundo Boullón (1997 p. 41), são considerados a “matéria prima” da atividade turística, ou seja, o principal recurso da atividade turística, e pela qual baseia seu planejamento. Podem ser: paisagem natural (praia, montanha, rio, deserto, caverna, parques nacionais etc.), elementos culturais e históricos (eventos, ruínas e sítios arqueológicos, festas, manifestações populares, cidades, museus, parques temáticos, etc.) aos quais poderíamos incluir o modo de produção: propriedade rural, plantio, colheita, ordenha, vinícola, hipismo, hospedaria rural, hotel fazenda etc.

Concordando, em parte, com o autor, foram realizadas algumas alterações consideradas adequadas ao entendimento dos componentes do espaço construídos pelos grupos humanos e que seja oriundo de relações de primeira como de segunda natureza (Santos, 1986) ou daqueles impressos na paisagem pela cultura do grupo que nela vive (La Blache, 1921). Desse modo, o primeiro subsistema é composto pelos cenários naturais, como descreve Boullón (1997), e os culturais envolvendo os históricos, por ser difícil separar cultura, história de um povo e o modo de produção no meio rural.

O segundo subsistema abrange a infra-estrutura turística (hotéis, agências de turismo, guias, bares e restaurantes, meios de transporte, comércio voltado para o turismo). Segundo Andrade (1997 p. 109):

A infra-estrutura turística atende aos diversos requisitos e aos indispensáveis aspectos específicos que permitem o exercício turístico em alguma de suas várias classificações ou divisões. Por isso, além das categorias, a infra-estrutura turística abrange as instalações de hospedagem, as instalações de recepção e a organização para recreação e esportes.

Os dois primeiros subsistemas formam o alicerce do sistema em questão, sendo de fundamental importância pois sem eles não há condições de analisar os cenários turísticos que o meio rural oferece. Juntos estes dois subsistemas se constituem nos promotores diretos do

turismo propriamente dito. Dada a importância destes subsistemas o estudo deve ser minucioso e conter informações quanto às especificidades dos cenários, apontando os principais, a capacidade de carga de cada um, em que épocas são mais procurados, qual é o perfil do público freqüentador, investimentos realizados etc.

O terceiro subsistema, por sua vez, corresponde às instituições locais relacionadas ao turismo como secretarias municipais de turismo, conselhos municipais de turismo, conselhos municipais do meio ambiente e associações representativas dos setores ligados ao turismo: hotelaria, agências, guias, restaurantes, bares e similares. É nesse ambiente institucional que são definidas as diretrizes de base local para o planejamento do turismo e a eficácia desses planos e estratégias depende de objetivos e interesses comuns e do grau de coesão social e política dos atores atuantes neste processo. É nesta esfera que é possível constatar se as prefeituras possuem um plano de ordenamento para as atividades turísticas.

O quarto subsistema é formado pelas instituições de âmbito estadual e federal que, de alguma forma, contribuem para a geração de externalidades positivas importantes para o desenvolvimento do turismo. Essas instituições desempenham papéis fundamentais: na formulação e implementação das políticas de turismo; nas ações destinadas à preservação ambiental; no suporte aos empreendimentos e na produção e difusão de conhecimento e da tecnologia (universidades e fundações de apoio à pesquisa).

O quinto subsistema engloba a demanda turística, um dos principais fatores a ser considerado dentro do Sistema Promotor do Turismo (SPT), pois é justamente a demanda que atua como consumidora do produto turístico e uma das principais forças para a promoção do turismo. É importante analisar a composição da demanda segundo critérios socioeconômicos (faixa etária, sexo, profissão, renda,) e comportamentais tais como: período de permanência no atrativo e freqüência da visita, meio de transporte utilizado no deslocamento turístico, solicitação de equipamentos receptivos (hospedagem, agência de turismo), previsão de gasto, principais motivações, intenção de retorno etc.

Este estudo, a exemplo de tantos outros referentes à temática do turismo no meio rural, adota a pesquisa qualitativa por ser ela a mais apropriada para a execução de análises aprofundadas e verdadeiras sobre questões a partir do sujeito envolvido. Nesse sentido, Lage e Milone (2000) mencionam que a pesquisa qualitativa é muito comum nos estudos de turismo, e tem se tornado uma estratégia metodológica amplamente utilizada pelos estudiosos e que está contribuindo para a difusão das múltiplas experiências que a complexa atividade turística aborda.

O procedimento de coleta de informações primárias teve como base o trabalho de campo⁴³, tradicional procedimento em investigações geográficas. O trabalho de campo, que levantou as informações necessárias ao embasamento das análises neste trabalho, iniciou-se ainda em agosto de 2005 e se estendeu por vários dias totalizando 650 quilômetros, percorrendo a ambiência rural e institucional da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Os dados quantitativos necessários à pesquisa foram coletados junto aos órgãos relacionados direta ou indiretamente ao turismo, tais como secretarias da agricultura e de turismo, EMATER, prefeituras, CONDESUS, FEE etc. Já os dados qualitativos foram coletados de diversas formas. Uma delas foi através da metodologia da observação participante⁴⁴, determinada pelo fato de o observador viver na região estudada e, como tal, passa a observar seu comportamento, sua rotina e, principalmente, as reações frente as diferentes situações do cotidiano. As informações coletadas são transcritas para uma caderneta de campo.

Outra forma se deu através da aplicação de entrevistas contendo questões abertas. Utilizou-se este tipo de procedimento por ser o mais produtivo, uma vez que, na pesquisa rigidamente estruturada e padronizada o pesquisador pouco interfere e em alguns momentos deve forçar uma resposta para se adequar à alternativa estipulada. Na entrevista aberta a participação do pesquisador é valorizada, pois são oferecidas as condições para que o informante atinja a liberdade e espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação. Pode-se entender por observação participante e por entrevista respectivamente:

A observação participante consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso o observador assume até certo ponto o papel de membro de um grupo. Daí porque se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 1999, p. 113).

⁴³ O trabalho de campo mantém-se como uma das tradições básicas do conhecimento geográfico. Pode-se afirmar que se trata de um instrumento importante para o desenvolvimento dos saberes espaciais, nos quais, também, se insere a geografia. Os trabalhos de campo, desde que acompanhados de referências teóricas, pode constituir-se de indispensável instrumento da ampliação das perspectivas conceituais dos estudantes. Os trabalhos de campo nasceram, na geografia com as viagens exploratórias voltadas para o conhecimento e para a conquista. Foram fortalecidos, como prática de natureza metodológica, nos primórdios do processo de sistematização da disciplina. Os trabalhos de campo são indispensáveis para o estudo, para a pesquisa que se refere aos processos de caráter espacial. Entretanto, a *ida ao campo* não significa, apenas, o *movimento na direção do que pode ser descrito*. Trata-se do movimento na direção do que necessita ser interpretado, representado. Além disso, o campo não deve ser visto como o *mundo que contém a realidade* - que, por sua vez, esconde, por trás das aparências, a verdade das coisas. A realidade é feita dos nossos olhos, de olhos teóricos carregados de história (HISSA e OLIVEIRA, 2004, n.p).

⁴⁴ Método de coleta de informações muito utilizado em investigações antropológicas, porém nada impede de ser utilizado em outros ramos do conhecimento como a Geografia.

A técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas com o objetivo de obtenção de dados que interessam á investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente é uma forma de diálogo assimétrica em que uma das partes busca coletar dados e outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1999, p. 117).

Para o estudo, foram elaborados nove roteiros de entrevistas abertas com a finalidade de analisar significativa parcela que compõe o Sistema Promotor do Turismo, aplicados aos secretários municipais de turismo, CONDESUS, empreendedores de agroturismo, de pousadas, artesãos, guias de turismo, agencias de turismo, responsáveis por cenários religiosos e turistas.

No entanto, três roteiros de entrevistas são de fundamental importância, as entrevistas com os empreendedores turísticos propriamente ditos (empresários, guias etc), com os turistas e com as agências relacionadas com o fomento do turismo (poder público, agências de comercialização de pacotes turísticos etc). Estes são os informantes qualificados da pesquisa. Na anotação do rol de pessoas a entrevistar, adotou-se a estratégia denominada “bola de neve” (Froehlich, 2002), onde os primeiros entrevistados sugeriam ou citavam nos seus depoimentos nomes de outras pessoas ou apresentavam elementos ou conexões importantes a serem investigadas.

De forma prática esse processo era iniciado no trabalho de campo em um município onde a primeira entrevista era realizada junto à secretaria de turismo, ponto estratégico base de onde, valendo-se do conhecimento local dos secretários, eram estabelecidas as demais conexões através de contatos com informantes qualificados, os quais na seqüência eram entrevistados.

O número de entrevistas aplicadas observou o critério de saturação, ou seja, considerava-se ter atingido o número suficiente a partir do momento em que havia a saturação, o sombreamento das respostas e onde não mais se acrescentava elemento novo à indagação.

A partir de um certo número de entrevistas coletadas, as posteriores não acrescentam praticamente nada ao que as outras têm expressado. Dir-se-á que o campo investigado está coberto e que se alcança um certo nível de saturação. As pessoas que doravante serão investigadas não acrescentarão nada extremamente significativo ao número de temas abordados. Pelo contrario, elas tendem a repetir o que as outras têm dito anteriormente. Não é preciso continuar a coleta (Mare *apud* FROEHLICH, 1994, p.66).

Uma outra questão relevante se relaciona à operacionalização das variáveis em cada subsistema e a inter-relação entre os subsistemas para se obter o entendimento pleno do sistema promotor do turismo capaz de permitir atender ao objetivo geral da investigação, constante na introdução deste trabalho que trata de analisar as formas que se manifestam a partir do meio rural e são concebidas como tema e cenário turístico da RQCII, através da análise das formas de turismo que ela oferece.

Com relação a análise dos dados, propriamente dita, Trivinões (1987) lembra que a análise qualitativa pode ter apoio quantitativo, mas geralmente se omite a análise estatística ou o seu emprego não é sofisticado. Diferentemente da pesquisa quantitativa, onde os dados são medidos, na pesquisa qualitativa estes são descritos. Desta forma, a análise dos dados será predominantemente descritiva, fazendo-se uso de técnicas estatísticas simples, quando se julgar necessário.

3.2 - Aplicação do Sistema Promotor do Turismo no Meio Rural da RQCII

Sendo o objeto do turismo uma localidade ou região, deve haver nela um conjunto de cenários, culturais históricos e naturais, que justifique deslocamento. Seguindo este pensamento procura-se reconhecer os principais cenários já efetivamente recebendo turistas identificados pela pesquisa na área de estudo, através da aplicação dos roteiros de entrevistas constantes nos anexos (A a I) do trabalho, bem como pela observação participante e inúmeras visitas aos municípios que compõe a RQCII (Figura 9).

Com o objetivo de proporcionar maior inter-relação na análise dos subsistemas e menor fragmentação do texto optou-se por analisar os subsistemas 1º, 2º, 3º e 4º de forma integrada e conjunta para cada cenário, sem abertura de novos subitens a cada vez que as análises passassem de um subsistema para outro. Com relação ao quinto e último subsistema, por não haver viabilidade de analisá-lo em todos os cenários, se elegeu a Quinta Dom Inácio, uma propriedade modelo de agroturismo e bastante representativa do Turismo no Meio Rural da RQCII, para proceder à análise. Procurou-se também, na abordagem dos cenários, sempre que possível, obedecer à seqüência das modalidades de Turismo no Meio Rural tratadas no capítulo anterior.

Modalidades	CENÁRIOS TMR ECOLÓGICO	CENÁRIOS TMR CULTURAL	CENÁRIOS TMR AGROTURISMO
Municípios SILVEIRA MARTINS	-Programa de Caminhadas Ecológicas.	-Filó Cultural Italiano da Amizade e da Paz. -Gastronomia típica italiana.	-Festival da Uva e das Águas. -Chácara Santa Eulália. -Quinta Dom Inácio.
NOVA PALMA		-Gastronomia típica italiana. -Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.	
IVORÁ		-Gastronomia típica italiana. -Monte Grappa.	
FAXINAL DO SOTURNO		-Gastronomia típica italiana. -Ermida de São Pio de Pietrelcina. -Gruta de N. S. de Lourdes do Sítio Alto.	
DONA FRANCISCA		-Parque Histórico Obaldino B. Tessele. -Gastronomia típica italiana.	
SÃO J. DO POLÊSINE	-Trilhas de Vale Vêneto.	-Museu do Imigrante Italiano Pe. João Iop. -Festival e Sem. Cult. Italiana de V. Vêneto. -Gastronomia típica italiana. -Artesanato colonial. -Pólo turístico-religioso D. João L. Pozzobon. -Gruta de N.S. de Lourdes.	
PINHAL GRANDE	-Trilha do Pororó. -Roteiro Paga-Peão.	-Gastronomia típica italiana. -Artesanato colonial.	

Organização: Oni Nardi, 2007.

Figura 9 - Distribuição dos cenários turísticos por modalidade e município.

Uma vez apresentados os principais cenários turísticos da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana em sua distribuição por modalidades e municípios, apresenta-se na seqüência, a análise detalhada de cada um, em termos de composição física, gestores e infraestrutura disponível. Ademais, para facilitar a visualização todos os cenários possuem ilustrações.

3.2.1 - Cenários naturais promotores do Turismo no Meio Rural.

Os cenários naturais são os elementos da natureza com determinadas atrações que motivam o deslocamento e que possuem a peculiaridade de se localizar em áreas geográficas especiais e que necessitam de práticas conservacionistas para servir na modalidade de turismo ecológico.

Os fartos atrativos naturais presentes na RQCII são oriundos de uma ambiência natural diversificada, permeada por grandes contrastes geofísicos, determinando a presença de cascatas, alagues, balneários, ambientes cavernícolas, exuberantes florestas, rios caudalosos, farta biodiversidade florística e faunística, formas de relevo diversificadas (planalto, rebordo e depressão) que, na atualidade, se convertem em fortes atrativos turísticos, cujo produto atende

a demandas de pessoas que buscam no contato com a natureza um estilo de vida mais equilibrado e saudável.

Assim, o turismo ecológico é praticado fundamentalmente através de trilhas ecológicas⁴⁵, as quais representam um dos principais atrativos para esta modalidade turística. No percurso das trilhas estrutura-se roteiros turísticos através de passeios guiados por condutores⁴⁶ que possuem capacitação para a atividade, (Curso de 800 horas) registro na EMBRATUR e alvará Municipal.

Desta forma a trilha guiada é realizada por um guia ou interprete, o qual, capitaneando o grupo que o segue em fila indiana, vai interpretando verbalmente os aspectos mais importantes da trilha, ao mesmo tempo em que estimula a participação do grupo. As trilhas da RQCII se constituem em percursos em meio à Mata Atlântica⁴⁷ que proporcionam ao turista adepto ao turismo ecológico, uma interpretação ambiental⁴⁸ e histórico-cultural, pois além destas passarem em meio a um bioma extremamente diversificado, muitas têm legado histórico-cultural já que se constituíam em caminhos utilizados pelos primitivos imigrantes no cotidiano de seus deslocamentos.

O ambiente por onde passam as trilhas apresenta mínima ou nenhuma alteração provocada pelo homem. As trilhas são monitoradas pelos chamados condutores. São operacionalizadas de acordo com uma classificação baseada em critérios de dificuldade para percorrê-las. Desta forma tem-se: trilha *fácil* quando o acesso não apresenta dificuldades maiores como, por exemplo, em leitos de antigas estradas, caminhos de gado, terrenos planos etc. *Moderada*, quando os acessos apresentam alguma dificuldade, como por exemplo, terreno

⁴⁵ Segundo Pagani *et al*, (1999), “as áreas onde o turismo ecológico é desenvolvido devem possuir facilidades e infra-estrutura próprias tendo nas trilhas interpretativas da natureza importante instrumento de apoio para este tipo de atividade”. Para a autora um sistema de trilhas é formado por um conjunto de caminhos e percursos construídos com diversas funções, dentre as quais a turística e dentre os objetivos de uma trilha está a interpretação da natureza, ferramenta indispensável para o manejo de unidades de conservação pois desperta nos visitantes a idéia da importância da área silvestre.

⁴⁶ Através do convênio CONDESUS/SEBRAE, foram formados 18 guias de turismo regionais para atuação na RQCII.

⁴⁷ O interior do ecossistema da Mata Atlântica, por ser alto e fechado só é passível de ser conhecido mediante a abertura de trilhas.

⁴⁸ A interpretação ambiental é uma técnica didática, flexível e moldável as diversas situações, que busca esclarecer os fenômenos da natureza para determinado público alvo, em linguagem adequada e acessível, utilizando os mais variados meios auxiliares para tal. A interpretação procura promover neste público o sentimento de pertinência à natureza, através da sua transformação íntima em relação aos recursos naturais, da sua compreensão e de seu entendimento, na esperança de gerar seu interesse, sua consideração e seu respeito pela natureza e, conseqüentemente, pela vida (PAGANI *et al*, 1999, p. 154).

em declive, longos trechos no interior do mato, etc e, *difícil*, quando as trilhas apresentam longos trechos em rios com pedras ou relevos com muitas subidas e descidas íngremes⁴⁹.

Ademais, no intuito de minimizar os impactos ao meio ambiente é estabelecida, de acordo com as características do ecossistema, uma capacidade ecológica de suporte⁵⁰, cujo limite nunca deverá ser excedido. Segundo o SEBRAE o número de pessoas por grupo e o número de grupos por trilha, durante um dia, deve estar de acordo com a classificação da trilha, disponibilidade do espaço pelo proprietário e características gerais do ambiente. De um modo geral, as trilhas fácil e moderada devem receber grupos de no máximo 15 pessoas, cada. Já para as trilhas difíceis o SEBRAE recomenda grupos de, no máximo, oito pessoas. A seguir passamos a descrever as principais trilhas identificadas pela pesquisa na região.

3.2.1.1- Trilha do Pororó

Segundo a secretária de Turismo de Pinhal Grande, um dos principais cenários do município constitui-se na Trilha do Pororó que está localizada a quatro quilômetros da sede municipal de Pinhal Grande, na estrada em direção à Encruzilhada, no Sítio Somavilla, uma propriedade de 32 hectares com exploração de culturas de milho e feijão. O Sítio Somavilla apresenta uma bela seqüência de matas e encostas entremeadas, aqui e acolá, por matações basálticos, por pequenos afloramentos areníticos e pela presença de cursos d'água, entre eles o riacho Pororó que deu nome à trilha (Figura 10).

Existem, também, sítios arqueológicos e imponentes trechos de mata nativa primária⁵¹ e secundária⁵². Nelas habitam inúmeros pássaros canoros e alguns mamíferos de médio porte, denunciados por suas pegadas e/ou tocas.

⁴⁹ Observação: essa classificação é muito relativa e considera público alvo de turismo convencional. O público de turismo aventura deve ser esclarecido a respeito, para não haver decepções e/ou mal entendidos.

⁵⁰ Capacidade ecológica de suporte se refere à quantidade de uso que um local pode suportar sem danos à flora, fauna e solos. A quantidade da capacidade de suporte envolve a determinação da "base" ecológica original e do nível de dano que seja inaceitável (PAGANI *et al*, 1999, p. 154).

⁵¹ A mata primária é a floresta intocada onde a ação humana não provocou alterações significativas. Caracteriza-se pela grande diversidade biológica, pela presença de árvores altas e grossas, pelo equilíbrio entre as espécies pioneiras, pela presença de grande número de bromélias, cactos e outras plantas que se desenvolvem nos ramos altos das grandes árvores (Fernandes e Nascimento s.d).

⁵² As florestas secundárias, por sua vez, são aquelas resultantes de um processo natural de regeneração da vegetação em áreas onde no passado aconteceu a eliminação radical da floresta primária. São, portanto, elementos atuais, importantíssimos, pois exercem funções ambientais fundamentais para o equilíbrio do clima, na absorção do carbono, na manutenção dos mananciais de água que abastecem as cidades, no controle de pragas e doenças, na agricultura, na manutenção dos solos, na permanência e sobrevivência de muitas espécies da fauna e da flora. São de extrema importância para o equilíbrio da paisagem e para o desenvolvimento do ecoturismo (*Ibid*, s.d).



Fonte: Departamento de Turismo do município de Pinhal Grande e Oni Nardi, pesquisa de campo 2006.
Figura 10 – Cenas da Trilha do Pororó no Sítio Somavilla.

Segundo o empreendedor e condutor Lucas Somavilla, (anexo F) esta trilha possui extensão de 2500 metros, nível de dificuldade oscilante entre fácil a moderado e o percurso total dura em média 2 horas. A encosta por onde se desenvolve a Trilha do Pororó é razoavelmente suave com alguns trechos de declividade acentuada. Nestes pontos, as grandes árvores, as tocas abandonadas, um sítio arqueológico indígena e pequenos cursos d'água forrados por basalto e toda a sorte de musgos e líquens, compõem um conjunto de grande beleza e inestimável valor educativo. Toda a mata da Trilha do Pororó apresenta grande biodiversidade.⁵³

Além da beleza da mata perceptível pela diversidade florística, encontram-se, ao longo do percurso, inúmeros indicadores biológicos de qualidade ambiental, dentre eles o rabo-de-gato e os líquens róseos. O solo, coberto de farta serrapilheira⁵⁴, e o sub-bosque compacto comprovam a renovação constante da mata. Um sítio arqueológico indígena se configura em atração e mesmo diferencial desta trilha (FERNANDES e NASCIMENTO s.d). Segundo

⁵³ Diversidade biológica representada pela variabilidade de genes, espécies e ecossistemas de uma região (SOLDATELLI, 2005, p. 532).

⁵⁴ Camada superficial de folhas, galhos e outras partes vegetais em processo de decomposição que cobre o solo das florestas.

Lucas Somavilla o turista tem a opção de percorrer toda a trilha, um terço ou dois terços dela. Aos turistas que apresentam cansaço há um refúgio em mais ou menos em um terço do percurso permitindo a volta ao dar acesso à estrada onde um veículo fica disponível.

O valor da trilha é de 10 reais por pessoa, acompanhando água, lanche constituído de frutas que pode ser levado ou fazê-lo na chegada à residência. Para grupos escolares são cobrados preços simbólicos, três reais por aluno e com direito a água e frutas a vontade. Cobram-se apenas as despesas de custo para as escolas que desejam realizar trabalho ambiental. Esta trilha, ao contrario de outras da região, não dispõe de cascatas significativas, no entanto a biodiversidade é exuberante e certamente vem a ser o maior dos atrativos, o que é enfatizado pelo empreendedor Lucas Somavilla, ao mencionar que:

A gente procura tornar atrativos todos os detalhes da mata desde o cheiro, pegadas de animais, tipos de planta e observação da fauna. Eu tenho feito varias trilhas na região, na época que o SEBRAE realizava os cursos e percebi que o objetivo era ir até a cascata. Então o pessoal saía andando só para ir até a cascata e muita coisa passava despercebida. Aqui, como eu não tenho uma grande cascata, tento valorizar e fazer com que as pessoas percebam os detalhes da mata que também olhem como é lindo. Um dia desses, com um grupo, achei uma cigarra saindo do casulo. Então eles a fotografaram!! foi o máximo!! (...) Uma flor, o perfume de uma flor, a variação de plantas, assim, então o pessoal se encanta de ver. Uma árvore, por exemplo, uma cangerana, que tem aí umas 15 ou 20 de grande porte, em cima dela há uma colônia de vegetais né!!, um ecossistema já definido. Então a gente bate muito em cima disso né!!, aí o pessoal dá mais atenção, entende e se contagia com aquilo (SOMAVILLA, 2006).

Com relação à fauna presente no ecossistema⁵⁵ da mata onde passa a trilha, segundo as coordenadoras da ficha técnica da formatação da trilha, as consultoras do SEBRAE, Fernandes e Nascimento, algumas das principais espécies encontradas são corocochó, canário-da-terra, João-de-Barro, juriti pu-pu, tucano-de-bico-verde e bem-te-vi (anexo J).

Segundo Lucas Somavilla, o que os turistas buscam ao percorrer uma trilha é o diferente, pois são grupos de cidade, querem estar num ambiente diferente, mais em contato com a natureza:

...Então a gente vê assim: é que eles querem estar num ambiente livre, num ambiente de um ar puro, um clima bom. Quando sabem que a trilha é no meio do mato, em área de mata primária, então se entusiasmam e ficam com aquela expectativa de conhecer o mato, de estar no mato (SOMAVILLA, 2006).

Com relação à infra-estrutura de suporte, esta trilha se localiza a aproximadamente quatro quilômetros da sede municipal de Pinhal Grande. Possui estrada de acesso ensaiada e

⁵⁵ Sistema ecológico formado pelo conjunto de relações mútuas entre seres vivos e fatores físico-químicos de seu respectivo ambiente (SOLDATELLI, 2005, p.533)

em bom estado de conservação. Não existindo hospedagem no meio rural, o turista que decidir pernoitar encontra estrutura na cidade de Pinhal Grande. Segundo o empreendedor Lucas Somavilla há sinalização turística de orientação ao acesso e, também, a implantada pelo CONDESUS⁵⁶.

A sinalização do CONDESUS decorre de projeto estabelecido em 2005 visando renovar e padronizar a sinalização turística da Região. Segundo o CONDESUS (2006) O referido projeto teve como objetivo geral sinalizar as principais rodovias (estaduais e municipais) que dão acesso aos municípios da RQCII com placas rodoviárias e, nas áreas de interesse ambiental e histórico-cultural, com placas para pedestres possibilitando aos visitantes um acesso fácil à Região e a seus elementos naturais e culturais.

O projeto de sinalização turística orçado em R\$ 242,6 mil foi executado com recursos liberados pelo Governo Federal, através do Ministério do Turismo (importante instituição de apoio supra-local para o turismo na Região) e teve a primeira fase concluída no final do mês de julho. O secretário executivo do CONDESUS, José Itaquí, frisou que a sinalização é uma exigência do Ministério do Turismo. Além de indicar pontos turísticos da Região, elas apontam a localização de hospitais, postos de informações, centros culturais, igrejas, entre outros locais (Figura 11).

O projeto de sinalização turística da RQCII proporcionou, conforme o secretário José Itaquí (anexo B), a colocação total de 171 peças sinalizatórias na primeira fase, e na segunda foi instalado mais um lote de 71 placas. Estas peças sinalizatórias são de diversos tamanhos, sendo refletivas para a identificação dos pontos turísticos. Na sinalização dos principais acessos às cidades, foram instaladas ainda placas pósticos e nos refúgios rodoviários foram instaladas placas que possuem o mapa da RQCII, para facilitar a orientação dos visitantes (CONDESUS, 2005).

⁵⁶ O Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia, entidade intermunicipal de direito privado sem fins lucrativos que congrega e articula ações de identificação e potencialização dos recursos territoriais nos sete municípios historicamente integrantes da Quarta Colônia, mais os Municípios de Agudo e Restinga Sêca, é a principal e mais importante instituição de apoio local (no caso regional), para o desenvolvimento do turismo, uma vez que maneja um orçamento de mais de um milhão de reais que o possibilita fazer investimentos significativos em várias áreas, dentre as quais o turismo, que tem sido promovido com base em um modelo integrado entre os Municípios, um turismo de abrangência regional.



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 11 - Placa rodoviária de orientação para o acesso aos cenários turísticos e placa de identificação do cenário turístico, respectivamente.

Sem dúvida, a nova sinalização, construída com a mais moderna tecnologia de materiais e de comunicação visual, padronizou a sinalização regional e promete ser de grande valia para o desenvolvimento do turismo ao facilitar a orientação do turista a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, pois a sinalização turística rodoviária sendo diferente, se destaca no conjunto da sinalização geral de trânsito e chama a atenção do turista que se desloca para a Região.

As instituições de apoio local são: o Departamento de Cultura e Turismo, o qual intermedia as ações do Projeto de Turismo Integrado da RQCII desenvolvido pelo CONDESUS, bem como procura dar apoio ao empreendimento no sentido da intermediação entre o cenário e os turistas, o CONDESUS, através do projeto de turismo integrado da RQCII que tem por objetivo, com relação às trilhas: “formatar espaços naturais, visando desenvolvimento de atividades ecoturísticas, ou seja, que propiciem a interpretação ambiental e o resgate histórico-cultural do local” (CONDESUS, 2006).

O CONDESUS constitui-se na principal instituição de apoio local, e, em parceria com o SEBRAE⁵⁷, principal instituição de apoio supralocal, proporcionou as condições necessárias ao diagnóstico das potencialidades para a formatação da trilha, criação de logomarca e o curso de condutor de trilha.

O SEBRAE é a principal instituição de apoio supralocal a este cenário. A entidade tem participação no turismo regional desde 2002, quando foi instituído o convênio com o CONDESUS. A primeira etapa da metodologia de intervenção do SEBRAE contemplou um conjunto de ações que se estenderam por todo o ano de 2003 visando diagnosticar as potencialidades locais/regionais e, posteriormente, iniciou o processo de formatação dos cenários previamente identificados.

Estas ações permitiram reconhecer a importância da Região como um promissor destino turístico no Estado, tendo em vista sua diversidade cultural e natural, fator que tem despertado o interesse de visitantes e de empreendedores de diversos segmentos econômicos, que realizam investimentos consideráveis em seus negócios vinculados às atividades turísticas em diversos municípios integrantes da RQCII.

Segundo o secretário executivo do CONDESUS, José Itaquí, O SEBRAE é uma entidade que proporciona o suporte técnico, através do trabalho de uma equipe multidisciplinar. Na medida em que solicita consultores de acordo com a demanda e com as necessidades do projeto, permite, segundo o secretário, uma atuação mais eficiente na dinâmica das necessidades. O SEBRAE entra, geralmente, com 70% dos recursos e os municípios entram com 25%, para a execução das atividades integrantes do Projeto de Turismo Integrado da RQCII.

3.2.1.2 - Trilhas de Vale Vêneto

Outras trilhas que recebem turistas na Região se localizam em Vale Vêneto, onde algumas das quais foram estruturadas em antigos caminhos (picadas) abertos pelos imigrantes na época da colonização em meio à mata virgem para se interconectarem aos locais de interesse cotidiano (Figura 12).

⁵⁷ O serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) é a principal e mais importante instituição de apoio supralocal para o turismo da RQCII, tendo participação, neste segmento, na condição de órgão consultor, ou seja, responsável pelas consultorias que envolvem cursos de qualificação bem como assessoria técnica e jurídica. O referido órgão trabalha com base na metodologia dos Arranjos Produtivos Locais (APL) que nada mais são do que um conjunto articulado de empreendimentos ligados pela mesma cadeia produtiva, que, no caso em análise, é a do turismo.



Fonte: Guia Turística Tânia Rorato.

FIGURA 12- Folder de divulgação das Trilhas de Vale Vêneto.

Um exemplo disso é a Trilha do Moinho, cujo percurso passa perto de uma cascata e era usada na época dos imigrantes para dar acesso ao moinho de farinha colonial que se localizava nos contrafortes da Serra de São Martinho. No local se encontram as ruínas deste moinho. No percurso existem, segundo a empreendedora e guia turística Tânia Rorato, (anexo F) muitas bromélias, orquídeas, xaxins, avencas centenárias, taludes rochosos estabelecendo uma perfeita harmonia entre a cultura italiana e o meio ambiente, culminando com a chegada na Cascata do Moinho, uma majestosa queda d'água ideal para a prática do rapel.

O trajeto das trilhas se confunde com a história dos primeiros imigrantes e moradores locais. Entre o verde da mata, o som dos pássaros e a imponência das rochas, podem ser apreciados os vestígios de antigos moinhos e sobrados coloniais. O percurso desta trilha tem duração de aproximadamente cinco horas e é classificada, segundo o nível de dificuldade para percorrê-la, como difícil.

Além da Trilha do Moinho existe a Trilha da Pedra da Gruta, a qual constitui-se em um trajeto de aproximadamente quatro quilômetros entre vales e montanhas cercados por uma grande quantidade de espécies da flora tendo como ponto culminante a Pedra da Gruta, a uma altura de 180 metros em relação a Vale Vêneto. É classificada, pelo critério de dificuldade para percorrê-la como média a fácil, com duração de três horas.

Também se explora a Trilha de São Valentim cujo percurso passa pela capela de São Valentim, primeira capela de Vale Vêneto, construída em 1893, pela ruína que outrora era a casa da família Venturini, construída com blocos de pedra basalto há mais de cem anos, adentrando um quilômetro por mata secundária e culminando na Cascata Branca, uma parede de águas cristalinas com altura de 40 metros, constituindo um local ideal para a prática do rapel.

A Trilha da Pedreira, por sua vez, contempla um percurso alusivo ao local onde antigamente eram extraídas pedras para construção. Também era um caminho que ligava a comunidade de Vale Vêneto com Linha Seis, sul de Silveira Martins. As belezas naturais e a trilha da pedreira seguem margeando um pequeno riacho em cujo leito podem ser apreciadas belas cascatas.

Segundo a guia e condutora de turismo Tânia Rorato, a capacidade máxima com que se operam as trilhas é com grupos de até 12 pessoas, pois há a preocupação ambiental na manutenção das trilhas, retirando as ervas somente no percurso, cortando eventuais galhos de árvores somente quando for extremamente necessário e se houver sinal de erosão o percurso é desviado. Segundo a condutora, até maio de 2006 havia recebido uma demanda de aproximadamente 150 turistas, provenientes do meio urbano (Médicos, Veterinários, Industriais, Comerciais, bancários, aposentados etc) procedentes, em sua maioria, de Santa Maria (Figura 13).

Segundo a entrevistada, os turistas, ao percorrerem uma trilha, buscam a paz, um local de concentração e silêncio, contato com a natureza, fugindo do corre-corre urbano. O preço individual para percorrer uma trilha é de R\$ 15,00 incluindo lanche, sacola e cajado. Deste valor R\$ 1,00 vai para o (s) proprietário (s) da terra onde passam as trilhas. A maioria das trilhas passa em diversas propriedades diferentes e cada proprietário recebe R\$ 1,00. Os turistas são orientados a fazer uso de filtro solar, boné, tênis com garra antiderrapante, roupa confortável e água. A divulgação é realizada através de folder e emissoras de rádio.



Fonte: Guia Turística Tânia Roratto.

FIGURA 13 – Turistas percorrendo as Trilhas de Vale Vêneto.

Geralmente os turistas “trilheiros” preferem o final de semana e se hospedam nas pousadas locais bem como fazem suas refeições no próprio local. Buscando sempre inovar no produto turístico, Tânia Rorato organiza, principalmente em vésperas de datas comemorativas, trilhas temáticas⁵⁸, onde se destaca a “Trilha de São João” com programação típica e “Noite de Luar”, a qual já teve duas edições (1ª em fevereiro e 2ª em março 2006). Nesta última, os turistas percorrem a trilha durante uma noite com boa luminosidade lunar (lua cheia) e em ambiente aberto, geralmente no topo de uma colina. Instalam um telescópio que os permitem ver a lua e as estrelas. Muitas vezes, estes momentos servem à meditação. Como estas edições são especiais, os preços são diferenciados sendo que na “Noite de Luar” o preço cobrado é de R\$ 56,00 e na de São João, R\$ 51,00 inclusos comes e bebes.

Com relação à infra-estrutura ao cenário destaca-se, inicialmente, a hospedagem em meio rural disponível para o pernoite. O turista que decide se aventurar pelas trilhas de Vale Vêneto tem como opção de hospedagem a Pousada Recanto, o que se torna de fundamental importância, pois a promoção do Turismo no Meio Rural, notadamente, implica também em disponibilizar estrutura suficiente para recepcionar o turista, o qual prioriza o conforto e os

⁵⁸ Trilha temática ou de relato, segundo Pagani (1999, p. 159), tem como finalidade interpretar um relato ou tema coerente à trilha e que proporcione ao visitante um ponto de referência a ser retido ao longo do percurso.

aparatos modernos da vida urbana tais como televisão, geladeira, luz, computador, telefone etc.

Situada no Distrito do Recanto Maestro em São João do Polêsine, a Pousada⁵⁹ Recanto, por sua vez, funciona desde 2000 em um casarão de pedra, em estilo colonial italiano totalmente reformado. A pousada oferece um espaço privilegiado junto á natureza, com belas paisagens, jardim, área de convivência, ótima cozinha, formando um local adequado para descanso, lazer, reuniões empresariais e cursos. Possui sala para eventos, jogos de tênis de mesa, voleibol e bocha, tudo em meio a um belo jardim. No inverno é aquecida por várias lareiras, tornando-se ainda mais aconchegante. À tardinha, pode-se saborear um gostoso chimarrão no quiosque erguido nas adjacências e observar a revoada de tucanos que aí buscam sementes para sua alimentação.

A Pousada está instalada em uma construção típica da época da imigração, com suas paredes de pedras de basalto regular assentadas a seco formando um equilíbrio perfeito entre o rústico e o moderno (Figura 14).

O restaurante da pousada oferece um cardápio variando desde a cozinha típica italiana a preparos internacionais mais refinados, disponibilizando elegantes jantares servidos à francesa. Quanto à capacidade e estrutura de hospedagem, segundo o administrador Genilson Bevilaqua (anexo D), a pousada dispõe de capacidade para hospedar até 22 pessoas em condições ideais de conforto, possui 11 apartamentos no total, sendo 5 de nível *Standard*, (simples) que não contam com televisão e frigobar ao preço de R\$ 65, 00 a diária, com café da manhã incluso e, 6 apartamentos de *luxo* aparelhados com ar condicionado, Tv a cores, frigobar, telefone, aquecimento central ao preço de R\$ 90, 00 a diária⁶⁰.

A Pousada está em funcionamento desde o ano de 2000 e vem recebendo grande afluxo de turistas, dos quais, segundo o entrevistado, 50% são participantes de cursos proferidos no Recanto Maestro, centro internacional de arte e cultura humanista, e os demais 50% são turistas de final de semana que vêm para a Região em busca de tranquilidade e contato com a natureza, sendo provenientes, em sua maioria, de Santa Maria. A pousada conta com dois funcionários fixos e recebe consultorias do SEBRAE. Seu marketing veicula na mídia local escrita (jornais locais e regionais) e falada.

⁵⁹ De acordo com Beni (2004, p. 332), uma pousada constitui-se em um “estabelecimento comercial de hospedagem, sem parâmetros predefinidos de classificação, situa-se em edificações de valor histórico, ou em construções novas, com predominância do estilo do proprietário na decoração interna, paisagismo do entorno, serviços com atendimento personalizado e cozinha regional ou internacional refinada. Observa-se no Brasil uma tendência de confundir pousada com hospedaria. A pousada evoluiu para a categoria de equipamento hoteleiro convencional”.

⁶⁰ Preços praticados com base no tarifário em vigência quando do encerramento desta jornada do trabalho de campo em Vale Vêneto, em maio de 2006.



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 14 - Cenas da Pousada Recanto.

As estradas de acesso às trilhas de Vale Vêneto são, na sua totalidade, ensaiadas e se encontram em bom estado de conservação. O turista que se dirige pela RS 149 sentido Santa Maria - São João do Polêsine adentrando na estrada São José - Vale Vêneto, anda somente seis quilômetros em estrada não pavimentada. A sinalização turística de orientação ao acesso existente foi colocada pelo CONDESUS. Guias turísticos não são contratados pois a empreendedora também é guia e condutora formada pelo SEBRAE, que é a principal instituição de apoio supralocal e que teve influência direta no desenvolvimento deste cenário turístico.

3.2.1.3 - Roteiro Paga-Peão

Segundo a Secretária de Turismo e Cultura de Pinhal Grande, Neuta Darold (anexo A) o principal cenário de turismo náutico existente no município é o Roteiro Paga-Peão. Este

roteiro de turismo ecológico náutico⁶¹ está localizado no território de Pinhal Grande, município que possui fortes potencialidades para o turismo ecológico devido à presença do Rio Jacui, importante pelas quedas d'água e onde se localizam diversas hidrelétricas, dentre as quais a de Itaúba. Neste sentido, no ambiente aquático lântico, proporcionado pelo alague da represa, se estruturou o roteiro de turismo ecológico conhecido como Paga-Peão, um passeio de barco que tem duração média de duas horas (Figura 15).



Fonte: Departamento de Cultura e Turismo de Pinhal Grande.

Montagem: Oni Nardi.

Figura 15 – Cenas do roteiro de turismo ecológico-náutico Paga-Peão.

O alague da represa localiza-se no curso superior do Rio Jacui, a 184m de altitude, na região da Encosta Inferior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Tem às suas margens os municípios de Júlio de Castilhos, Pinhal Grande, Estrela Velha e Salto do Jacuí. A represa possui 30km² de superfície, 94m de profundidade máxima, acumulando 450 milhões de m³ de água, que serve para a geração de energia elétrica.

⁶¹ O turismo náutico compreende “uma atividade turística, cuja motivação de lazer está associada ao litoral, rios, lagos, lagoas e atividades afins, incluindo os esportes náuticos, praticado tanto em grandes navios como em pequenas embarcações de recreio” (HRDLICKA, 2005p. 368).

As águas, em todo o seu percurso, são utilizadas também para o consumo da população. Integra-se ao conjunto o sistema de barragens em cascata, constituindo-se o último da série, sendo precedido pelos reservatórios Salto do Jacui, Passo Real e Ernestina. O reservatório tem formato alongado com diversos braços, sendo constituído por um trecho do Rio Jacui e parte do curso inferior de seus afluentes (FERNANDES e NASCIMENTO, s.d).

O passeio ecológico Paga-Peão oferece imponente espetáculo da natureza, na medida em que tudo o que se observa é grandioso: as rochas, a vegetação, a imensidão da água, a caprichosa escultura na rocha e a engenharia da mão humana. A origem do nome do roteiro decorre de uma lenda em que um fazendeiro contratava peões de outras localidades para trabalharem em sua propriedade. Após um determinado tempo de serviço os peões iam reclamar ao fazendeiro o seu pagamento. O empregador, por sua vez, sempre chamava o peão para receber seu ordenado perto de um penhasco, onde ao invés de pagá-lo o fazendeiro o empurrava penhasco abaixo, matando-o. Assim estava pago o peão.

Segundo Paulo Stefanello, (anexo F) empreendedor do roteiro, a capacidade de absorção de demanda visando a exploração turística conta com uma lancha, motor de popa, modelo marujo 6200, com 6 m de envergadura e motor de 25 HP e capacidade para sete pessoas. Quando a demanda é maior existem quatro outros colaboradores podendo proporcionar passeio a um grupo de até 15 pessoas com segurança.

O valor é de R\$ 35,00 a 40,00 por pessoa, com duração de 1 hora e 40 minutos. O passeio tem seu trajeto iniciado no largo da usina e segue a montante do Rio Jacui pelo alague, até aproximadamente, 8 Km. Deste ponto a embarcação retorna e passa embaixo da “cascata do batismo”⁶² de 45 metros, batizando os tripulantes do barco. O roteiro já foi executado por aproximadamente 100 pessoas provenientes de Santa Maria, Bento Gonçalves e outros estados como Paraná e São Paulo.

Observa-se que por toda a extensão do roteiro, imensos taludes rochosos cobertos por mata secundária em vários estágios de sucessão ladeiam as águas. Aqui e ali encontram-se áreas de campo e de plantações. Mesmo assim, destaca-se sempre a massa verde das matas

⁶² A Cascata do Batismo é o ponto mais importante para quem deseja ter a noção exata do tamanho da massa rochosa e dos processos que nela ocorrem. A variedade da vegetação que cobre a rocha, a ação das raízes nas fendas, os pássaros da região, estão todos neste lugar. Além de tudo, é o único local onde a cascata não desliza sobre a pedra, mas cai das alturas, propiciando que se passe de barco exatamente sob ela, “batizando” seus ocupantes. É fundamental uns minutos de parada para fotos, para observação, para refletir sobre tudo o que foi visto e guardar na lembrança tão belo lugar.

secundárias, as matas ciliares e os taludes rochosos⁶³ pela sua imponência e aparente eternidade. Neles existe uma grande variedade de cactos e de barbas-de-pau (*Tilandsia* sp.); inúmeras fendas nas rochas são excelentes refúgios para grande quantidade de pássaros, com alto grau de preservação da maior parte das matas, principalmente devido a completa dificuldade de acesso à maioria dos locais, sendo possível admirá-los de barco; para observações mais detalhadas o uso do binóculo é aconselhável.

Paulo Stefanello comenta que em todo o trajeto há grande preocupação com o meio ambiente. É comum donos de barcos se reunirem para retirar o lixo que a correnteza carrega para dentro do alague. Os taludes rochosos que emolduram todo o percurso do Passeio Ecológico Paga-Peão apresentam diferentes estágios de decomposição. Em muitos pontos é possível observar todas as etapas de transformação da rocha. É neste talude que se observa ao mesmo tempo a delicadeza da vida e a eternidade da rocha.

São dois os elementos que agem sobre a rocha neste processo: a temperatura (sol e vento) e a chuva. A primeira se é alta, dilata a rocha; se for baixa contrai. A segunda, não só auxilia estas variações, como também penetra pelas frestas e reentrâncias, ajudando a esculpir novas formas. Esse eterno “esquenta-esfria-molha-seca” resulta em pequenas fendas que aumentam aos poucos até separar pedaços de rocha. No caso das rochas do Paga-Peão, é possível se observar finas estrias ao longo do bloco rochoso, que se separa em pedaços, desde o alto e por todo o corpo da rocha. Às vezes são finos e longos como se fossem torres, outras vezes formam blocos menores, perfeitamente quadrados.

Por essas fissuras se estabelecem as raízes das plantas que “povoam” a rocha. Como crescem de dentro para fora, aumentando seus diâmetros e quase sempre para baixo na direção da água, vão ajudando, com este esforço, a afastar os blocos já rachados. Surgem então inúmeros refúgios, aproveitados por diversos animais, principalmente os pássaros.

Toda a superfície nua da rocha adquire, por vezes, colorações diversas, predominantemente o amarelo-alaranjado. São os líquens e musgos que aceleram o processo de decomposição, pois acumulam água e produzem substâncias químicas que atuam sobre a rocha nua. Esses musgos, geralmente de cor verde-esbranquiçada, retêm muita umidade, como uma esponja, comportando-se como um agente modificador da quantidade de água que atua sobre a rocha que o abriga. Com o tempo, a parte mais velha do musgo torna-se amarelada e morre, não ocorrendo sua decomposição devido às substâncias químicas produzidas pela planta.

⁶³ Compostos por rochas ígneas vulcânicas do tipo basalto.

Na parte alta do talude o que se observa é uma camada superficial de cor mais escura, o solo, formado também pela decomposição da rocha superficial e coberto por vegetação. Trata-se de uma camada fina se comparada à massa rochosa. Sobre esta fina camada de solo estão os seres vivos, plantas e animais que, ao morrerem, se decompõem e enriquecem esta camada tão importante. Por sua vez, as raízes das plantas que por sobre ele vivem, ajudam a estabilizar o solo, evitando que as enxurradas levem tudo abaixo (FERNANDES e NASCIMENTO s.d).

A infra-estrutura de acesso a este cenário que se localiza a aproximadamente 20 quilômetros da sede municipal de Pinhal Grande se faz por estrada ensaiada em boas condições de trafegabilidade. Hospedagem no meio rural não existe, a qual somente é encontrada na sede de Pinhal Grande, mas o empreendedor Paulo Stefanello afirma que foi solicitado auxílio da prefeitura para construir uma infra-estrutura mais adequada e até parcerias.

No roteiro não se contrata guia turístico, pois o empreendedor possui formação para isto e o agenciamento pode ser feito com a agência de turismo Viaggiotur de Faxinal do Soturno. A empresa, segundo sua proprietária, Silvia Osmari, (anexo H) opera mediante a demanda formada por grupos de, no mínimo, dez pessoas, disponibilizando a opção de incluir também o transporte nos seus pacotes.

A entrevista permitiu esclarecer que um roteiro de dois dias contemplando o passeio de barco no Paga-Peão e o percurso a duas trilhas em Ivorá e em Pinhal Grande, dois almoços, uma degustação de produtos coloniais, com acompanhamento de guia turístico credenciado e um pernoite, tem o custo de R\$ 109,00. O turismo receptivo está começando a se consolidar na RQCII, no entanto possui sazonalidade, pois a demanda maior ocorre durante o verão. Segundo Silvia o turista ao solicitar os roteiros da RQCII busca fundamentalmente a tranquilidade e o contato com a natureza.

A sinalização turística existente é a implantada pelo CONDESUS, o qual é a principal instituição de apoio local em parceria com o SEBRAE, principal instituição de apoio supralocal, tendo por objetivo com relação ao turismo náutico “oferecer orientações referentes à estruturação de espaço físico para implantação de turismo náutico, bem como informações pertinentes a negócios vinculados a este tema” (CONDESUS, 2006 n.p). Desta forma o SEBRAE diagnosticou as potencialidades, estabeleceu o roteiro e proporcionou a consultoria técnica, inclusive com a criação da logo-marca.

3.2.1.4 - Programa de Caminhadas Ecológicas de Silveira Martins.

As caminhadas ecológicas ou *Trekking* estão associadas ao turismo ecológico e se constituem em um esporte que está se popularizando no Brasil. Permite aos esportistas caminhar por espaços naturais desfrutando do contato com a natureza preservada, cercada de belas paisagens e em locais pouco conhecidos. Os praticantes desta modalidade aliam o prazer em contemplar a natureza com os benefícios da atividade física em uma tentativa de fugir do stress da rotina diária.

Os percursos podem ser longos ou curtos, importando apenas o prazer de caminhar. Originalmente é um esporte de competição introduzido no Brasil em 1985. Contudo na RQCII é praticado mais no sentido de contemplação da natureza aliada aos benefícios para a saúde. O baixo custo da atividade, aliado aos vários níveis de dificuldade, proporciona ao praticante toda a segurança necessária e é este um dos principais motivos da grande popularização desta modalidade.

A história deste esporte é muito antiga tendo origem no século XIX através dos trabalhadores holandeses que colonizaram a África do Sul, os quais utilizavam o termo *Trekken* para designar sofrimento e resistência física. Posteriormente, com a chegada dos ingleses ao local a expressão sofreu adaptação passando a denominar as longas caminhadas realizadas pelos trabalhadores britânicos. A partir daí o termo se expandiu para o mundo.

Baseado neste princípio o Município de Silveira Martins está organizando uma nova proposta de turismo ecológico, o programa de caminhada (Trekking) denominada “Camminatta Alla Quarta Colonia”⁶⁴ temporada 2006/2007. O projeto é idealizado pela Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Lazer e por uma empresa de turismo de Santa Maria.

São muitos os cenários que podem ser usufruídos pelo turista que se aventura no programa de Silveira Martins. Para quem aprecia a natureza, a Região oferece uma paisagem ímpar em local preservado pela reserva da biosfera da Mata Atlântica. As quedas d’água que se formam nas reentrâncias de formações geológicas são algumas das singularidades do relevo pertencente à Serra de São Martinho no rebordo do Planalto Meridional Brasileiro.

⁶⁴ O nome do programa “Camminatta Alla Quarta Colonia” não tem esse nome por acaso. A denominação lembra a caminhada idealizada por Felisberto Barros que tinha início em sua propriedade, a chácara de lazer Santa Eulália. Todos os anos ele organizava uma caminhada de quatro dias pelos municípios da região. A última edição aconteceu em 2003 e a próxima está prevista para 2007, sendo programada para os dias 27 a 30 de setembro, no início da primavera e deverá passar pelos municípios de Silveira Martins, São João do Polêsine, Ivorá, Nova Palma e Faxinal do Soturno.

Os turistas aventureiros da “Camminatta Alla Quarta Colonia” cuja primeira saída ocorreu no dia 23/09/2006, puderam conferir as riquezas do patrimônio natural que inclui cachoeiras, rios, a flora nativa e alguns exemplares da fauna como quatis, tucanos, aranhas e insetos. Outro destaque são as estradas centenárias construídas pelos colonizadores italianos e que ajudam a contar a historia da imigração (Figura 16).



Fonte: Jornal Diário de Santa Maria, edição do dia 29/09/2006.

Figura 16 - Reportagem alusiva à primeira turma de turistas do Programa de Caminhadas Ecológicas de Silveira Martins.

O projeto contempla 100% das potencialidades turísticas da RQCII como algumas espécies vegetais e animais que existem apenas aqui, entre outras riquezas naturais, a gastronomia, as agroindústrias, a cultura e a arquitetura colonial que só é possível de ser apreciada ao ser percorrido caminho pelo meio rural. Além disso, a caminhada faz bem à saúde e é o esporte mais praticado no mundo.

De acordo com Petrys Antonello, da agência responsável pelas trilhas, em entrevista ao jornal Diário de Santa Maria, (Caderno Quarta Colônia 15 set. 2006) cada mês haverá um percurso diferente destinado a grupos de quinze ou vinte participantes. Sempre existirá o acompanhamento de dois ou três guias que, além de indicarem o caminho, farão explicações sobre os atrativos do trajeto e desenvolverão atividades de alongamento antes da caminhada e nos momentos de pausa. Os percursos terão saída e chegada em Silveira Martins; no entanto,

poderão ter passagem por São João do Polêsine, Faxinal do Soturno e Ivorá, conforme a disposição dos turistas.

A infra-estrutura disponível no cenário é propiciada pela sinalização turística do CONDESUS, bem como por estradas ensaiçadas e asfaltadas (RS 348) e a principal instituição de apoio local é a Secretaria de Turismo de Silveira Martins a qual proporciona meios para a divulgação deste evento.

3.2.2 - Cenários cultural-históricos promotores do Turismo no Meio Rural.

Por trás da exuberância da mata nativa e da beleza paisagística encontrada na Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana existe uma história de esforço e de luta que remete a uma saga imigratória transcontinental iniciada no último quartel do século XIX. Nesse sentido, nem sempre é perceptível a história existente por trás de um cenário cultural visitado.

É preciso entender, primeiramente, que os cenários culturais tangíveis e intangíveis atualmente presentes no meio rural da RQCII do Rio Grande do Sul, são remanescentes da reterritorialização iniciada no final do século XIX, portanto eles têm origem neste processo, descrito no primeiro capítulo deste trabalho.

3.2.2.1 - Parque Histórico Obaldino Benjamim Tessele

Segundo a Secretária de Turismo de Dona Francisca, Rosa Cristina Kittel, (anexo A), um dos principais atrativos do Município é este parque, que pode ser considerado um museu ao ar livre. Está situado próximo à cidade de Dona Francisca, guardando um vasto acervo sobre a história da colonização agrícola do Município e da Região.

Percebe-se que os moradores souberam dar valor ao passado e conservaram a arquitetura, objetos e maquinários agrícolas de seus ancestrais. No local o turista pode estabelecer contato com a história da colonização local e isto vem sendo realizado desde a década de 90, quando foi construído o referido parque. Situado às margens do Rio Jacuí, ele dispõem de infra-estrutura para eventos esportivos como Motocross, que é realizado anualmente por ocasião da semana de aniversário do Município. Há também lago natural e área de lazer.

Contudo, a parte mais atrativa é a histórico-cultural, onde sobressaem aspectos temáticos que invocam o rural histórico. Segundo a secretária de Cultura e Turismo, Rosa Cristina Kittel, foram construídas duas casas em estilo colonial e decoradas com objetos

típicos dos imigrantes, uma em estilo colonial alemão⁶⁵ e outra em estilo colonial Italiano. A preocupação com os detalhes é impecável, podendo ser percebida em seus diversos objetos, utensílios domésticos, indumentárias, ferramentas agrícolas e maquinários, todos autênticos do período colonial e são emblemáticos da saga da colonização agrícola local.

Além das casas e seus objetos, que funcionam como uma espécie de museu, o Parque também apresenta a exposição de maquinários agrícolas utilizados pelos primeiros colonizadores que invocam a memória de modos de vida de tempos pretéritos que fizeram parte da história da agricultura e da formação do meio rural local. Entre estes maquinários destacam-se um trator antigo, arados a tração animal, capinadeiras e o mais imponente, a máquina a vapor conectada a uma bomba hidráulica de recalque (Figura 17).



Fonte: Prefeitura Municipal de Dona Francisca.

Figura 17 – Vista da máquina a vapor e da roda d’água presentes no Parque histórico municipal.

Em tempos onde não havia energia elétrica e o óleo diesel era escasso, os orizicultores puxavam água do Rio Jacui para irrigar suas lavouras por meio da máquina a vapor, cujo combustível era a lenha. Também há, no local, o monumento em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, símbolo da religiosidade local e padroeira do Município. Também

⁶⁵ Uma parcela da população do Município é composta por descendentes de Imigrantes Alemães, uma vez que pequena parte do seu território fez parte da Colônia Santo Ângelo de Imigração Alemã, fundada em 1857, cujo berço constituiu-se no município de Agudo, vizinho à Dona Francisca.

junto ao parque encontra-se o chamado porto do Rio Jacuí, uma rampa calçada com paralelepípedos que dá acesso ao leito do Rio Jacui, local que guarda uma simbologia histórica para o Município, pois, em tempos pretéritos, era por aí que escoava a produção agrícola. Atualmente o local é utilizado para o turismo ecológico, pesca esportiva e ponto de chegada das canoagens.

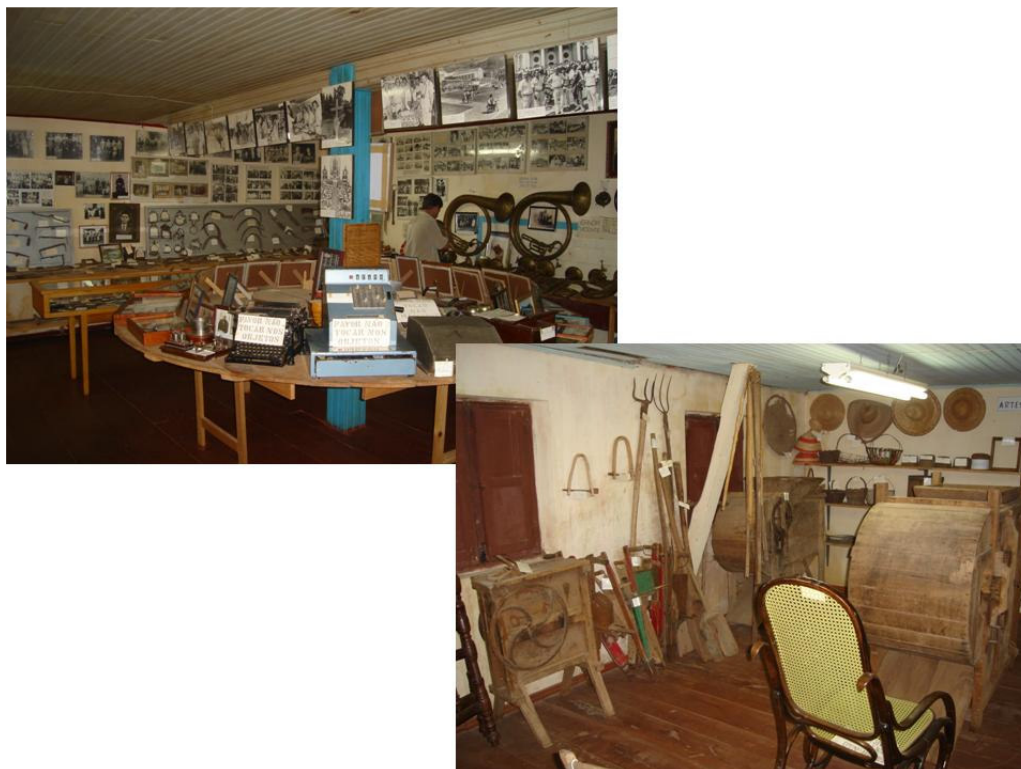
Com relação à infra-estrutura, o parque pode ser acessado por estradas pavimentadas e a hospedagem é disponibilizada na cidade de Dona Francisca, que possui uma pousada em boas condições. A sinalização de orientação ao acesso turístico foi renovada pelo CONDESUS, que se constitui na principal instituição de apoio local, juntamente com a Secretaria de Turismo, a qual, segundo a secretária Rosa Cristina Kittel, vem trabalhando para organizar e expor de forma adequada o acervo documental da origem italiana e alemã.

3.2.2.2 - Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop

O Museu foi fundado pelo descendente de imigrantes Eduardo Marcuzzo que conseguiu reunir peças raríssimas constitutivas do modo de vida dos imigrantes como o “i focui” tamancos de madeira usados pelos imigrantes⁶⁶, passaportes italianos, armas de caça, canhões, utensílios agrícolas etc. Localizado em Vale Vêneto, ocupa uma área de 600 m² divididos em oito salas (RIO GRANDE DO SUL, 2000).

O acervo conta com mais de três mil peças constituídas por artefatos confeccionados pelos primeiros imigrantes que por ali se reterritorializaram a partir de 1878. Muitos destes utensílios, como panelas e outros menores trazidos da Itália pelos imigrantes e alguns confeccionados na nova terra, testemunham o espírito de improviso e criatividade do grupo social, em tempos em que tudo devia ser construído. Também existem fotografias antigas, documentos dos imigrantes, especialmente passaportes, mapas, artesanato e ferramentas agrícolas (Figura 18).

⁶⁶ Os imigrantes fabricavam seus próprios calçados, como os tamancos de madeira, que eram usados no início da colonização. Serviam para assistir as missas aos domingos e também para o trabalho. No inverno estavam muito em uso, pois permitiam manter os pés bem aquecidos. (KURTZ, sd, p. 41)



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 18 - Vista do Museu do Imigrante Italiano Pe. João Iop de Vale Vêneto.

Uma secção de arte sacra apresenta livros usados nas celebrações, quadros de santos, crucifixos, etc. Além disso, existe um quarto decorado com móveis tipicamente coloniais. Em anexo encontra-se um centro de pesquisas com os nomes dos imigrantes da RQCII e uma pequena biblioteca com livros sobre a história da colonização. Segundo o zelador José Marcuzzo (anexo D) o museu fica aberto à visita aos finais de semana e durante os dias da semana a visita pode ser realizada mediante agendamento prévio. O Museu se constitui no maior acervo histórico-cultural de toda a Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Recebe anualmente de três a quatro mil visitas, sendo que ilustres personalidades também já o visitaram como o cardeal Patriarca de Veneza, Dom Albino Luciani, (depois papa João Paulo I) em sua passagem por Vale Vêneto em 1975 (KURTZ s.d).

Com relação à infra-estrutura turística, o Museu possui sinalização implantada pelo CONDESUS e, para o pernoite, tem-se a opção do hotel Pousada Vêneta, situado a apenas alguns metros do Museu. A principal instituição de apoio ao museu é a prefeitura municipal de São João do Polêsine, a qual colabora na manutenção e divulgação.

3.2.2.3 - Festival Internacional de Inverno e Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto.

Vale Vêneto⁶⁷ é o segundo distrito de São João do Polêsine. O lugar foi colonizado a partir de 1877 com levas imigratórias italianas que ali se afixaram. Inicialmente, reza a História que o local era denominado Vale dos Bortoluzzi devido a grande quantidade de membros daquela família. Com a chegada dos imigrantes porém o nome foi mudado. Após uma reunião realizada pelo padre Antonio Sorio⁶⁸ consta que teria sido o imigrante Luigi Melotto que teria dado a sugestão de denominar o local de “Val Venetta”, uma vez que todos estariam vivendo num bonito vale e como todos procediam do Vêneto Italiano o nome seria bastante pertinente. Contudo, em 1909, foi sugerido que o nome fosse traduzido para a língua portuguesa e a partir de então ficou denominado de Vale Vêneto, denominação vigente até os dias atuais (KURTZ, s.d).

Nos idos de 1985, dada a beleza e tranqüilidade do lugar, Vale Vêneto foi escolhido pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como um lugar ideal para sediar o Festival Internacional de Inverno de Música Erudita. Sendo ele um local aprazível e belo por natureza, além de tranqüilo, portanto perfeito para o desenvolvimento da música erudita, cujos acordes exigem máxima concentração o silêncio⁶⁹ do vale favoreceria este objetivo.

O Festival de inverno projeta Vale Vêneto e a RQCII mundialmente, sendo realizado atualmente pelo Departamento de Música do Centro de Artes e Letras (CAL) da Universidade Federal de Santa Maria em parceria com a Comunidade de Vale Vêneto, prefeitura municipal

⁶⁷ Pelos seus aspectos culturais preservados o turista que chega a Vale Vêneto pode sentir pulsar a saga da imigração Italiana em uma territorialidade altamente cosmopolita, determinada por varias marcas (monumentos, grutas, capelas centenárias, museu etc) que invocam a memória dos colonizadores antepassados. Por tudo isso Vale Vêneto é considerado distrito turístico e também, na literatura, é denominado como sendo um “pedaço da Itália no Brasil”, tamanha a expressão da reterritorialidade. Vale Vêneto sempre se destacou por sua beleza ímpar e pela sua preservação dos hábitos e costumes dos imigrantes peninsulares, características essas que lhe deram o distintivo de distrito turístico

⁶⁸ Padre Antonio Sorio, veio da Itália juntamente com seu colega Vitore Arnoffi. Padre Sório foi um dos primeiros padres seculares a vir para Vale Vêneto.

⁶⁹ Vale Vêneto além de possuir uma paisagem de alta beleza cênica, configurando uma pintura da natureza, circundada pelos contrafortes do sistema orográfico da Serra de São Martinho, possuir forte legado histórico-cultural e arquitetônico, testemunho da saga imigratória italiana, também é um lugar extremamente tranqüilo, ideal para o descanso necessário para a recuperação física e mental de pessoas que vivem no agitado meio urbano. A este propósito o jornalista, historiador, empresário, padre e grande incentivador do turismo em Vale Vêneto Clementino Marcuzzo comenta que certa feita, ao entardecer no Vale, um turista carioca hospedado no hotel Pousada Vêneta estava no quintal do estabelecimento, observando atentamente a paisagem. O padre Clementino então foi ver o que se passava, saber qual era a impressão que o referido turista havia do lugar e o motivo de tanta contemplação. Então lhe indagou o que está observando? E o turista lhe respondeu: estou atento para ver se escuto o “barulho do silêncio”. Este profundo silêncio que predomina em Vale Vêneto bem como em todo interior da Quarta Colônia só é quebrado esporadicamente pelas vozes do campo, tais como mugidos, canto dos pássaros, relinchos, som dos ventos, das águas etc.

de São João do Polêsine e a Universidade da Geórgia nos Estados Unidos. O Festival de Inverno compreende um espaço destinado a atividades acadêmicas, objetivando o intercâmbio e aperfeiçoamento da música erudita, através de oficinas e apresentações.

No Festival, os estudantes e professores de música de vários países permanecem uma semana no belo Vale Vêneto, onde, por meio de oficinas e concertos musicais⁷⁰ é promovida a troca de experiências, de grande valia para o aperfeiçoamento das habilidades musicais. Para a edição de 2006, do festival, segundo a coordenadora do evento prof^a Ângela Maria Ferrari, em entrevista ao jornal Cidades do Vale (18 Jul. 2006, p.10) se inscreveram 140 alunos provindos das mais diversas localidades do Brasil e do exterior como Argentina, Uruguai, Estados Unidos, Santa Catarina, Goiás e cidades de Porto Alegre e da região de Santa Maria. Já o corpo docente tem sido composto por 16 profissionais provindos de diversos países tais como Brasil, Estados Unidos, Espanha, Argentina, Croácia, Itália e Venezuela.

O Festival de Inverno e a Semana Cultural Italiana são dois eventos realizados paralelamente, tendo duração de uma semana (sempre na última semana do mês de Julho) os quais, pelas suas magnitudes monopolizam as atenções turísticas e desfrutam de grande destaque na mídia regional (Figura 19).

► Vale Vêneto - Distrito recebe dois grandes eventos: Festival Internacional de Inverno e Semana Cultural Italiana

Música e Italianos unidos no Vale

Neste domingo, iniciaram dois grandes eventos que iniciam com o turismo da Quarta Colônia: o XXI Festival de Inverno da Universidade Federal de Santa Maria e a XXI Semana Cultural Italiana, os em bom italiano, Settimana Culturale Italiana. Os acontecimentos vão até o dia 30 de julho em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine.

No caso do festival de música, os estudantes saem com seus acompanhamentos renovados até os professores de França, Espanha, Itália, Estados Unidos, Venezuela e Argentina. Além das cerca de 150 oficinas, que são para iniciantes, acontecem recitais todas as noites, a partir das 18h, abertos ao público presente. A promoção do Festival é do Departamento de Música do Centro de Artes e Letras da

Universidade Federal de Santa Maria, com apoio da Prefeitura de São João do Polêsine, da comunidade de Vale Vêneto e da Universidade da Geórgia, EUA. Este ano, ocorrerá quatro oficinas para a comunidade não musical: Como infantil, com Luzandra Rodrigues; Oficina de Bateria doce, com Mariana Mariani Raposo; Oficina de violão, com Marcos Vinícius Araújo e Oficina de Percussão, com José Everton.

Neste domingo, a abertura oficial contou com a presença do diretor e vice-reitor da UFSM, Clévis Lima e Paulo Jorge Sarkis, respectivamente, com o prefeito da Quarta Colônia e autoridades políticas, como Romaldo Mota, ministro interino da Educação, que comentou sobre a importância do evento. "A região tem um enorme

potencial turístico, não só pelas belezas naturais mas pela cultura, pelo conhecimento. E este Festival é importantíssimo, trazendo profissionais conceituados de várias partes do mundo. A música é uma arte, e, certamente, a arte é a mais promissora de todas as formas de turismo", disse o ministro.

Logo depois, aconteceu a missa na Igreja Matriz de Corpus Christi, presidida pelo Superior Geral dos Palotinos, que contou com a presença da Orquestra Sinfônica de Santa Maria, tendo como regente Énio Guerra, segunda tradicional almoço italiano, no qual estavam 1.000 pessoas. Para a Semana Italiana, bancas de artesanato e gastronomia típica e destilados lembrando a história de presébitos e palatinos deram início a homenagem italiana.



Fonte: Jornal A razão, edição do dia 24/07/2006.

Figura 19 - Reportagens alusivas ao XXI Festival Internacional de Inverno e XXI Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto.

⁷⁰ Os concertos musicais, são ministrados pelos professores participantes do evento diariamente às 18 horas da tarde no salão de atos do seminário Palotino, sendo abertos ao público em geral que sempre comparece em grande número.

A outra parte do evento denominada Semana Cultural Italiana compreende um espaço destinado à valorização da cultura italiana através de danças típicas, jogos, gastronomia, artesanato, cantorias, teatros e outros espetáculos folclóricos, destinados a reviver o modo de vida dos imigrantes e a cultura que é passada de geração em geração como pode ser visualizado no folder a seguir (figura 20) que apresenta, o Nono e a Nona, figuras emblemáticas da italianidade reterritorializada como que convidando os turistas para vir para Vale Vêneto que serão bem recepcionados e terão a oportunidade de entrar em contato com um outro mundo, com o mundo da cultura típica Italiana em terras de além-mar, cuja sociabilidade⁷¹ e até mesmo a natureza física proporcionam uma atmosfera cosmopolita”.



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 20 - Folder alusivo ao XXI Festival Internacional de Inverno e XXI Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto.

Segundo José Marcuzzo (anexo D) o Festival e a Semana Cultural Italiana têm sua abertura solene sempre no penúltimo domingo do mês de julho com missa na Igreja Matriz de *Corpus Cristhi*, rememorando a religiosidade dos italianos, contando com a presença sempre das autoridades regionais, estaduais e do reitor da UFSM. Uma vez dada a abertura oficial do

⁷¹ Na semana compreendida pelo, evento nota-se um fluxo de pessoas de diversas partes do mundo formando uma sociabilidade cultural cosmopolita e altamente diversificada por meio de língua, hábitos etc, constituindo uma expressão do fluxo global no local.

evento, ao meio dia é servido o almoço típico italiano no salão paroquial, geralmente para um público de mais de mil comensais.

Após o almoço, por volta das quatorze horas, abrem-se alas para o espetáculo, para a encenação lúdica da grande epopéia da imigração italiana no Rio Grande do Sul. O público se perfila nas calçadas da rua principal e disputa o melhor lugar para assistir ao desfile que possui narração simultânea.

O desfile é como se fosse uma máquina do tempo que permitisse nos reportar àquele momento histórico, iniciado ainda no século XIX através da saga da reterritorialidade italiana em um ambiente totalmente novo e desconhecido tido na ideologia do imigrante como um “Novo Mundo” que se descortinava ao seu horizonte. Este novo mundo representava uma nova odisséia que significava a possibilidade de passar da condição de campesino pobre e despossuído para a condição de proprietário de terras, que somada a sua força de trabalho lhe proporcionaria a construção de seu tão sonhado eldorado e, até mesmo, voltar a sua pátria de origem como um *Signore*, um nobre que fez fortuna em terras distantes.

O desfile típico, sortido com varias alegorias representativas dos costumes e tradições daquela brava *gens itálica* de outrora, representa uma janela que permite a passagem do contexto sociocultural do século XIX para a contemporaneidade, atendendo ao contexto sociocultural pós-moderno e seus anseios turísticos. Desta forma, na busca de atores para encenar os imigrantes que fizeram parte da historia local e reconstruir seus modos de vida, são escolhidos vários descendentes locais que, neste dia, incorporam seus ancestrais e servem de elo do passado com o presente, através da reconstituição da história da identidade étnica italiana.

Busca-se, assim, corresponder à expectativa e encantar a todos os turistas que afluem ao local, ávidos pela busca do identitário, do reencontro das origens, do diferente, do enraizado, do bucólico, do simples da cultura não estandardizada, em contraposição à difundida no espaço global. Moradores locais sejam crianças, jovens e velhos, homens e mulheres, se vestem com trajes típicos de época e desfilam pela rua principal.

Em cima de carrocerias de caminhões, simulam antigos afazeres rurais como a construção dos cestos de vime para uso agrícola, trança de palha de trigo, para a construção dos chapéus, e conserto de roupas (atividades típicas do grupo feminino na divisão sexual do trabalho na colônia), bem como outros artefatos que os próprios imigrantes, devido à necessidade, tinham de construir para transformar a natureza milenar hostil em frutífera e apta a proporcionar os frutos necessários para a condução do progresso da colônia de Vale Vêneto. (Figura 21)



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 21 – Alegorias representando os afazeres rurais dos imigrantes. Cenas do desfile típico na abertura do XXI Festival Internacional de Inverno e XXI Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto.

Algumas alegorias se apresentam não em carrocerias, mas vem caminhando em grupo simulando uma família de imigrantes, cantando canções alusivas a epopéia Italiana. A família, fundada no matrimônio heterossexual indissolúvel, conforme os preceitos da moral Cristã simbolizava, para o imigrante italiano, a base de tudo, o alicerce de sua vida, a força divina para enfrentar tamanho desafio.

Foi em grupos familiares que os imigrantes deixaram sua pátria e se reterritorializaram na América. Todos os membros da família, por mais precárias que fossem as condições, permaneciam unidos, tementes à divindade e firmes no trabalho familiar. No desfile esta característica das famílias dos imigrantes é representada por moradores locais que simulam os modos de vida das famílias de outrora, portando os instrumentos de trabalho agrícola, característicos e inerentes à divisão sexual do trabalho interna. Os homens vêm portando machados, foices, *traciadores*⁷² e as mulheres *esportas*⁷³, crianças no colo etc. (Figura 22).

⁷² Espécie de serrote, movimentado por duas pessoas e usado para serrar toras de madeira.

⁷³ Espécie de bolsa, fabricada artesanalmente com trança de palha de trigo.



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 22 – Simulação de uma família típica de Imigrantes Italianos munida com suas ferramentas de trabalho agrícola.

Símbolo de um objeto agrícola muito utilizado pelos colonos uma alegoria do desfile típico tematiza ludicamente a lembrança da história agrícola da região em tempos onde não havia trator nem caminhão para o escoamento da produção do meio rural. A carreta agrícola puxada a bois representou, para o imigrante, o que hoje, na (pós) modernidade, representa o caminhão para a vida atual.

Nas estradas carroçáveis da Região, abertas em meio à mata selvagem à base de foice e picão, cheias de entraves e lamaçais só passavam estas carretas puxadas a bois, as quais faziam o trabalho de escoamento da produção agrícola para os centros urbanos próximos e traziam para o interior da colônia os produtos necessários, promovendo a circulação da economia local (Figura 23).



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 23 – Alegoria representada por uma carreta puxada por junta de bois, típica do modelo utilizado pelos colonos na região.

O Festival de Inverno e Semana Cultural Italiana durante a semana seguem com atrações acadêmicas e festivas, onde se destacam as exibições musicais, o teatro em estilo dialetal Vêneto⁷⁴ e as danças folclóricas.

O Festival de Inverno e Semana Cultural Italiana são dois eventos paralelos que se completam e por uma semana monopolizam a dinâmica do turismo regional. Por meio dos quais é constituída uma atmosfera cultural cosmopolita impar, onde cultura erudita e cultura étnica formam uma perfeita união, enchendo este vale poético de diversidade de idiomas e de manifestações culturais que, por sua qualidade, atraem turistas de bom nível socioeconômico que deixam, ao final do evento, um saldo econômico positivo muito importante para o desenvolvimento do local.

Segundo os organizadores do evento, o festival, além de gerar emprego temporário direto para aproximadamente 100 pessoas do próprio local, entre cozinheiras, churrasqueiros, garçons, vendedores de fichas, de bebidas etc, dinamiza o comércio e a produção agrícola local através da demanda turística. Na edição de 2006, do Festival, foi consumida grande

⁷⁴ O Teatro em estilo dialetal Vêneto é tradicionalmente apresentado pelo grupo “Frotale del barracon” de Nova Palma, município integrante da RQCII.

quantidade de alimentos, dos quais a maioria tem produção local, ou pelo menos foi comprada no comércio local.

Ademais, no espaço de âmbito desta festividade se estabelecem estandes representativos de empresas locais (agroindústrias, artesanato, empreendedores turísticos etc) que aproveitam o bom afluxo de turistas e vendem seus produtos diretamente ao consumidor. O festival serve como uma vitrine que agrega valor ao produto local, mediante a sua associação com a idéia do típico, do representativo da cultura local, onde muitos turistas compram estes produtos como lembrança do local visitado e de sua cultura.

No que se refere à infra-estrutura de apoio, o acesso a Vale Vêneto é possível por meio de estradas ensaiabradas e em bom estado de conservação e sinalizadas para o turismo. A hospedagem dos turistas que desejam permanecer durante a semana no Vale pode ser realizada junto ao hotel Pousada Vêneta, principalmente.

O hotel Pousada Vêneta funciona em um antigo casarão típico colonial italiano que foi adquirido pelos atuais proprietários e totalmente reformado recebendo a infra-estrutura adequada para o funcionamento da pousada. O hotel possui sete apartamentos, sendo quatro de casal e três de solteiro abrigando no máximo 14 pessoas, às quais são oferecidos café colonial, almoço e janta (Figura 24).



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 24 - Imagens da fachada e do interior do Hotel Pousada Vêneta.

O tarifário⁷⁵ é de R\$ 30,00 individual, contando com pernoite e café da manhã em apartamento de solteiro e R\$ 50,00 para o apartamento de casal, o qual conta com ventilador, TV a cores e telefone. Para o caso de turistas que queiram mais conforto o hotel coloca a disposição uma suíte aparelhada com TV a cores, telefone, ar condicionado e amplo espaço ao preço de R\$ 60,00 a diária com refeições sempre separadas.

Segundo o sócio-proprietário José Marcuzzo (anexo D), em termos de gastronomia, o estabelecimento é especializado em cardápio típico italiano, com risoto, *agnolini*, massa e bife à milanesa, além de colocar a venda pão, cucas italianas e bolachas produzidas na própria comunidade.

A Prefeitura de São João do Polêsine constitui-se na principal instituição de apoio local, uma vez que atua diretamente na organização do evento. As principais instituições de apoio supralocais são a Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, responsável pela organização da parte acadêmica juntamente com a Universidade da Geórgia nos Estados Unidos.

3.2.2.4 - Filó Cultural Italiano da Amizade e da Paz

O filó que etimologicamente significa “fio” era uma prática cultural de sociabilidade interfamiliar muito comum na Itália rural do século XIX, onde a família se reunia à noite com outras da vizinhança para promover a socialização entre os membros e fortalecimento da base familiar, à qual o italiano sempre foi muito apegado juntamente com o trabalho e a religiosidade.

Na maioria das vezes o filó era realizado por ocasião da chegada do chefe da família, que, ao final do inverno, retornava ao seio de sua família, após passar temporadas trabalhando em outros países da Europa, pois havia uma migração sazonal naquele continente, onde muitos chefes de família iam procurar trabalho em nações vizinhas geralmente por ocasião do plantio, da colheita, ou na construção de ferrovias, voltando para casa durante o inverno.

Nota-se na estampa e nos dizeres do quadro do filó presente no Centro de Pesquisas genealógicas de Nova Palma que o filó basicamente se realizava na casa familiar, muito precária devido à pobreza que predominava entre os camponeses, mais propriamente na estrebaria compartilhando espaço com os animais.

⁷⁵ Os preços apresentados são baseados em tarifário em vigor quando do encerramento desta jornada do trabalho de campo em Vale Vêneto em 09 de maio de 2006.

Na Itália, havia a casa-estrebria, onde a estrebria era um prolongamento da casa servindo, o calor natural dos animais, para suprir o calor domiciliar durante o inverno (DE BONI e COSTA, 1991, p.152). Nesse sentido, os filós muitas vezes eram realizados, segundo Pe. Luís Sponchiado (anexo C) exatamente na estrebria das casas, aproveitando assim o calor natural dos animais, pois, no norte italiano (próximo aos Alpes), o inverno dura três meses e é muito rigoroso. As famílias se reuniam neste local a fim de economizar lenha, que era e ainda é muito escassa nesta Região.

Cada membro da família ocupava-se com um afazer. Os idosos liam e rezavam, os homens construía algum utensílio agrícola e as mulheres faziam *dressa* (trança) com palha de trigo para a confecção dos chapéus que eram muito utilizados para a proteção contra o sol quando desempenhavam o trabalho na lavoura.

Por vezes, nos encontros, além dos trabalhos artesanais de cestas, tricô, preparação de maços de palha de milho para cigarros, eles jogavam *mora*⁷⁶, baralho (bisca, tessete, quadrilho, cinquilho, escova etc) e cantavam. As famílias levavam um prato de alimento, onde se comia pinhões, batata-doce, amendoim e se aproveitava a oportunidade para tomar vinho colonial, que levava à euforia e esta, por sua vez, à cantoria. Era também um momento para brincadeiras e para contar estórias às crianças (Figura 25).

Além do aspecto pragmático e recreativo o filó se revestia de uma aura espiritual e de moralidade própria da etnia italiana que, apesar de viverem em condições paupérrimas, mantinham bravamente sua dignidade e seu bem estar moral e espiritual, onde conforme mencionam os dizeres do quadro do filó, na ideologia dos italianos a família sempre será a principal escola de formação, no diálogo insubstituível, no respeito às varias ocupações, compreendendo a presença dos idosos.

⁷⁶ O jogo da *mora* era muito apreciado nos filós, bem como nos momentos de lazer do imigrante italiano na colônia de Silveira Martins. Trata-se de um jogo cujas raízes são muito antigas. Vasos do século V a. C testemunham que já era conhecido entre os gregos. O jogo constituía-se a partir da formação de uma dupla de contendores, a partir disso escolhia-se um juiz e contador de pontos para solucionar os casos de duvida e evitar a exaltação. Sentavam-se ao redor de uma mesa e gritavam *due, due, sei sei, oto, oto, zé la mora* (dois dois, seis, seis, oito oito é a mora). Em suma o jogo consistia em acertar qual era a soma dos dedos que os dois contendores haviam de estender à mesa. Em certas formas de *mora*, de tão rápidas, somente os entendidos eram capazes de calcular precisamente a soma (DE BONI e COSTA, 1991, p. 189). É um jogo que exige raciocínio rápido e na atualidade infelizmente parece estar definhando. Pouquíssimas pessoas ainda detem o conhecimento das regras deste jogo. Segundo Massa, (1975 p. 39) *La mora era uno dei giochi preferiti che caratterizzava i filó. Infatti dopo la preghuiera del rosário, si riunivamo intorno a una tavola e giuocavano. Faceva punti chi combinasse il numero suggerito, sommando volta per volta lê dita aperte com lê dita dell'avversario.*



Fonte: Gigliola s.d.

Figura 25 – Quadro do filó retratando a prática cultural do filó realizado na estrebaria de uma casa na Itália rural do séc. XIX.

Os filós, hábitos de recreação interfamiliares noturnos trazidos na bagagem cultural da Itália rural do século XIX, eram muito praticados na colônia de Silveira Martins, os quais, conforme se refere Villagrán (2000), serviam a diversas finalidades, tais como:

- Seguiu a realização de determinada tarefa em mutirão como levantar a colheita de um dos vizinhos ou colaborar em alguma tarefa de interesse conjunto, como a construção de algum equipamento comunitário.
- Também podia ser realizado enquanto se desenvolviam tarefas internas como debulhar o milho.
- Servia como lugar de encontro social, troca de informações, estabelecimento de relações de namoro entre os jovens. Nesse sentido tinha se desenvolvido um complexo cerimonial que denotava a aceitação ou rejeição dos candidatos, segundo o lugar que lhes fora oferecido ou o tipo de atenção que recebiam (p.17).

Depois de estarem completamente definhados, os filós foram resgatados ainda na década de 90 por ocasião dos esforços de resgate e de animação sociocultural empreendidos pela secretaria de cultura de Silveira Martins por força do Projeto Identidade. Este projeto preconizou uma série de ações⁷⁷ com intuito de resgatar os costumes e tradições⁷⁸ dos antigos

⁷⁷ As ações têm o sentido de reverter o quadro desfavorável, tentando recuperar a identidade perdida e aproveitar o potencial cultural em prol do desenvolvimento da própria Região e também aumentar a auto-estima através da transmissão para os descendentes de Italianos do ideário de sucesso dos seus antepassados, num movimento de revivificação e valorização dos costumes e tradições.

⁷⁸ Embora sejam usados muitas vezes como intercambiáveis os conceitos de costume e tradição possuem significados distintos. O primeiro refere-se aos hábitos culturais de um povo, o que La Blache chama de *genre de vie*, modos de vida e, o segundo refere-se aos adereços, as produções realizadas com fim de legitimar uma ação.

colonizadores, os quais entraram em decadência, em desuso, sendo até mesmo considerados sinônimos de atraso e vergonha, sendo definitivamente abolidas da subjetividade do grupo social. A população havia perdido um dos bens mais preciosos, sua identidade cultural que acarretou a baixa estima.

O modelo de filó promovido pelo Projeto Identidade possuía um caráter festivo que segundo Villagrán (2000) consistia em uma reunião, geralmente realizada no salão comunitário, sendo que as pessoas podiam participar mediante a entrega de um prato da gastronomia tradicional que era colocado na mesa coletiva. Nesses filós, segundo a autora, se realizavam recitais de música e dança, apresentação de livros, conferências e projeção de slides e vídeos relacionados à história da colonização Italiana.

Atualmente os filós são promovidos sistematicamente pela Secretaria de Turismo e Cultura de Silveira Martins. No ano de 2005, segundo o secretário municipal de Turismo e Cultura, Cesare Barichello, (anexo A) foram realizados quatorze “Filós da amizade e da paz” em diversas comunidades rurais de Silveira Martins e, também, em parceria com outros municípios geralmente integrantes da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Cumpriu-se uma agenda que teve início no dia 05 de fevereiro no Centro Cultural Bom Conselho e teve prosseguimento nos seguintes locais e datas: Sede de Silveira Martins, dia 18/03, Linha Base, dia 15/04, Linha Duas, dia 20/05, Pompéia, dia 17/06, Linha Quarta, dia 22/07, Val Feltrina, dia 30/09, Vila Cattani, dia 28/10, Praça Garibaldi, dia 16/12, Arroio Grande em parceria com Santa Maria, dia 16/08, Agudo, dia 09/09, Val Veronês, dia 25/11, Faxinal do Soturno, dia 30/11 e, em Pinhal Grande, dia 02/12 (Figura 26).

Cada realização deste evento contou com manifestações culturais da Região e, também, do Município de Silveira Martins como a Fisaorquestra⁷⁹ Vêneta, a Banda Municipal Newton Cecil Guerrino, o Coral “Voci Della Montagna”, o grupo folclórico “I Piccoli Della Montagna”, o Grupo de Capoeira “Muzenza”, a Invernada Artística do CTG Liberdade entre outros, além de manifestações individuais como trovas, declamações etc. A média de participação por filó foi de 700 pessoas o que segundo a secretaria, comprova o sucesso da iniciativa como incentivadora da cultura local, resgatando esse importante evento e seus atributos, especialmente a confraternização.

Para Hobsbawn (1997, p.10) costume é o que fazem os juizes; tradição (...) é a peruca, a toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substancia, que é a ação do magistrado. A decadência do costume inevitavelmente modifica a tradição, a qual ele geralmente está associado.

⁷⁹ Significa orquestra formada por acordeons. Etimologicamente o prefixo “fisa” significa acordeon, conhecido regionalmente por gaita no Rio Grande do Sul e por sanfona no Nordeste Brasileiro.



Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Silveira Martins.

Figura 26 - Imagens dos Filós da Amizade e da Paz promovidos pela Secretaria de Cultura e Turismo de Silveira Martins.

A regularidade de realização dos filós é de um por mês e, até o momento do encerramento do trabalho de campo em Silveira Martins, no mês de maio de 2006, o evento estava na vigésima edição. Obviamente, a originalidade do filó não pode ser totalmente mantida devido à dificuldade da transposição fiel para o contexto do século XXI, uma prática cultural desenvolvida no contexto sociocultural do século XIX⁸⁰. Esta prática, segundo Cesare Barichello, foi adaptada ao século XXI nas suas pretensões turísticas e culturais. No entanto mostra a força da tradição vivida pelos descendentes dos imigrantes italianos da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Além dos filós culturais foram criados: a Fisaorquestra Vêneta, os grupos de dança típica e um grupo teatral dialetal denominado, sugestivamente, de “I Polentoni”, em 2005 visando sempre o resgate das manifestações culturais dos imigrantes e que animam os filós.

⁸⁰ Na época dos imigrantes, não haviam os instrumentos musicais de hoje, nem mesmo a dança era do mesmo jeito e uma característica fundamental é que, diferentemente dos atuais filós que são realizados em centros comunitários, os da época eram realizados nas casas das famílias. Atividades tradicionais realizadas originalmente nos filós como *'mora, tressete, cinquilho* e fazer trança com palha de trigo, na atualidade não são praticadas nos filós pois segundo o secretário de turismo, a população desaprendeu esta técnica e as pouquíssimas pessoas que dominam a técnica não querem reproduzi-la pois pretendem ir ao evento para se divertir e não para trabalhar.

Desta forma, os filós de hoje se constituem em uma espécie de adaptação dos costumes noturnos de sociabilidade dos imigrantes para um novo contexto, determinado pelo século XXI e suas pretensões culturais e turísticas.

Esta modificação tem um pouco daquilo que Hobsbawn (1997) denomina de “invenção das tradições” pois, as especificidades dos filós atuais são muito diversas das originais. Muitos aspectos desta tradição receberam nova roupagem, foram inseridos, inventados⁸¹. Para o autor, a invenção das tradições pode ser entendida como uma adaptação das tradições ocorrendo com mais frequência em situações em que houve mudanças rápidas na sociedade debilitando e destruindo os padrões sociais para os quais as velhas tradições foram criadas e processando-se novos padrões com os quais estas velhas tradições são incompatíveis. Em suma, segundo o autor, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas.

Com o resgate e revivificação das tradições rurais dos imigrantes ocorre a invenção de uma continuidade histórica, através da recriação de um passado antigo legitimando a identidade sociocultural e, por conseqüência o interesse turístico. Este resgate/invenção das tradições vem a preencher o vácuo de uma ruptura histórica que houve na Região, na segunda metade do século XX, quando as condições socioeconômicas desfavoráveis iniciadas ainda na década de 70, provocaram o êxodo rural, a modernização conservadora e outros processos ameaçando a tradição até então firmada.

A infra-estrutura para os filós varia, de lugar para lugar, pois, como é um evento itinerante, sofre alterações seguidamente. A principal instituição de apoio local para os filós é a Secretaria de Turismo de Silveira Martins, a qual empreendeu esforços no sentido de resgatar as tradições culturais dos imigrantes italianos e, assim, contribuir para melhorar a união e desenvolver a auto-estima da população.

3.2.2.5 - Gastronomia típica italiana

⁸¹ A invenção das tradições pode ser entendida como um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (...) Em poucas palavras, elas são reações a situações novas, que assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (Hobsbawn, 1997 p. 9-10).

O alimento, sem dúvida alguma, pode ser considerado uma herança cultural intangível, não somente pelo seu sabor, mas o aroma, ritual de serviço e de produção são memórias comuns⁸², ainda muito presentes e que são lembradas tanto voluntária como instintivamente. Funcionam como elos na cadeia das lembranças, onde um aroma transporta o indivíduo a um local ou tempo distante e remoto, únicos para ele e, de forma, mesmo que oralmente compartilhada, será individual a cada pessoa, experimentada de maneira diferente. Por isso é possível dizer que o alimento é formador de identidade e individualidade⁸³.

Nesse sentido, a gastronomia típica italiana constitui-se em outro “ingrediente” que faz parte do sistema cultural regional e que é responsável pela atração de muitos turistas, constituindo-se na grande identidade turística da RQCII, repleta de guloseimas como: *agnolini*, risoto, cuca, salame, a *fortaia*, *crostoli*, *polenta brustulada*, copa, queijo, açúcar mascavo, vinho, cachaça etc.

A arte de cozinhar não se resume a uma simples mistura de ingredientes, sendo preciso combinar os diferentes elementos que resultam em sabor original, típico e representativo do conhecimento cultural da Região. Nesse sentido, o turista tem a oportunidade de entrar em contato com a mística da culinária italiana, apreciando seus sabores e aromas. Uma lasanha de queijo borbulhante, assada em forno à lenha, um leve aroma de alho que vem de uma panela fumegante de feijão campeiro, a calda perfumada da cuca de uva, abacaxi ou morango, a torta glaceada feita seguindo à risca a receita da vovó se constituem em alguns dos exemplos desta mística.

Há muitas formas de conhecer um povo e sua cultura, mas, sem sombra de dúvida, a gastronomia encontra-se entre as mais marcantes. Nesse sentido, a variada gastronomia italiana constitui um excelente potencial a ser aproveitado para fins turísticos. Pensando nisso o Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS) órgão intermunicipal responsável por resgatar e valorizar as potencialidades regionais com vistas ao desenvolvimento, estabeleceu o roteiro gastronômico entre os municípios da Região no qual o

⁸² Para muitos dos atuais turistas adeptos ao meio rural, as principais motivações se dão em virtude de memórias da infância e dos bons momentos que passaram quando da sua vivência no meio rural, uma vez que até recentemente (década de 60-70) a população Brasileira estava alocada majoritariamente no meio rural de forma que os valores da ruralidade ainda estão muito presentes no imaginário destas pessoas, que agora buscam o retorno aos valores rurais, configurando um turismo de retorno e rememoração das tradições e costumes do campo, em uma espécie de túnel do tempo que leva aos prazeres simples da vida.

⁸³ Segundo Fonseca, Ferreti e Borges (2006), um prato representa muito mais que uma simples receita, mas na verdade é uma representação de uma época de um povo refletindo inúmeras facetas, como econômica, social e até mesmo de localização geográfica. Assim, uma série de pequenos hábitos e produtos alimentares farão parte de um quebra-cabeças maior, muitas vezes representando até mesmo uma nação.

turista pode apreciar a gastronomia típica através da visita a 29 empreendimentos sendo restaurantes, pizzarias, padarias, cantinas, agroindústrias artesanais coloniais e outros.

A comida típica produzida pelos descendentes de italianos da RQCII é o grande atrativo da “Rota Turística Gastronômica da Quarta Colônia” que é a segunda do Estado neste estilo. Segundo o secretário executivo do CONDESUS, José Itaquí (anexo B), esta é mais uma rede que se organiza para buscar a sustentação dos seus membros a partir da qualificação dos serviços oferecidos e dos empresários. Segundo ele, “a rota agiliza e restabelece vínculos permitindo que haja desenvolvimento e que a região encontre maneiras para se sustentar”.

A coordenadora do Fórum Regional de Turismo e professora da UNIFRA, Marta Antunes, em entrevista ao Jornal Diário de Santa Maria (Caderno Quarta Colônia 04 Ago. 2006) afirmou que a Rota Turística Gastronômica é um marco na Região, um produto com identidade étnica e cultural que foi estruturado há muito tempo pelo poder Público e pela iniciativa privada como um produto pronto para ser oferecido. Segundo a professora, esta Rota não apresenta apenas o potencial de um município, mas de toda uma Região, colaborando para o aumento da permanência do turista e do interesse por um produto qualificado.

Para além da rota gastronômica, a gastronomia da Quarta Colônia também pode ser apreciada nos eventos culturais e religiosos ou, ainda, em restaurantes típicos, onde há uma preocupação em manter a originalidade dos preparos tradicionais italianos que hoje são muito apreciados por turistas de fino gosto que diante de tantas iguarias, esquecem seus regimes.

Um dos principais ícones da gastronomia italiana e muito apreciada pelos turistas é o risoto. O risoto típico da Região⁸⁴ tornou-se um dos símbolos da gastronomia da colonização italiana local. Segundo Zanini (2002, p. 268), “no inverno há uma verdadeira peregrinação da cidade de Santa Maria, para as festas das localidades da Quarta Colônia em busca de risotos”. Nesse sentido, diante de tantas guloseimas o turista só tem o trabalho de escolher o cardápio, preparar o estômago e afluir para a Quarta Colônia.

A infra-estrutura dos empreendimentos que fazem parte da Rota dispõe de sinalização turística de acesso, há a agência de turismo Viaggiotur intermediando a viagem e a principal instituição de apoio local para a rota Gastronômica é o CONDESUS, o qual mediante parceria

⁸⁴ Geralmente o prato típico de um país ou região tem origem nas camadas populares e camponesas. É o caso da “paella” na Espanha, do “Pout-au-feu” na França e da feijoada no Brasil. Com o risoto não foi diferente, a palavra significa “sopa seca” e era o prato de subsistência dos agricultores do norte da Itália (ISTOÉ, mar.2007, p. 70).

com SEBRAE, EMATER, SENAI, SENAC e UFSM, principais instituições de apoio supralocal, proporcionou aos 29 empreendedores a participação em cursos de qualificação.

O curso orientou desde as questões de higiene e legislação até o atendimento ao cliente. Depois de concluído o curso, os empreendedores foram conhecer, na prática, um exemplo semelhante já consolidado, a Rota do Sabor em Garibaldi, na Serra Gaúcha, onde tiveram a oportunidade de analisar e avaliar a funcionalidade daquele serviço.

O CONDESUS também investiu na propaganda via folhetos turísticos. Segundo José Itaquí, os folderes da rota gastronômica alcançaram a tiragem de 75.000 exemplares e demandaram um investimento de R\$ 32.500,00 (Figura 27).



Fonte: CONDESUS, 2006.

Figura 27 –Folder de divulgação da Rota Gastronômica.

Além da gastronomia e dos demais elementos integrantes do sistema cultural da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, analisados até o presente momento, destaca-se na seqüência o artesanato colonial.

3.2.2.6 - Artesanato Colonial

O artesanato é reconhecido mundialmente, apresentando-se de diferentes formas e, dependendo da cultura onde se manifesta, pode ocorrer a transformação de seus valores em objetos de lembranças e registros que repassam a identidade do lugar visitado. Desta forma, o artesanato vem ganhando destaque na RQCII e impressionando aqueles que têm curiosidade em saber como é feito. Com isso, passou a ser explorado com grande repercussão no setor turístico.

Assim o artesanato, como um dos elementos primordiais da cultura de um povo, na atualidade desponta como um importante catalisador para o desenvolvimento da atividade turística no meio rural. A relação entre ele e o turismo cultural é intrínseca, pois um dos aspectos de grande importância da cultura e de estudo do turismo cultural é a categoria arte e, em consequência, seu produto: o artesanato. O artesão dá sentido a determinado objeto criado por ele mesmo para um determinado fim. O artesão da RQCII é o trabalhador manual que desempenha um trabalho com instrumentos rudimentares, por sua própria conta, sozinho ou com auxílio da família e de alguns aprendizes.

Segundo Pe. Luís Sponchiado (Anexo C) muitas destas técnicas⁸⁵ artesanais foram trazidas do “velho mundo”, onde, durante o período de inverno, quando era impossível praticar a agricultura, boa parte do tempo era dedicada à confecção de utensílios e instrumentos para a lida diária. Estas técnicas, mesmo que rudimentares, se tornaram de grande valia na Colônia de Silveira Martins ao permitir um incremento de eficiência no manejo com a natureza, tornando-a mais produtiva e, conseqüentemente, melhorando a condição de vida dos imigrantes⁸⁶.

Portanto, o artesanato da RQCII está profundamente relacionado à cultura local e, como tal, integra o conjunto de atrativos para o Turismo no Meio Rural. O artesanato da Região se confunde com a própria história da Quarta Colônia que, na época, respondeu a

⁸⁵ Na Quarta Colônia o artesanato contemporâneo é originário de saberes herdados dos primeiros imigrantes, os quais despejados em meio a mata virgem, em uma região de difícil acesso sem recurso algum em um País com poucas indústrias obrigaram-se a desenvolver habilidades criativas no intuito de construir seus próprios utensílios para o auxílio na domesticação da natureza e o desenvolvimento da atividade agrícola. Desta forma, ao meio das florestas virgens os colonizadores italianos tiveram de reconstruir seu território, seu mundo desde o mais elementar processo, exigindo muita troca de saberes e rompendo com toda a cultura rígida e estratificada da Europa do século XVIII e XIX. Todo este processo reconstrutivo representou um grande desafio cultural e cada necessidade para ser satisfeita exigia muito instinto criativo e sobretudo trabalho.

⁸⁶ Segundo De Boni e Costa (1991) houve um surto de artesanato nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, no entanto, aos poucos essas unidades produtivas familiares foram definhando à medida em que a economia do colono se inseria na economia de mercado e o artesanato colonial passou a ser substituído gradativamente por produtos industrializados oferecidos pelos comerciantes.

necessidades imediatas, comuns ao dia-a-dia dos imigrantes, em tempos em que a indústria ainda não havia se desenvolvido. Com o tempo, os produtos artesanais começaram a ganhar uma dimensão que supera o utilitarismo, sendo também testemunho de valores etnográficos ancestrais e da capacidade criativa do homem rural (Figura 28).



Fonte: Oni Nardi e agência Viaggiotur, 2006.

Figura 28 – Cenas da confecção e comercialização do artesanato na Quarta Colônia.

Na atualidade, ainda se encontram artesãos que traduzem os saberes típicos da reterritorialidade italiana, produzindo peças confeccionadas a partir da palha de milho, que serve para produzir peças de ornamentação como guirlandas, arranjos de flores, bonecas e objetos úteis para o dia-a-dia como: porta panelas, porta cuia, cestas, bolsas e outros utensílios conforme a criatividade de cada artesão. Palha de trigo (chapéus e *esportas*, conforme tradição dos imigrantes), vime, casca de coco e de cipós na confecção de bolsas, cestos, porta objetos e adornos de mesa. Também são desenvolvidos a pintura, pequenas lembranças e bordados, tricô, crochê, filê, renda irlandesa e outros materiais apreciados pelos turistas que adquirem estes produtos como uma lembrança da cultura do lugar visitado, ou seja um *souvenir*.

Nesse sentido, na contemporaneidade dada à valorização da identidade cultural, os utensílios típicos do cotidiano dos imigrantes são adaptados ao tempo atual preservando suas características originais. Os artesãos empregam e transmitem, com seu trabalho, valores, técnicas e significados cristalizados no sistema cultural regional, sendo portadores de saberes únicos, diferenciados e tradicionais. Nesse sentido, pela sua originalidade, o artesanato é muito importante para o Turismo no Meio Rural, já que este se nutre do local, do peculiar, do típico e dos costumes que se materializam no souvenir turístico gerando emprego e renda para o meio rural local.

Em Pinhal Grande, segundo a secretária de Turismo e Cultura, Neuta Darold (Anexo A), existe significativa produção de artesanato, através de um sólido grupo de artesãos composto por aproximadamente 30 membros produzindo artefatos em palha de trigo (chapéus, *esportas*, porta-objetos) bem como bordados em toalhas, em fitas e em tecidos, além de crochê, pintura em toalhas e em telas, como biscuit, macramê, favinho, cetim, flores, ponto cruz e também vassouras coloniais (Figura 29) os quais são em grande parte vendidos aos turistas que visitam Pinhal Grande.



Fonte: Departamento de Cultura e Turismo de pinhal Grande, 2006.

Figura 29 – Aspectos da produção artesanal em Pinhal Grande.

Vale Vêneto também possui significativa produção artesanal e comercialização aos turistas. Segundo a artesã e comerciante Ana Claudia Dotto (anexo C), a maioria das peças

comercializadas na loja é produzida na própria RQCII, que possui uma variedade de aproximadamente 1000 peças, as quais são produzidas no próprio estabelecimento através de ateliê próprio e as demais são revendidas. Segundo a entrevistada há uma preocupação em oferecer aos turistas um produto que seja representativo da cultura regional, pois os mesmos buscam exatamente este diferencial.

No processo de produção e de comercialização do artesanato com vistas ao turismo torna-se de fundamental importância a preservação da identidade cultural materializada no produto. Uma vez perdidos os aspectos diferenciais e perdidos os vínculos com a cultura local, perde-se a atratividade e, conseqüentemente, o interesse dos turistas, pois, produtos “standardizados” não atestam que o turista visitou determinado lugar podendo ser adquiridos em qualquer outro lugar, inclusive no local de origem destes turistas. Nesse sentido, na RQCII as consultorias do SEBRAE, ministradas aos artesãos sob forma de cursos de capacitação e qualificação dos produtos, têm atentado principalmente para os objetivos da melhoria da qualidade dos produtos e para a questão da identificação cultural das peças artesanais.

A infra-estrutura para o artesanato é satisfatória, pois na Região é possível encontrar boas lojas que vendem os produtos fabricados no local. A principal instituição de apoio local para o desenvolvimento do artesanato na RQCII é o CONDESUS, o qual, através do Projeto de Turismo Integrado da Quarta Colônia, objetiva “Informar sobre qualidade/produktividade e formação de preços, bem como design na produção de artigos manuais, envolvendo aperfeiçoamento dos trabalhos e vínculos com cultura local através de oficinas de grupo” (CONDESUS, 2006 n.p).

A parceria do SEBRAE, principal instituição supralocal, proporciona a qualificação dos produtos mediante consultorias técnicas. Segundo o secretário executivo do CONDESUS, José Itaquí (Anexo B), foram investidos em 2004, em parceria com o SEBRAE nacional, R\$ 57.000,00 no programa FABER para trabalhar com os artesãos. O trabalho se realizou em Vale Vêneto, trazendo “um grupo grande de especialistas, dos melhores do Brasil” frisou o secretário.

3.2.2.7 - Religiosidade e Turismo Religioso

O turismo religioso pode ser considerado como um motivador ao deslocamento de pessoas e tem atraído um número significativo delas na RQCII criando intercâmbios ativos de caráter sociocultural e econômico entre os municípios integrantes. A religiosidade é um

elemento fortemente inserido no sistema cultural da RQCII. Foi ela que uniu, agregou e normatizou o convívio dos imigrantes nas matas no início da colonização e, também, foi através dela que se embrionou a organização social deles. Por causa dela eles se reuniram pela primeira e muitas outras vezes até hoje.

Os imigrantes colonizadores trouxeram consigo seus hábitos e costumes, destacando-se, sobretudo, a religiosidade como herança cultural típica que desde o princípio começou a marcar a vida sociocultural da Colônia, através da profissão do credo Católico Apostólico Romano. Para atender ao clamor religioso que aflorou ainda nos primeiros tempos da colonização, os imigrantes fundadores de Vale Vêneto enviaram o imigrante Antonio Vernier à Itália no intuito de providenciar a vinda de padres para a satisfação das necessidades religiosas locais.

Com esta incumbência vieram os padres seculares Vittore Arnoffi e Antonio Sório e, posteriormente, os palotinos Jacó Pfaendler e Francisco Schuster, em 1886. Em 1892, foi fundado o Seminário Rainha dos Apóstolos, primeiro seminário da Ordem Palotina no Brasil e na América do Sul. No mesmo ano seguiu-se a construção do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, das irmãs do Imaculado Coração de Maria.

A formação cultural religiosa da Região⁸⁷ foi presente desde os primórdios da imigração, quando os imigrantes, por devoção coletiva ou individual, construíram, no meio rural, uma infinidade de pequenas capelas, capitéis, monumentos e outras formas de manifestação cultural religiosa, produzindo uma territorialidade fortemente marcada pela presença de espaços para a manifestação do sagrado. Na atualidade, devido ao caráter histórico e a simbologia (algumas destas construções datam do Século XIX) suscitam curiosidade e interesse turístico criando demandas para os produtos rurais locais, mediante o

⁸⁷ Para Zanini, (2002) a religião manifestada pelos imigrantes na colônia de Silveira Martins tornou-se uma base segura, através da qual podiam sedimentar mudança provocada pela vivência em terra estrangeira e de novos valores que podiam ameaçar a moral campesina. “A vivência religiosa construiu um território simbólico de segurança e estabilidade, visível nos capitéis, capelas e igrejas e nas imagens dos padroeiros” (p. 167). Segundo Manfoi (1975), o imigrante italiano trouxe para o Rio Grande do Sul sua alma devota que a salubridade moral das montanhas e das pequenas vilas do norte da Itália havia preservado. Eles foram católicos e foi através da religião católica que lhes afirmaram sua identidade cultural. Nesse sentido, o imigrante italiano, homem profundamente religioso, sentiu a necessidade de viver em uma atmosfera impregnada do sagrado e por essa razão elaborou técnicas de construção do sagrado. Este trabalho de consagrar um espaço, essa necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado revela que o mundo é para o homem religioso um mundo sagrado. O pensamento religioso do homem e sua situação num mundo carregado de valores religiosos permitem que o homem identifique espaços qualitativamente diferentes de outros como o espaço sagrado, qualitativamente forte, demarcado e diferenciado promovendo uma oposição entre este espaço e o resto que o cerca (ROSENDAHL, 2002).

afluxo de turistas para os eventos religiosos e, desta forma, contribuindo para o enriquecimento de suas manifestações culturais.

Os imigrantes eram extremamente religiosos e tementes à divindade, nutrindo uma crença inabalável nos preceitos do credo Católico Apostólico Romano, mantendo uma rotina de pregações diárias que agregava a população colonial da época, tradição essa que era (e ainda é) passada de geração em geração. Esta profunda devoção proferida dos imigrantes Norte-Italiano, aqui reterritorializados ao credo Católico Apostólico Romano motivou farta construção de espaços hierofânicos conformando uma territorialidade profundamente marcada por espaços de manifestação do sagrado, os quais representam um valor existencial e referencial.

A manifestação do sagrado permitiu que se produzissem centenas de pontos fixos, pontos de toda a orientação inicial que, na atualidade, dado ao seu forte componente religioso e histórico, se constituem em espaços hierofânicos⁸⁸ que atraem grandes massas de peregrinos tendo, esporadicamente, seu ponto culminante nas festas dos santos padroeiros e romarias anuais. Na RQCII, o sagrado manifestado por meio de uma cruz, uma gruta, um capitel⁸⁹ ou na monumentalidade das igrejas, permite que ocorram deslocamentos a estes espaços e eventos, promovendo peregrinações, romarias, retiros, festas, visitas e contemplação.

3.2.2.7.1 - Ermida de São Pio de Pietrelcina

Segundo a secretária de Turismo, Indústria e Comércio de Faxinal do Soturno, Cláudia Tessele (anexo A), o Município se destaca no setor do turismo religioso, tendo na ermida de São Pio de Pietrelcina o principal atrativo religioso no meio rural. A referida Ermida está situada sobre o topo do monte denominado “Cerro Comprido”⁹⁰, o qual teve sua denominação atribuída em virtude de seu formato geofísico que apresenta alongamento no sentido leste-oeste.

⁸⁸ Conceito advindo da palavra hierofania que significa algo de sagrado que se revela (ROSENDAHL, 2002, p.27).

⁸⁹ Os capitéis se constituíram em construções destinadas a oração. Nasceram dos encontros dominicais para a reza do terço, nas casas dos colonos. Hoje estão os capitéis ao longo dos caminhos interioranos da região em todos os cruzeiros e esquinas. Inúmeros deles foram construídos no final do século XIX.

⁹⁰ O referido monte situa-se na porção sudeste do território municipal Faxinalense entre as coordenadas geográficas de 29°33’49”a 29°35’03” de latitude sul e entre 53°21’48” a 53°24’45” de longitude oeste em relação à linha equatorial e ao meridiano de Greenwich respectivamente. Devido à sua suntuosidade, destaca-se no cenário da paisagem física local atraindo a atenção do turista que se desloca de São João do Polêsine em direção à Faxinal do Soturno pela RS 149, onde se depara frontalmente com a imponência do morro proporcionada pelos seus quatro quilômetros de comprimento e 528 metros de altitude em relação ao nível do mar formando uma paisagem bucólica de alta beleza cênica.

Seu topo foi escolhido por meio dos desígnios da Divina Providência como o local abençoado para a construção da Ermida em honra à São Pio de Pietrelcina, a qual, através de visitação, possibilita entrar em contato com a vida e obra deste magnífico Santo (Figura 30).

Ermida, que significa uma pequena igreja construída fora da povoação, do aglomerado humano, ou seja, em um lugar ermo, é uma obra erguida pela devoção do povo como expressão de sua fé na especial presença divina em um lugar. Por ser isolada, segundo a mística religiosa, forma um lugar ideal que favorece a aproximação do peregrino com a Divina Providência e na solidão este encontra Deus, tal qual o profeta Elias no Monte Horeb.

A Ermida está localizada em um lugar privilegiado que oferece a tranquilidade necessária para se passar horas agradáveis em intensa oração agradecendo e solicitando graças a este que é um dos santos mais queridos e de maior poder espiritual⁹¹ no mundo Católico Apostólico Romano.



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 30 – Cenas da Ermida de São Pio de Pietrelcina e da Casa do Peregrino Padre Pio.

⁹¹ São Pio constitui-se em um dos santos de maior poder espiritual de todos os tempos. Nasceu em 25/05/1887 na pequena comunidade rural de Pietrelcina na região sul da Itália. Recebeu as cinco chagas da paixão de Cristo que o estigmatizaram por 50 anos e desapareceram inexplicavelmente às vésperas de sua morte ocorrida em San Giovanni Rotondo, também na Itália, em 23/09/1968. Além das cinco chagas possuía os carismas da bilocação, que o permitia estar visivelmente presente em dois lugares distintos ao mesmo tempo, clarividência, ou seja, a capacidade de prever acontecimentos futuros e ainda a introspecção, a qual lhe conferia a possibilidade de ler como um livro aberto a alma das pessoas. Em 16/06/2002 foi canonizado pelo papa João Paulo II, em cerimônia que contou com a presença de 300.000 fiéis que lotaram a praça de São Pedro no Vaticano (PADRE PIO EM POUCAS PALAVRAS, s.d).

A Ermida em honra a São Pio de Pietrelcina foi erigida por iniciativa do professor Cláudio Anjos Casassola nascido em Dona Francisca, na RQCII e radicado há mais de 40 anos em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América. Cláudio conheceu a espiritualidade de São Pio em Barton, na Pensilvânia quando fazia parte de um grupo de orações no Centro de Espiritualidade Pe. Pio.

Agraciado com varias concessões por intermédio deste Santo resolveu idealizar e patrocinar a construção de uma pequena capela em honra a este Santo na sua região de origem e assim dar sua contribuição na propagação da fé no Santo de Pietrelcina. O idealizador e patrocinador da Ermida que, por sinal, é tio do autor deste trabalho de dissertação, concedeu uma entrevista diretamente de Nova Iorque (anexo H) e através de seu próprio relato é possível entender melhor o que o fez construir a ermida e qual o seu significado para a religiosidade da Quarta Colônia e, conseqüentemente, para o turismo religioso na Região.

Segundo o entrevistado a idéia da construção da Ermida em honra a São Pio de Pietrelcina surgiu a quatro anos atrás (2002) quando de sua participação em um grupo de oração do Padre Pio e a razão da sua construção no alto do Cerro Comprido em Faxinal do Soturno se deve ao fato de parentes seus disporem de uma fração de terras no local e a disposição dos mesmos em doar uma pequena parcela para o assentamento do templo. A despeito disso, Cláudio relata que:

Faz uns quatro anos, mas ainda lembro ter ouvido, numa reunião do nosso “Grupo de Oração do Padre Pio”, a proposta da construção de uma igreja no Vietnã do Sul ou nas Filipinas por apenas 5.000,00 dólares. E por que não no Brasil?, pensei cá com os meus botões! Nessa altura, eu já estava com a tradução do livro: Caminhando com o Padre Pio, em andamento e bem convencido da importância da missão do Padre. Veio a seguir a Canonização de São Pio em Roma (16-06-2002), para onde foi também uma delegação do Brasil encabeçada pelo Arcebispo Emérito de Brasília. Uma sobrinha, de Faxinal do Soturno, participou dessa excursão e uns dias depois de sua volta, enquanto comentávamos os diferentes aspectos da viagem, falei-lhe que estava pensando seriamente em fazer algo mais concreto (um monumento ou um capitel) para promover a devoção deste novo Santo entre os habitantes da Quarta Colônia. Concordando ela, que seria uma boa coisa (idéia), logo lhe pedi que consultasse o Fernando, seu irmão, a respeito. É que o Fernando tinha uma propriedade sobre o Cerro Comprido desde 1995. Ele conhecera o Padre Pio no ano de 2000, na Itália, onde esteve vários meses a serviço da PETROBRÁS e, também em visita a san Giovanni Rotondo, local da morte do Padre Pio. Estes são fatos da Divina Providência, diria eu, pois, assim bem informado, Fernando logo aceitou a proposta e pôs seu terreno a disposição. Daí por diante, as idéias foram evoluindo e o resultado, tudo indica, foi um sucesso. Sinceramente, acredito que a Ermida faz parte dos planos de Deus (CASASSOLA, 2006).

A Ermida é realmente uma jóia arquitetônica, desenhada de acordo com o arrojo das mais modernas técnicas, com linhas suaves e semicirculares, formando um conjunto

arquitetônico harmônico que emolda a paisagem rural do Cerro Comprido pontilhada por não mais que meia dúzia de moradias. A construção soma 220 metros quadrados e no seu interior possui capacidade para acomodar com conforto aproximadamente 80 pessoas e está ilustrado com várias imagens retratando diversos momentos da vida e da obra de São Pio de Pietrelcina que levam a assinatura do renomado artista plástico Juan Amoretti.

Além da nave central da ermida, onde no segundo e quarto domingo do mês são celebradas missas, a construção conta ainda, no nível térreo, com banheiros e outras salas para acomodar objetos necessários para o funcionamento do templo e, na parte externa, existem quatro capitéis, cada um representando um mistério do rosário (Dolorosos, Gozosos, Gloriosos e Luminosos).

Na sua construção houve transposição de linhas arquitetônicas da Itália para o Cerro Comprido. A fachada da ermida foi projetada com base na fachada da Igreja de Nossa Senhora das Graças de San Giovanni Rottondo na Itália, templo em que São Pio desenvolveu grande parte de sua vida espiritual. Cláudio ordenou ao engenheiro responsável que executasse a obra de acordo com o modelo desenhado por ele:

De começo simplesmente desenei o corpo da igreja usando formas geométricas (semicírculos e ângulos). Foi no momento de fazer uma pequena maquete, que surgiu a idéia de dar-lhe uma fachada semelhante àquela da igreja original de Nossa Senhora das Graças, onde o Padre Pio começou sua “vida pública” e onde recebeu também os estígmata (CASASSOLA, 2006).

Entusiasmado com o sucesso da Ermida, e avistando a possibilidade de ampliar ainda mais as peregrinações ao local, Cláudio almejou algo mais e patrocinou a construção da Casa do Peregrino Padre Pio, inaugurada em dezembro de 2006 ao lado da Ermida. A referida construção colocou a disposição dos peregrinos cinco quartos, biblioteca, cozinha, salão no subsolo, auditório para 70 pessoas e mais a moradia do zelador.

Tem a finalidade de atender os peregrinos que para lá se deslocam, proporcionando uma estrutura logística que permita o incremento da visitação e o prolongamento do tempo de estada do peregrino em condições ideais de conforto. Segundo Cláudio, quando indagado sobre qual será a finalidade da nova construção para o turismo religioso afirmou que:

O próprio nome revela que a primeira finalidade dela é atender os peregrinos. Em geral, o peregrino quer rezar, fazer perguntas sobre o que vê ali na Ermida, pedir conselhos, comprar algum livro e voltar à casa com a paz no coração. Seguindo este pensamento, a Casa do Peregrino possui cinco quartos com banheiro, para as pessoas capacitadas para esta direção espiritual. Tratando-se de grupos (até 70 pessoas) o atendimento pode ser feito no auditório. Eles poderão passar o dia naquele aprazível local e, ao mesmo tempo, atender conferências ou instruções religiosas. Desta forma a

Ermida ficará à disposição de outros possíveis peregrinos. No nível térreo há também um apartamento para a família do zelador das obras (CASASSOLA, 2006).

Na atualidade a Ermida é um dos mais novos e principais cenários de atração de turismo religioso da Quarta Colônia. Dominicalmente além das missas, sempre realizadas no segundo e quarto domingo do mês, o local recebe seguidamente a visita de várias caravanas de peregrinos oriundas das mais diversas localidades do Estado do Rio Grande do Sul e também de outros Estados da Federação Brasileira. No livro de presença onde é possível identificar a procedência destes turistas comprova-se o grande afluxo de peregrinos, inclusive alguns internacionais⁹².

Pouco a pouco a fé em São Pio vai se disseminando pela RQCII e pelo Estado. O santo é italiano, a maioria da população da Quarta Colônia é composta por descendentes de italianos. Certamente isso favoreceu a receptividade do santo, mas não é o principal determinante. Quando indagado sobre a receptividade do santo entre a população da Quarta Colônia, Cláudio afirmou que:

Pelas informações recebidas, São Pio de Pietrelcina foi muito bem recebido dentro da Quarta Colônia. O número de peregrinos até agora ultrapassou todas as expectativas. O local é lindo e tudo aí na Ermida é atraente. Os devotos se expressam com sinceridade e muitos têm recebido graças valiosas. Seja pela atração exercida pelo Padre Pio, pelo atendimento aí recebido ou pela beleza dos arredores o que está acontecendo ali em cima do Cerro Comprido reflete a existência de um plano divino. Na medida que o povo responder a este aceno da Divina Misericórdia, o Padre Pio continuará a revelar-se sempre mais bondoso (CASASSOLA, 2006).

Além do propósito espiritual, razão primeira da visita ao local, o peregrino pode ainda desfrutar de mesoclima ameno e agradável conferido pela altitude, bem como apreciar a vista panorâmica a qual pode ser avistada a Depressão Central Sul rio-grandense com seu relevo suavemente ondulado, formando colinas e várzeas, com farta rede hidrográfica, onde se pode avistar um sem número de lavouras de arroz formando uma paisagem do tipo colcha de retalhos dourada, quando de sua maturação, nos vales do Rio Jacuí-centro e do Rio Soturno.

O acesso do peregrino ao topo do Cerro Comprido, no qual está localizada a Ermida de São Pio, se dá através de um percurso de aproximadamente sete quilômetros contados a partir do centro do núcleo urbano de Faxinal do Soturno, por meio de estrada vicinal que corta

⁹² No lapso temporal de pouco mais de dois meses, (10/12/2006 – 18/02/2007) a visitação ao templo foi de 1650 pessoas, provindas dos mais diversos municípios do RS e dos estados de Mato Grosso, Santa Catarina e Paraná. Os turistas internacionais tiveram procedência da Itália e Canadá (Ontário e Windsor).

diagonalmente a vertente⁹³ sul do morro que apresenta morfologia serrana modelada pela ação erosiva. Esta estrada passa em meio a um dos poucos espaços remanescentes de mata Atlântica da RQCII e do Brasil, com sua imensa riqueza de fauna e flora em seus ecossistemas associados.

A infra-estrutura turística presente é a estrada de acesso que recebeu melhorias por parte da Prefeitura Municipal e a sinalização disponibilizada pelo CONDESUS. Desta forma os referidos órgãos são as principais instituições de apoio local para o desenvolvimento do turismo religioso na Ermida de São Pio.

3.2.2.7.2 - Pólo Turístico-religioso Diácono João Luis Pozzobon

Este pólo localizado na localidade de Ribeirão, no Município de São João do Polêsine, envolve a Igreja de São Pedro e a casa onde nasceu e viveu o diácono João Luis Pozzobon, (1904-1985) um servo de Deus que levou a mensagem de Nossa Senhora de Schoenstatt pelo mundo. Ele andava sempre em oração e visitando famílias, escolas, hospitais e cárceres, incentivando a pregação do rosário e a consagração à Maria em uma jornada peregrinatória de 140.000 Km percorridos a pé, sempre carregando a imagem de Nossa Senhora ao longo de 35 anos.

Segundo Anadete Buriol (anexo H), responsável pelo museu, sua gigantesca missão evangelizadora popular preconizou, ainda, a fundação de pequenas escolas, três capelas, ermidas e uma vila para os sem teto. Por estes feitos, João Luis Pozzobon foi reconhecido perante a Santa Sé como um servo de Deus e, atualmente, está em processo de canonização junto ao Vaticano. Pelo desenrolar destes fatos, as referências do diácono (Igreja de São Pedro e sua Casa em Ribeirão, bem como sua segunda casa em Santa Maria) passaram a ser alvo de intensas peregrinações.

A igreja de São Pedro constitui-se em um templo construído no primeiro quartel do século passado, em estilo eclético, com predomínio do barroco, possuindo uma nave central e um altar-mor com esculturas sacras entalhadas em madeira. Neste templo, o servo de Deus, diácono João Luis Pozzobon, segundo placa informativa, foi batizado em 06/01/1905, crismado em 24/12/1907 recebeu sua primeira eucaristia em 14/05/1916 e uniu-se em matrimônio em 21/04/1928 (Figura 31).

⁹³ Encosta, área inclinada em relação a um plano horizontal.



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 31 - Vista da igreja de São Pedro de Ribeirão.

Esta igreja, somada com a casa onde o diácono nasceu e viveu grande parte de sua vida, conforma um cenário turístico religioso, um dos mais expressivos da Região em termos de afluxo de peregrinos. A casa onde nasceu o diácono foi reconstruída pela Prefeitura municipal em 1998 mantendo as características originais. O interior abriga um pequeno acervo museológico com exposições fotográficas que retratam a vida religiosa do diácono, bem como o mobiliário original, segundo Anadete Buriol (Figura 32).



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 32 – Vista da casa do Diácono João Luis Pozzobon.

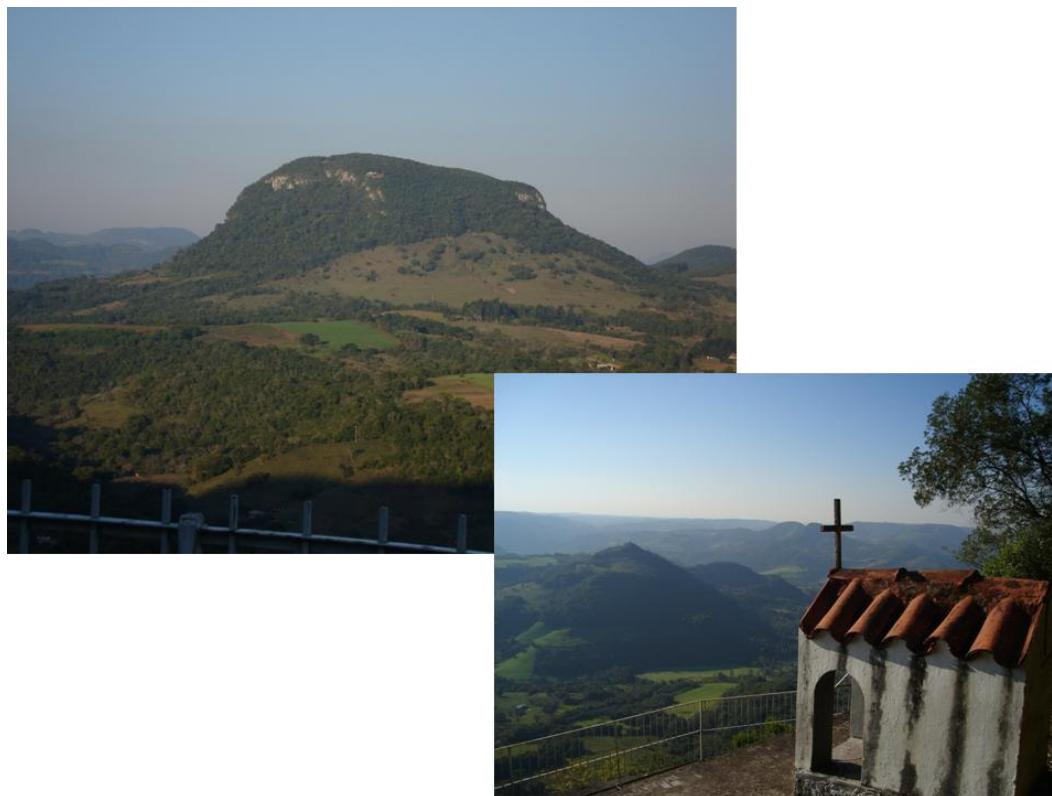
A infra-estrutura turística presente no pólo pode ser verificada através da sinalização com várias placas de orientação ao acesso a este ponto turístico, proporcionado pelo CONDESUS, o qual, juntamente com a Prefeitura municipal, são os responsáveis pela reconstrução da casa e manutenção, são as principais instituições de apoio local. Segundo Valserina Gassen, em breve será construído, pela prefeitura, um salão junto a casa para o recebimento dos turistas, onde os mesmos poderão fazer suas refeições.

3.2.2.7.3 - Monte Grappa

Segundo o assessor de Gabinete da Prefeitura municipal de Ivorá, Ademir Cargnielutti (anexo A), um dos principais atrativos turístico-religiosos do Município é o Monte Grappa, o qual faz parte da cadeia de montanhas que circundam a Sede municipal de Ivorá, que, com suas belezas, encantam os turistas que para lá se dirigem. Com altitude de 520 metros, Monte Grappa recebeu esta denominação em virtude de recordar o famoso monte de mesmo nome na Itália. Poeticamente denominado a “Esfinge de Ivorá”, em função dos mistérios que esconde, ou talvez pelos laços nostálgicos que estabelece com a pátria abandonada pelos imigrantes, o Monte Grappa representa o principal ícone do município (PERIPOLLI, 1984).

O Monte Grappa, pela sua semelhança com o original Italiano, é considerado um dos símbolos naturais mais latentes da reterritorialidade italiana, pois, na expressão de Peripolli (1984), o mesmo constitui-se em “símbolo da união entre a terra Ivorense e a terra Italiana”. Venha o turista de onde vier, ele é obrigado, pela estrutura geográfica a deparar-se com o Grappa. De Júlio de Castilhos, distante 50 Km, ele é visto, dizendo ao que o contempla: Ivorá está a minha frente. Para quem o observa de Dona Francisca, a 30 Km ele repete: Aqui, Ivorá. O mesmo de Santo Antão, a 30 Km.

Descendo a serra que dá acesso á Sede municipal, pela estrada de Val de Serra, já nas primeiras curvas o Monte Grappa desponta em frente, orgulhoso, imponente, com aquela pose intransferível que lhe foi dada e sacramentada (Figura 33).



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 33 - Vista do Monte Grappa pela vertente oeste e da Gruta de Nossa Senhora da Guarda no cimo.

Como cenário de turismo religioso o Monte Grappa é local de visitação obrigatória aos turistas que se dirigem a Ivorá, um lugar privilegiado que alia religiosidade e beleza natural. Do alto tem-se uma vista panorâmica das adjacências, formando uma paisagem panorâmica de alta beleza cênica. O alto do Grappa é um local ideal para meditação, onde pela vasta abrangência da vista e pelo significado que montes semelhantes a este têm para a tradição religiosa, nos remetem, em pensamento, a outros montes sagrados, em outras terras e em outras eras.

Escalar o Monte Grappa sempre foi uma grande atração para os Ivorenses e turistas; contudo, atualmente, graças ao preparo do acesso ao seu topo, totalmente iluminado, a atração foi melhorada. O Monte Grappa pode ser galgado pelo poente, fronteiro a Sede municipal, por uma trilha que passa inicialmente em meio a um potreiro e depois adentra a mata. Ao longo desta trilha além de se poderem apreciar as belezas naturais, predomina o sentimento religioso. Ao longo deste percurso foram construídos os 15 capitéis representativos das estações da via sacra, onde todas as semanas santas ocorrem peregrinações em massa (Figura 34).



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 34 – Trilha de acesso ao Monte Grappa com capitel da estação da via sacra.

A via sacra culmina com a capela em homenagem a “Nossa Senhora Della Guardia”, santa trazida da Itália em 1943. Também foi construído um Santuário em cima do Monte. Como infra-estrutura destacam-se os capitéis representantes da estação da via sacra, o santuário construído no cimo do morro e a iluminação noturna realizada pela Prefeitura municipal, a qual, juntamente com o CONDESUS, responsável pela sinalização são as principais instituições de apoio local ao cenário.

3.2.2.7.4 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes do Sitio Alto.

No distrito de Sítio Alto, em Faxinal do Soturno, segundo Claudia Tessele (anexo A), existe uma gruta natural, com fonte de água cristalina potável e segundo o dizer de alguns até mesmo miraculosos. A abertura da gruta está voltada para o Norte, um lugar aprazível, ideal para a meditação e prece. Por volta do ano de 1950 surgiu a idéia de aproveitá-la para peregrinações. Após a realização de melhoramentos, colocaram no seu interior a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. No dia 25 de maio de 1958 foi solenemente inaugurada pelo

Monsenhor Humberto Busatto, então pároco de Ivorá, com a participação de grande número de fiéis e devotos da paróquia e comunidades vizinhas.

De lá para cá houve a implantação da infra-estrutura e todos os anos, no mês de fevereiro, é celebrada uma festa, no local, em homenagem à Nossa Senhora de Lourdes, evento que atrai grande número de peregrinos dos mais variados lugares do Estado (Figura 35).



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 35 – Vista da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes no Sítio Alto em Faxinal do Soturno.

A gruta, construída pela natureza, é um templo de fé e um local aprazível, transformado em cenário de turismo religioso e ecológico pois proporciona a meditação em ambiente de profundo silêncio e harmonia com a mãe-natureza que está preservada por toda a volta através de bromélias, xaxins e samambaias. No interior da gruta o vão é grande, de modo que não se pode avistar seu fundo. Pode-se beber água límpida e potável que brota da rocha.

A infra-estrutura disponível é representada pelo salão de festas, imagens sacras, e sinalização disponibilizada pela Prefeitura municipal e pelo CONDESUS, os quais são as principais instituições de apoio local.

3.2.2.7.5 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes de Nova Palma

Outra gruta consagrada a Nossa Senhora de Lourdes localiza-se no município de Nova Palma, à margem da estrada geral que liga Nova Palma a Júlio de Castilhos a aproximadamente um quilômetro da Sede municipal. É um atrativo de fácil acesso e um ponto de parada aos transeuntes, também como para a realização de peregrinações em grupo, segundo a coordenadora de Comunicação Social da Prefeitura municipal (anexo A).

A gruta foi construída em 1942 em rochas basálticas irregulares sobrepostas umas sobre as outras formando uma grande parede triangular para proteger a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. O construtor foi o pedreiro Benjamim Tomazi em virtude de uma promessa feita pelas famílias Felice Bulegon e João Bertoldo que doaram o terreno desde a estrada até a fonte d'água, mas teve a decisiva participação dos fiéis desde o início da construção. Aos pés da Virgem, diuturnamente corre um filete de água límpida que vem desta fonte (Figura 36).



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 36 – Vista da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes em Nova Palma.

A gruta foi ampliada no centenário de Lourdes, cuja reinauguração se deu em 1958 com uma grande peregrinação. A partir de então, sempre é realizada uma romaria anual à Gruta com festa e celebração que ocorrem tradicionalmente no primeiro domingo de fevereiro. Chama a atenção no local a quantidade de placas (aproximadamente duas centenas) fixadas por pessoas devotas em agradecimento a graças alcançadas por intercessão de Nossa Senhora de Lourdes, Padroeira do Município de Nova Palma consagrada em 1961 (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PALMA, 2005).

A infra-estrutura disponível é representada por fonte d'água potável, assentos e iluminação colocada pela Prefeitura municipal, bem como pela sinalização turística implantada pelo CONDESUS, que juntamente com a Prefeitura são as principais instituições locais de apoio a este cenário religioso.

3.2.2.7.6 - Gruta Nossa senhora de Lourdes de Vale Vêneto

Outra Gruta, consagrada a Nossa Senhora de Lourdes na RQCII situa-se em Vale Vêneto à beira da estrada que serpenteia a Serra de São Martinho, ligando Vale Vêneto a Silveira Martins, a 1 Km, do povoado de Vale Vêneto. Segundo José Marcuzzo (anexo D), esta gruta é importante cenário religioso turístico de Vale Vêneto. A Gruta é fruto de uma promessa de Pe. Pedro Luiz Bottari, por ocasião da ocorrência de uma grande enchente em 1941. Temendo que o morro, em cujos pés se encontra o Colégio N. Sra. De Lourdes, desmoronasse, prometeu que, se as chuvas parassem, construiria uma gruta a N. Sra. De Lourdes no sopé do morro (Figura 37).

As chuvas cessaram e o povo construiu a Gruta, que foi inaugurada em 1942 pelo Monsenhor Pascoal Gomes Librelotto. Anualmente, no 2º domingo de fevereiro, a Gruta atrai milhares de peregrinos de toda a Região que, em procissão, partem da Igreja Matriz e seguem até a Gruta, onde são celebradas missas e realizados festejos populares. A gruta está em meio à mata preservada e possui fonte d'água potável que desce da montanha.

No local totalmente integrado à natureza é possível desfrutar de agradável temperatura e ar puro, ideal para o descanso e meditação, sendo ponto de parada obrigatório também para os transeuntes que passam pela estrada. Várias placas afixadas no local por fieis que receberam graças por intercessão da Santa testemunham o grande potencial espiritual e o afluxo de peregrinos ao local.



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 37 – Vista da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes em Vale Vêneto.

A principal infra-estrutura presente determina-se por assentos, água potável, imagens sacras e iluminação mantida pela Prefeitura Municipal de São João do Polêsine, a qual em 2006, também remodelou toda a Gruta, deixando-a mais atraente. Também foi construído, pela comunidade, um salão para as festas. Há infra-estrutura de hospedagem para os peregrinos nas proximidades da gruta através do Hotel Pousada Vêneta e também da Pousada Recanto. A principal instituição de apoio local é a Prefeitura de São João do Polêsine.

3.2.3 - O modo de produção como cenário promotor de Turismo no Meio Rural - Agroturismo

O agroturismo, tal qual o modelo majoritário que a literatura apresenta e baseado em visitação a propriedades agrícolas é uma modalidade ainda sem muita expressão na Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, pois demanda capital financeiro considerável que, muitas vezes, o agricultor familiar, devido a sua situação econômica fragilizada, não dispõe e também pelo fato da resistência cultural de fazer investimentos em áreas que não na produção. O agricultor tradicionalmente é conservador, resistindo em investir em outros ramos, mesmo sendo correlacionada com a sua atividade, pois o que ele melhor sabe fazer é a agricultura propriamente dita.

Mesmo assim, na pequena propriedade familiar colonial, mantenedora do trabalho familiar, de hábitos, costumes e modo de produção peculiar dos descendentes de italianos tem-se um terreno fértil para o agroturismo. Estas características encontram-se na RQCII,

principalmente no Município de Silveira Martins, local onde pulsa fortemente a cultura italiana, através de um resgate freqüente dos costumes dos antigos colonizadores que são transmitidos em cada história contada, revivendo um passado que ainda deixa suas marcas na gastronomia, na arquitetura e, principalmente nos relatos e no modo de vida rural.

Algumas propriedades do meio rural têm aderido à adoção de atividades complementares às já existentes atividades agrícolas, onde o agroturismo passa a fazer parte, ainda que timidamente, da realidade do modo de produção de uma propriedade agrícola produtiva de caráter familiar.

3.2.3.1 - Festival da uva e das águas

As localidades históricas de Val de Buia e Val Feltrina, localizadas no interior de Silveira Martins, se constituem nos dois vales pioneiros da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana em se tratando do cultivo de vinhedos destinados à produção de vinho, cuja técnica de produção foi introduzida pelos primeiros imigrantes italianos que aí chegaram nos idos de 1877, trazendo as primeiras mudas viníferas da Itália.

Em 2005, a Secretaria de Cultura e Turismo de Silveira Martins, percebendo o potencial cultural proporcionado pela paisagem das encostas enfeitadas pelos parreirais e a tradição da produção artesanal do vinho, bem como os principais elementos naturais, relacionados às águas (balneários, riachos, cascatas), decidiu organizar um evento que despertasse o interesse das pessoas para o aproveitamento e potencialização dos cenários existentes como recursos turísticos. Neste sentido foi realizado o I festival da Uva e das Águas, contando com bom afluxo de visitantes (2.500 pessoas apenas no último domingo da programação) (Figura 38).

A segunda edição do evento (2007) ocorreu em duas etapas, coincidindo com o período de maturação das uvas da Região. Entre os dias 12 e 21 de janeiro aconteceu a Semana da uva branca, enquanto entre os dias 10 e 18 de fevereiro foi a vez da semana da uva tinta. O Festival contou com diversas atrações incorporando apresentações culturais, filós, torneios de futebol, palestras e comercialização de uva e vinho. Também foram servidos almoços e jantares nas Sociedades de Val de Buia e Val Feltrina, com pratos a base de peixe e outros da culinária típica italiana.



Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Silveira Martins.

Figura 38 – Folder alusivo ao I Festival da Uva e das Águas de Val de Buia e Val Feltrina.

Outro destaque deste cenário agroturístico é a visitação às propriedades vitivinícolas da Região, com a possibilidade de degustar e adquirir produtos coloniais na origem, além de apreciar a cultura e a natureza do vale. Para o secretário de Turismo de Silveira Martins, Cesare Barichello (anexo A), o Festival vem para resgatar uma série de valores junto à comunidade local, propiciando o incentivo à cultura da uva e do vinho e a retomada das tradições dos antigos imigrantes nas propriedades.

A infra-estrutura presente na área disponibiliza o acesso do turista por estrada asfaltada e bem sinalizada turisticamente. A principal instituição de apoio local é a Secretaria Municipal de Turismo que, percebendo seu potencial, em 2005, promoveu a realização do evento. O Festival conta ainda com o apoio da EMATER, do Projeto Proceder e das comunidades de Val de Buia e Val Feltrina, as quais se prepararam para o Festival mediante a participação em cursos, treinamentos e mutirões para a limpeza e a organização das propriedades e recebimento de turistas.

Como instituição de apoio supralocal, segundo o secretário César Barichello, destaca-se o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), uma entidade sem fins lucrativos,

criada por lei e vinculada à Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (FARSUL) e à Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

Nesse sentido, o SENAR participa na promoção do Festival da Uva e das Águas bem como no desenvolvimento do agroturismo no meio rural na comunidade de Val Feltrina e Val de Buia, em Silveira Martins, as quais receberam, por meio do programa de turismo rural desta autarquia, vários cursos sobre embelezamento de propriedade rural, implantação de pousadas, restaurantes rurais e acolhida no meio rural.

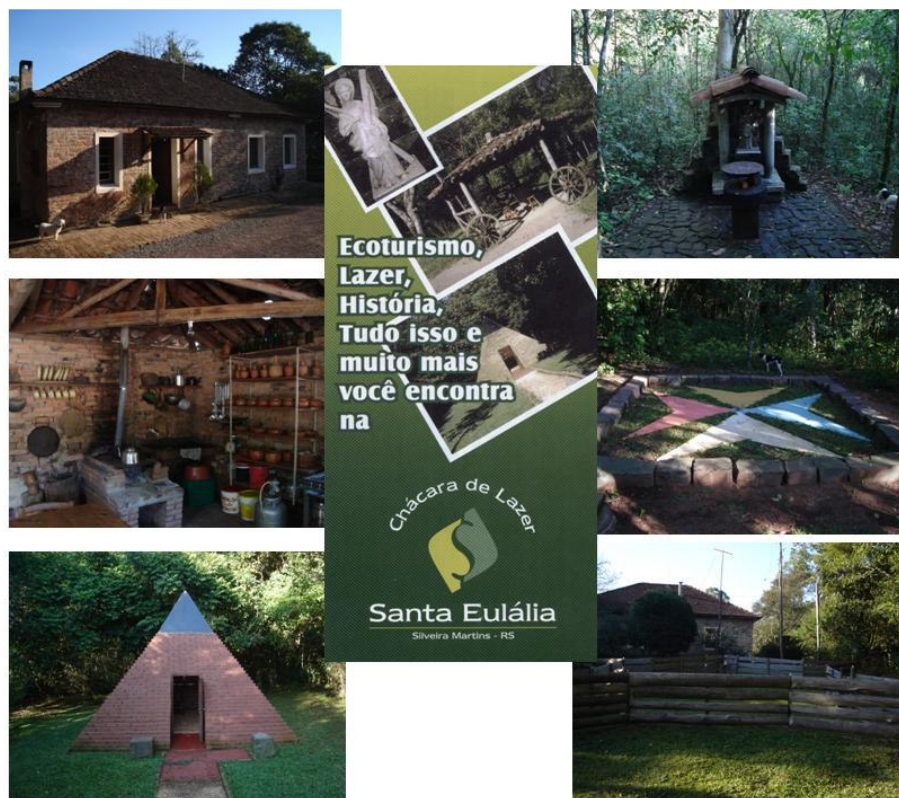
Segundo o secretário Cesare Barichello (anexo A), os cursos têm por objetivo, “capacitar o cidadão para aproveitar todo o potencial turístico da propriedade, visando o desenvolvimento e permanência do proprietário no local de origem”. A entidade atua via sindicato rural, por meio de convênios estabelecidos com o município.

3.2.3.2 - Chácara Santa Eulália

Outra propriedade que recebe turistas frequentemente é a Chácara Santa Eulália, localizada na Vila Cattani em Silveira Martins. Esta propriedade agrícola histórica vem desenvolvendo o turismo, pela visita a trilhas, apreciação das paisagens naturais, conhecimento da história da imigração, através de um pequeno museu composto por vários utensílios da época dos imigrantes e apreciação de produtos coloniais. Na Chácara, além da degustação do bom vinho italiano, o turista pode recompor suas energias espirituais através dos elementos místicos (Figura 39).

Nesse sentido, cabe ressaltar ainda que a Chácara também explora o turismo místico, o qual, segundo o proprietário, é um dos principais atrativos, através da visita a quatro elementos lúdicos representativos de quatro culturas religiosas: uma réplica miniaturizada da pirâmide egípcia de Quéops com simbologias interiores representativas dos quatro elementos da natureza: terra, água, ar e fogo.

A Cruz de Malta, representativa da cultura religiosa Católica Apostólica Romana; o Pentagrama de Leonardo da Vinci representativo da cultura religiosa Magia Branca e, por último, um pequeno santuário em meio à mata nativa, que contém a imagem de Santa Eulália, que empresta o nome à chácara e, segundo o proprietário, (anexo E) é a única réplica da Santa no Brasil. Santa Eulália é padroeira da catedral de Barcelona na Espanha e seu nome foi escolhido para a chácara devido ao fato da família possuir origem espanhola.



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 39 – Cenas da Chácara Santa Eulália.

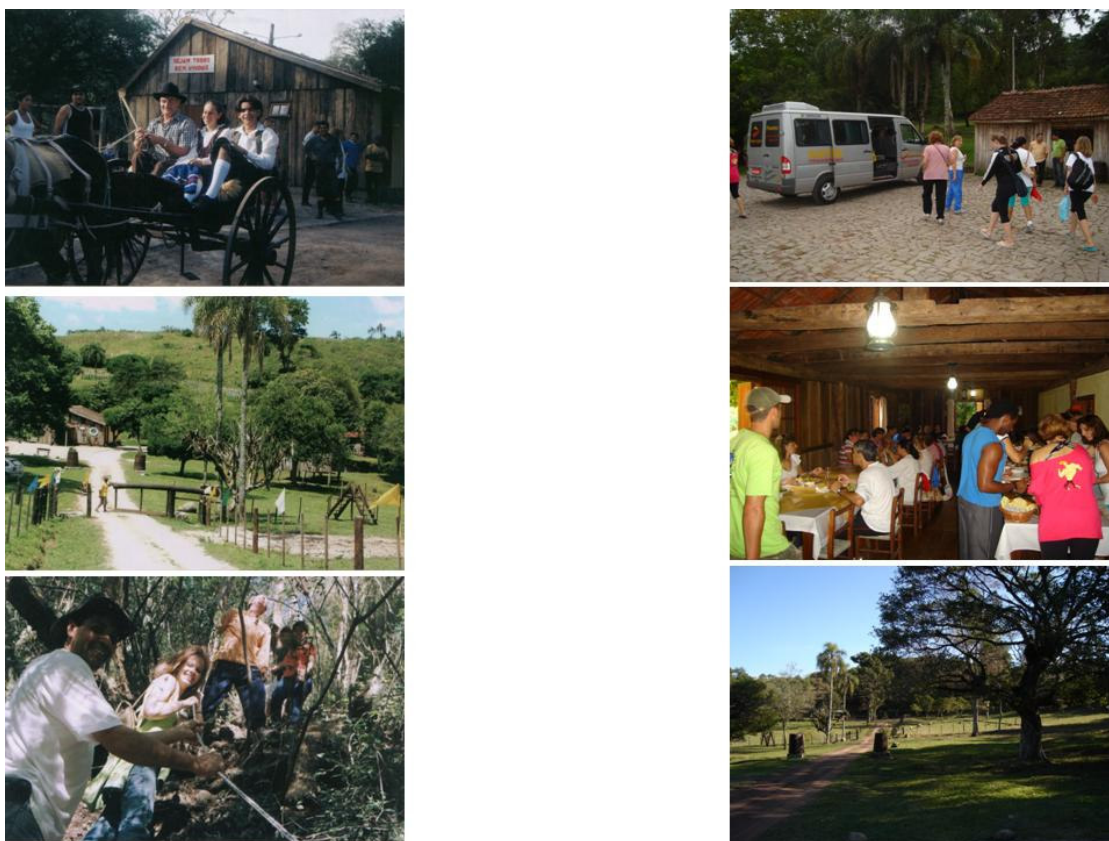
A infra-estrutura de acesso à propriedade é boa, pois conta com estradas ensaiçadas em bom estado de conservação. Hospedagem em Silveira Martins não existe, mas é possível, pernoitar em Vale Vêneto distante apenas alguns quilômetros. A agência Viaggiotur comercializa pacotes para esta propriedade conforme a necessidade dos turistas e disponibiliza guias. A sinalização existente é própria e o CONDESUS constitui-se na principal instituição de apoio local, através da consultoria do SEBRAE, proporcionando a adequação da propriedade ao turismo e contribuindo na criação da logomarca da empresa. O SEBRAE representa o apoio supralocal.

3.2.3.3 - Quinta Dom Inácio

Outro local dotado de forte cultura italiana conjugada com belezas naturais significativas é a propriedade rural denominada Quinta Dom Inácio. Esta quinta⁹⁴ localiza-se na Linha Quarta Norte no Município de Silveira Martins, próximo à divisa com o Município de Júlio de Castilhos, sendo de propriedade do casal Ivori e Elisabete Oliveira. A Quinta Dom

⁹⁴ Refere-se a uma pequena propriedade rural, normalmente com casa de moradia.

Inácio constitui-se em uma propriedade agrícola familiar produtiva⁹⁵, de 36 hectares, aparelhada com infra-estrutura para a exploração turística através de trilhas ecológicas, passeios de aranha (espécie de charrete), restaurante e muita diversidade florística e faunística (Figura 40).



Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2006.

Figura 40 – Cenas da Quinta Dom Inácio.

A história da propriedade, onde atualmente funciona a Quinta Dom Inácio, compreende um ciclo produtivo agrícola que se iniciou em 1886 quando o imigrante Pedro Varini, aos dois anos de idade, aí se reterritorializou, juntamente com sua família, no período áureo da epopéia imigratória Italiana. A família Varini promoveu a atividade agrícola cultivando milho, feijão, fumo de corda, parreiras e trigo, processo este que teve seqüência por quatro gerações de descendentes, até que, em 2002, o casal Ivori e Elisabeth Oliveira mudou para Silveira Martins e adquiriu esta propriedade.

Dois anos depois, em 2004, motivados pelas belezas naturais aí existentes introduziram atividades não-agrícolas mediante o recebimento de acessoria técnica do SEBRAE, a qual permitiu a potencialização e o aproveitamento do legado histórico e natural

⁹⁵ A Quinta Dom Inácio produz milho e feijão além de ter uma bacia leiteira.

presente, onde pode-se citar a transformação da casa colonial da propriedade, pertencente ao imigrante pioneiro, em restaurante típico italiano.

Ademais, além da parte cultural, há uma natureza atrativa com belas paisagens panorâmicas compreendendo a existência de taludes rochosos, entre os quais há um vale por onde corre um riacho de águas frescas e cristalinas, totalmente isento de poluição. Como o terreno aí é bastante ondulado, este riacho forma seis belas cascatas com piscinas naturais, que podem ser admiradas durante o percurso em meio à mata nativa por duas trilhas que, na época da colonização, eram utilizadas para o escoamento dos produtos cultivados na propriedade.

Os passeios guiados nestas trilhas permitem, também, contemplar a vegetação típica do local, composta por bromélias, samambaias, avencas e uma concentração de três exemplares de xaxins, espécie em extinção, cuja idade foi calculada por técnicos em aproximadamente 500 anos, bem como a fauna local composta por macacos, quatis, tucanos, tatus, veados, jacutingas, mãos-peladas, pacas e lagartos, entre outros.

Os passeios turísticos, na propriedade, são realizados mediante agendamento prévio e são comercializados a grupos de, no mínimo, 10 pessoas através de duas modalidades de pacotes cujo conteúdo completo inclui uma programação para o dia todo (8:00 às 18:00), contemplando percurso guiado em um trilha pela parte da manhã, almoço típico italiano em restaurante próprio ao meio dia, mais uma trilha à tarde, passeio de aranha e “chá da nona”, (café colonial) às 16 horas, pelo valor de R\$ 28,00.

Para o turista que não está disposto a desembolsar esta quantia há a opção de um pacote mais econômico ao preço de R\$ 24,00, contemplando a programação habitual da parte da tarde e, para os que somente querem fazer o passeio nas trilhas, o preço é de R\$ 5,00 a R\$ 8,00 conforme o número de pessoas interessadas.

Ao se aproximar da propriedade, o turista passa por um caminho florido e composto por diversas espécies arbóreas, tais como plátanos, pinheiros e outras. Na porteira da propriedade é possível observar um enorme cacto centenário, o qual dá boas vindas a todos. Segundo Elisabeth Oliveira (anexo E), a propriedade fica em atividade turística o ano inteiro, recebendo uma demanda de aproximadamente 30 a 40 turistas semanalmente, provindos de toda a região central do Rio Grande do Sul e, até mesmo, do exterior, mediante convênio com os Monges Cartuxos, que recebem visitantes de outros países e indicam também o passeio na Quinta próxima do mosteiro. A Quinta gera emprego para 6 a 10 pessoas temporariamente, entre guias, condutores de aranha e outros funcionários.

Com relação à infra-estrutura de acesso à propriedade, tem-se estradas ensaiadas em bom estado de conservação. Hospedagem em Silveira Martins não há, no entanto, o turista, que desejar pernoitar, poderá ir a Vale Vêneto, distante apenas alguns quilômetros. A agência Viaggiotur comercializa pacotes para esta propriedade conforme a necessidade dos turistas e disponibiliza guias. A sinalização turística existente foi instalada pelos proprietários, os quais também recebem assistência da Secretaria de Turismo, no que se refere à divulgação e o CONDESUS, principal instituição de apoio local, através da consultoria do SEBRAE, propicia adequação da propriedade para o recebimento de turistas.

O SEBRAE se constitui na principal instituição de apoio supralocal pois, segundo a proprietária Elisabete Oliveira, proporcionou toda a estrutura necessária para modelar a propriedade ao turismo, tendo sido adaptada a antiga casa, em estilo colonial e executadas estruturas necessárias para a preservação da arquitetura e a originalidade, além do estabelecimento de trilhas ecológicas.

Para proceder à caracterização do perfil da demanda turística (quinto subsistema) elegemos, como fonte de coleta, os turistas visitantes do cenário representado pela Quinta Dom Inácio, pois, por ser uma propriedade modelo de agroturismo, acreditamos que seu perfil de visitantes seja representativo do Turismo no Meio Rural de toda a Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Para a coleta das informações que subsidiam as análises realizadas, foram entrevistados 50 turistas nos dias 1º de abril e 09 de novembro de 2007, cujas informações foram registradas em formulário (anexo I) e, posteriormente os dados transformados em percentuais.

Iniciando a análise, os dados indicam que 72% dos turistas visitantes são do sexo feminino e somente 28% são do sexo masculino, demonstrando, assim, a forte presença das mulheres neste segmento turístico. Foi possível identificar um maior interesse das mulheres com relação ao modo de vida rural. A faixa etária do público visitante possui uma amplitude que contempla desde adolescentes até integrantes da terceira idade, o que demonstra a capacidade de atração do agroturismo, sendo bem aceito em todas as faixas etárias. Contudo, a faixa etária média é de 40 a 45 anos (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição da demanda turística da Quinta Dom Inácio por faixa etária.

Faixa etária (anos)	% de pessoas
Abaixo de 20	10
20 a 25	8
25 a 30	4
30 a 35	10
35 a 40	6
40 a 45	10
45 a 50	20
50 a 55	10
55 a 60	12
60 a 65	6
65 a 70	4
Média	40 - 45

Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2007.

Portanto o perfil característico da demanda pelo agroturismo na RQCII é de mulheres com uma faixa media entre 40 a 45 anos. As pessoas entrevistadas desempenham as mais variadas profissões, somando 15 ao total, conforme podemos visualizar na tabela 3.

Tabela 3 - Profissões desempenhadas pelos turistas entrevistados.

Profissão	% de pessoas
Professores	18
Estudantes	14
Artesãos	12
Agricultores	12
Donas de casa	10
Técnicos agrícolas	6
Func. públicos	6
Pecuaristas	6
Corretores de seguros	4
Fisioterapeutas	2
Eletrotécnicos	2
Enfermeiros	2
Extensionistas rurais	2
Total	100

Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2007.

Analisando a renda mensal da demanda turística identificou-se a predominância, representada pelo percentual de 68% de entrevistados, dos que auferem até 4 salários mínimos, configurando a classe média-baixa, o que representa razoável capacidade de gasto por parte dos turistas (Tabela 4).

Tabela 4 - Faixa salarial dos turistas.

Faixa salarial	% de pessoas
Abaixo de 2	34
2 a 4	34
4 a 6	16
6 a 8	6
8 a 10	6
10 a 12	2
12 a 14	0
Faixa Média	2-4 SM

Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2007.

No que se refere à área de captação da demanda, 42% declararam que possuem residência fixa em Santa Maria RS, cidade que, devido à proximidade com a RQCII (aprox 40Km) configura um dos principais pólos emissores de turistas. Outro contingente que fez 50% proveio do Município de Lavras do Sul RS, o qual dista aproximadamente 250 Km. Ainda outros dois contingentes de turistas, representados pelo percentual de 4% cada um, vieram do Município de Bagé, na região da Campanha Gaúcha e de Dona Francisca na própria RQCII caracterizando um fluxo turístico inter-regional e intra-regional.

Quanto ao agrupamento da viagem dos turistas que lá se encontravam, 6% dos entrevistados afirmaram que vieram com sua família, 94% vieram em grupos compostos por amigos ou colegas de trabalho. Entre os que vieram em grupos, 22,9% dos entrevistados afirmaram que este era composto por até 10 pessoas, 16,6% por grupos de aproximadamente 30 pessoas e 60,4%, por grupos de aproximadamente 40 pessoas. Predomina a visita de grupos maiores, portanto.

A principal característica da demanda turística para a Quinta Dom Inácio é o recebimento de grupos formados por relações de amizade ou trabalho, ou ainda, grupos que vêm com interesse de adquirir experiência em agroturismo, pois dedicam-se ou pretendem dedicar-se a este segmento turístico. A viagem em grupo facilita, por exemplo, o estacionamento, diminuindo o espaço necessário, pois geralmente vêm em um só veículo, agiliza a interação dos turistas com o cenário, uma vez que todos adquirem o mesmo pacote e realizam as mesmas atividades, como trilhas, por exemplo, bem como conseguem preços mais acessíveis.

Quanto ao meio de transporte utilizado no deslocamento turístico, 54% disseram ter vindo de ônibus, 28 % dos entrevistados responderam que se utilizam de meio de automóvel e

16% contrataram Vans e outros 2% usaram motocicleta. Como geralmente a demanda é formada por grupos, o mais comum é virem em ônibus e de pequenos coletivos fretados.

Um dos fatores de grande importância que atesta a infra-estrutura de um cenário, refletindo-se nos gastos turísticos e conseqüentemente na sustentabilidade turística de um cenário, é o tempo de permanência do turista, um dos principais fatores limitantes do turismo não só da Quinta Dom Inácio, mas de toda a RQCII.

Ao não disponibilizar de estrutura adequada ao pernoite, abrevia-se o tempo de estada do turista no cenário e, junto a isso, diminui-se a capacidade de gerar ganhos financeiros. Neste sentido a pesquisa identificou uma média de tempo de permanência muito baixa, onde 94% da demanda turística permanecem no máximo oito horas na Quinta Dom Inácio, conforme pode ser visualizado na tabela abaixo.

Tabela 5 - Tempo de permanência dos turistas na Quinta Dom Inácio.

Tempo de permanência (h)	% de pessoas
1 a 2	2
3 a 5	60
6 a 8	34
9 a 11	4
Média	5, 21 h

Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2007.

Este tempo de permanência é curto em relação ao que poderiam ficar estes turistas se houvesse maior infra-estrutura de pernoite no próprio cenário visitado ou nas adjacências. O pouco tempo de permanência no cenário, aliado ao baixo grau de interação dos turistas com o cenário, dada a sua deficiência em infra-estrutura de diversificação de atividade, se reflete nos gastos turísticos, que são baixos, se comparados com o padrão de uma propriedade agroturística mais consolidada em termos de infra-estrutura (Tabela 6).

Tabela 6 - Comportamento dos gastos turísticos na Quinta Dom Inácio.

Faixa de gasto	% de pessoas
Abaixo de 10	4
10 a 20	54
21 a 30	20
31 a 40	16
41 a 50	6
Média	R\$ 22,01

Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2007.

Como se pode observar na tabela acima, a média de gastos é de R\$ 22,01, o que é considerada reduzida e conseqüentemente pode comprometer a sustentabilidade econômica do empreendimento uma vez que pouco contribui para o incentivo e propulsão da expansão da infra-estrutura de equipamentos e serviços turísticos. Nesse sentido, para a potencialização dos gastos, seria necessário incrementar a interação do turista com o cenário para que ele se entretenha mais, permaneça mais tempo e assim promova mais dividendos. Poderia-se instalar, por exemplo, pesque-pague, ou pague-pesque, colha e pague, esportes aquáticos e radicais, maior interação na lida campeira etc.

Em termos de frequência de visitação a este cenário, 92% dos entrevistados responderam que estavam l  pela primeira vez e somente 8% estavam retornando, o que configura rotatividade nas escolhas dos cenários por parte dos turistas. No entanto 96% afirmaram ter interesse em voltar em outra oportunidade, uma clara indica o que se sentiram satisfeitos com o atrativo. Quanto ao hábito e frequência de visita o dos demais cenários turísticos da RQCII, 38% dos entrevistados costumam visitar outros cenários da Região, principalmente o balneário de Nova Palma, as trilhas de Vale Vêneto e festas de Ivor  e Silveira Martins. Entre os turistas provenientes de regiões mais próximas, como Santa Maria, o  ndice de visita o e retorno aos atrativos   maior.

Quanto   solicita o de equipamentos receptivos 100% dos entrevistados responderam que não contrataram agência de turismo para organizar a viagem e os serviços turísticos, fato que não   uma característica restrita   Quinta Dom In cio, sendo também uma forte tendência em toda a região pois, como observou a proprietária da agência de turismo Viaggiotur, Silvia Osmari (anexo G), a grande maioria dos turistas que aflui para a região vem por conta própria, dispensando a contrata o de agências de turismo.

Em rela o   demanda por hospedagem, quando os entrevistados se dirigem a RQCII com fins turísticos, a pequena minoria, representada pelo percentual de 12 %, afirmou que faz uso deste tipo de infra-estrutura, pois em seus deslocamentos turísticos para a RQCII possuem o hábito de hospedarem-se em hotéis, pousadas e até mesmo em casas de amigos e parentes. Este fato, em grande parte, ocorre em fun o da Região ter como uma das principais áreas de capta o a cidade de Santa Maria que, por sua localiza o vizinha a RQCII, possibilita o retorno em curto espaço de tempo. Isto aliado ao fato do tipo de turismo ser pautado na participa o em festas religiosas e outros eventos de curta dura o.

Quanto   principal atratividade motivadora para o afluxo   Quinta Dom In cio, a grande maioria, representada por um percentual de 60% afirmou ser o contato com a natureza,

pois no seu ambiente de vida este contato não é possível, devido ao elevado grau de artificialização do meio urbano (Tabela 7).

Tabela 7 - Principais motivações para o afluxo a Quinta Dom Inácio.

Atração principal	% de pessoas
Contato com a natureza	60
Cultura e história local	16
Beleza cênica	14
Hospitalidade	4
Gastronomia	2
Sossego	2
Modo de produção e lidas rurais	2
Total	100

Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2007.

Nota-se que os aspectos naturais se sobressaem em relação aos culturais como fator de atratividade para o público do agroturismo, pois, antes de tudo, querem fugir do barulho e do estresse provocado pela agitada rotina urbana e marcado pelo domínio do relógio em todas as atividades. Desta forma, sempre que podem, estas pessoas procuram buscar uma via de evasão ao ambiente urbano e elegem como destino a ambiência rural, a qual proporciona a tranquilidade necessária para recompor as energias físicas e mentais. A ambiência deste cenário, privilegiada pelos aspectos naturais, tais como mata virgem, córregos, animais silvestres, cascatas e trilhas, favorece o contato com a natureza atendendo a expectativa dos turistas.

Quanto à forma de conhecimento que influenciou na tomada de decisão para visitar este cenário nota-se uma nítida supremacia de órgãos incentivadores do agroturismo e a divulgação entre amigos e parentes (Tabela 8).

Tabela 8 - Forma de conhecimento da Quinta Dom Inácio.

Forma de conhecimento	% de pessoas
EMATER	50
Amigos e parentes	40
Folhetos, folders, cartazes	4
Internet	2
Rádio	2
Jornais	2
Total	100

Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2007.

Esta avaliação indica que, em termos de Turismo no Meio Rural, as indicações entre círculos de amigos é um forte meio de divulgação. No entanto, por este meio, na mesma proporção em que um cenário pode ser indicado a grande quantidade de pessoas que certamente o visitarão, o mesmo cenário, em caso de não oferecer qualidade reconhecida, pode ser disseminado como um destino não recomendável e, portanto, afugentando a clientela rapidamente.

Quanto ao nível de satisfação com o cenário 100% dos entrevistados responderam que não tem nenhuma reclamação, em outras palavras não teve nada que os desagradasse. No entanto em relação às sugestões para melhorar o atrativo 34% dos entrevistados contribuíram com sugestões para melhorar a fruição a este cenário de Turismo no Meio Rural. O maior percentual de entrevistados sugeriu a melhoria da infra-estrutura das trilhas ecológicas, que é a principal atividade dentro deste cenário. A colocação de mais equipamentos de segurança nas trilhas foi o item que mais sobressaiu, demonstrando uma preocupação dos turistas com relação a sua segurança, uma vez que estas passam em locais íngremes, trazendo perigo principalmente aos idosos (Tabela 9).

Tabela 9 - Sugestões para a melhora da fruição ao cenário da Quinta Dom Inácio.

Sugestão	% de pessoas
Melhora da infra-estrutura nas trilhas	10
Aumentar a divulgação	6
Instalação de pousada	4
Instalação de <i>rapel</i>	2
Disponibilidade de passeio a cavalo	2
Instalação de piscina	2
Construção de mais banheiros	2
Melhora da infra-estrutura geral	2
Melhora da infra-estrutura da ordenha	2
Aumento de variedade de produtos a venda	2
Total	34

Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2007.

Por fim, objetivando compreender o modo como as pessoas vêem o futuro turístico da RQCII, solicitou-se, aos entrevistados a opinião justificada sobre a real possibilidade da Região tornar-se um promissor cenário turístico. Nesse sentido, todos afirmaram acreditar na possibilidade do desenvolvimento turístico da Região, mencionando a grande variedade de características, que, segundo eles, justificariam o desenvolvimento turístico da RQCII (Tabela 10).

Tabela 10 - Justificativas para o desenvolvimento turístico da RQCII.

Justificativa	% de pessoas
Beleza cênica natural	20
Hospitalidade, beleza cênica e gastronomia.	16
Beleza cênica natural e cultural	12
Infra-estrutura	10
Diversidade e potencialidade dos cenários	10
Beleza cênica natural e gastronomia	6
Hospitalidade	6
Singularidade da Região	6
Posição geográfica	4
Cultura Italiana	2
Religiosidade e gastronomia	2
Criatividade e inovação	2
Reúne todas as condições	2
Com ressalvas: precisa melhorar a higiene	2
Total	100

Fonte: Pesquisa de campo, Oni Nardi, 2007.

Como se pode perceber, a beleza dos cenários naturais, e culturais, a gastronomia típica italiana e a hospitalidade se constituem nas mais importantes características, na visão dos turistas, para o desenvolvimento do Turismo no Meio Rural da Região. No entanto para que esta se consolide turisticamente é preciso elaborar um cenário completo, não apenas com as inegáveis atrações, mas com infra-estrutura turística e serviços turísticos de qualidade a fim de que o turista visite, seja satisfeito, recomende a visita a outros e retorne muitas outras vezes. Somente desta forma o fluxo turístico se intensificará e proporcionará maior qualidade de vida a todos.

CONCLUSÕES

O turismo vem sendo considerado como a maior atividade em termos de geração de emprego e renda devido à sua propagação por muitas regiões e países fora do eixo de concentração econômica e cultural dos chamados países ricos. O meio rural poderá se beneficiar muito de seu potencial turístico, através da disponibilidade de sua cultura e de seus atributos naturais como o “novo” idealizado por pessoas do meio urbano que buscam contato com a natureza de forma simples e saudável, promovendo o desenvolvimento socioeconômico do meio não urbano.

É de consenso que os cenários promotores de turismo (primeiro subsistema) são abundantes na RQCII, que possui um ambiente natural e cultural caracterizado, fundamentalmente, pelo aspecto da tradição cultural materializada em seu território de características únicas e de modo de produção singular, determinando sua diferenciação em relação aos demais espaços de seu entorno, constituindo-se em uma vantagem competitiva não imitável pelos demais lugares.

Hoje, a reprodução do meio rural muito se vale dos bens intangíveis presentes em seu território, nas zonas culturalmente bem definidas e que ainda preservam suas identidades culturais. Elas podem se valer disso como um artifício para compatibilizar os efeitos nefastos causados pela desvalorização econômica das atividades agrícolas tradicionais, pelas dificuldades de colocação da produção em circulação em mercados competitivos e pela garantia de qualidade e produção exigida no contexto da economia nacional e internacional.

Considera-se importante deixar claro que se defende a importância do Turismo no Meio Rural como um fator que, em termos potenciais, tem a possibilidade de promover o desenvolvimento de territórios rurais em fase de estagnação. No entanto, de forma alguma se reduz ao fato de assumir deliberadamente uma posição advocatícia em relação ao turismo, cometendo a leviandade de dizer que o turismo só tem efeitos positivos e que se traduz na solução para todos os problemas que assolam o meio rural, como assim pensam alguns.

É óbvio que o turismo não representa a solução para todos os problemas do meio rural, inclusive, se mal planejado, pode contribuir para o agravamento destes problemas. No entanto, a experiência da maioria dos projetos de Turismo no Meio Rural em nível nacional e internacional, mais que efeitos inesperados, tem demonstrado ser um instrumento de fundamental importância para a revitalização do tecido socioeconômico rural.

Mediante a atração de consumidores e agregação de valor à produção local o Turismo no Meio Rural desencadeia o efeito multiplicador para as regiões que possuem delimitação

cultural nítida, como é o caso da RQCII, podendo ser fortemente beneficiada, desde que saiba bem estruturar a oferta do que seria um cenário de turismo sem esquecer que deverá apresentar qualidade reconhecida nos serviços e equipamentos turísticos.

A questão da propaganda, no turismo, é de fundamental importância, pois o turista passa a ser atraído por aquilo que lhe permite sair da mesmice, do marasmo, da monotonia cotidiana. Ele busca a fantasia, o belo, os encantos e, nesse sentido, a marca Quarta Colônia está se consolidando cada vez mais. Na atualidade a Quarta Colônia, graças a investimentos em propaganda nos meios de comunicação, vem sendo conhecida em todo o Estado e em nível nacional. Isto já está se convertendo em aumento do fluxo de turistas.

Nesse sentido, é preciso, cada vez mais, buscar canais alternativos de captação de recursos e apostar no turismo como o grande produto da Quarta Colônia na direção da busca de um desenvolvimento ambientalmente mais sustentável e socialmente mais equilibrado. O que se assiste, no presente, é a valorização do passado. Quem tem patrimônio preservado, tem futuro, de maneira que o passado tem grande potencial para gerar um futuro mais pujante.

No passado a RQCII não conheceu um desenvolvimento socioeconômico ao nível de suas três coirmãs antecessoras (colônias de Conde d'Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres). Por um lado, se o baixo nível de desenvolvimento foi ruim ou fraco, por outro, pode-se dizer que contribuiu para a manutenção do patrimônio histórico-cultural, conservando um território com características mais próximas do modelo colonial que lhe deu origem. Sabe-se que muitas regiões que atravessaram elevado índice de desenvolvimento tiveram seus territórios profundamente descaracterizados e alterado o seu patrimônio histórico.

Apesar das transformações pelas quais tem passado a RQCII ao longo de sua história, a paisagem rural ainda reflete a configuração herdada do processo de colonização iniciado no último quartel do século XIX. Nela ainda se pode perceber a existência de um modo de vida (La Blache, 1921) intrínseco à cultura étnica italiana, manifestado principalmente na forma de interação com a natureza, no sistema de produção agrícola de encosta, no artesanato, na convivência comunitária e na religiosidade.

Nesse sentido, se as possibilidades existem em abundância, então é preciso canalizá-las para que se transformem em mecanismos, cuja dinâmica se reverta em benefícios em prol da Região. Deste modo, o que falta é organização, qualificação do que deve ser turístico, pois turismo requer acima de tudo qualidade de seu acervo e serviços. Os turistas, na função de consumidores, são extremamente exigentes e emitem juízos determinantes a respeito da qualidade dos bens que adquirem. Com relação à infra-estrutura turística, o juízo é ainda mais

severo, pois quem deixa sua residência espera, no mínimo, encontrar o conforto contratado e pelo qual pagou.

Desta forma, para que o turismo se desenvolva na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana e se constitua efetivamente em uma alternativa para o seu desenvolvimento, urge a realização de melhorias na infra-estrutura geral, onde se destaca principalmente, a conclusão do asfaltamento das rodovias de acesso a Vale Vêneto e a rodovia 348 (Polêsine-Val de Serra), melhorias das pontes, mais e melhor sinalização, ampliação da cobertura de sinal de telefonia celular e outros meios. Para isto, serão necessários pesados investimentos por parte dos órgãos públicos.

Na infra-estrutura turística propriamente dita (segundo subsistema) torna-se necessária a atração de parceiros, de investidores locais ou externos que acreditem no turismo regional. Entretanto isso só acontecerá após a melhoria da infra-estrutura geral, pois, é preciso oferecer aos empreendedores as condições necessárias para que ocorra o fluxo turístico em níveis que permitam a sustentabilidade dos empreendimentos. Assim, para o turismo se desenvolver em pleno potencial é imprescindível a formação de uma base sólida onde haja a ocorrência de uma sinergia positiva entre a infra-estrutura geral e a turística.

Ademais, é preciso investir pesadamente na qualificação de pessoal e isto não se faz apenas com dinheiro. As pessoas precisam acreditar e querer o turismo. Quando não se acredita que o turismo possa trazer benefícios ao lugar, o poder público poderá ficar investindo recursos a duras custas, que seu esforço será em vão. Para atingir este nível de capital social é preciso haver mudança de entendimento que quebre a estrutura rígida e conservadora que permeia a mente de muitos, criando um sentimento “turisfóbico”.

Por outro lado, obviamente, é preciso entender que o agricultor não é um empreendedor turístico por excelência e, nesse sentido, é preciso incentivá-lo para a adoção de um modelo de agroturismo que “respeite os tempos do agricultor”, pois ele deve ter e continuar tendo, na atividade agrícola, sua principal atividade de vida. Por isso, para que o turismo se desenvolva com sustentabilidade é necessário respeitar as particularidades, pois o turismo deve ser entendido não como um fim mas como um meio, ou seja, como mecanismo economicamente potencializador da atividade agropecuária mediante a agregação de valor.

Nesse sentido é necessário promover um turismo pré-agendado, bem estruturado nas propriedades, para que o agricultor não seja pego de surpresa tendo sua propriedade invadida de surpresa e seus “pés de laranjeira” completamente saqueados, sem que isso se reverta em ganhos para o produtor.

Com relação às demais modalidades turísticas no espaço rural é preciso investir em preservação e restauração patrimonial, em levantamentos de fontes histórico-culturais, empreender um forte trabalho de animação sociocultural. Deve-se investir na auto-estima das pessoas e no resgate das tradições porque o turismo necessita de comunidades culturalmente vivas, com auto-estima valorizada e com modos de vida preservados. O modo de vida dos habitantes locais e ou dos receptivos turísticos, e o seu comportamento, são entendidos como valores capazes de atrair ou de afastar os turistas, ao valorizar ou não o próprio patrimônio social turístico que o núcleo apresenta.

Sendo de consenso o fato de que o território que compreende a RQCII é dotado de grande potencialidade em termos de atrativos para a exploração turística, torna-se necessário analisar o poder público local (terceiro subsistema) que, após muito tempo alheio à causa turística, somente nos últimos anos tem percebido as possibilidades que o turismo pode proporcionar e tem tomado, ainda que timidamente, algumas medidas neste sentido.

Um dos primeiros passos que os municípios integrantes da RQCII têm dado em relação ao desenvolvimento do turismo foi à criação de uma pasta específica para o turismo. Todos os municípios, com exceção de São João do Polêsine possuem uma secretaria de turismo, embora, não exclusiva, sendo conjugada ao desporto, à indústria e ao comércio.

Contudo, esta pesquisa demonstra que a maioria das secretarias muito pouco podem fazer diante dos poucos recursos dos orçamentos municipais que a elas são destinados e do atraso histórico decorrente do entendimento de alguns governantes de que o turismo não é área prioritária para investimento. O Município de Pinhal Grande é um exemplo emblemático desta situação, pois destinou em 2005, apenas 0,23 % do orçamento anual para a pasta do turismo e da cultura, percentual que soma uma quantia de R\$ 21.000,00, considerada irrisória para atender às necessidades para o desenvolvimento desta outra força econômica.

A grande realidade é que os municípios por serem de dimensão reduzida e com economia fortemente calcada no setor agropecuário que está mergulhado em severa crise dispõem de limitações orçamentárias, o que restringe muito o investimento turístico, uma vez que, legalmente, deve ser investido primeiramente nas áreas da educação, saúde e habitação relegando as novas forças propulsoras, como o turismo, em segundo plano.

Diante da limitação dos municípios, um agente público que toma notoriedade na promoção do turismo, dado o montante de recursos aplicados, é o Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia CONDESUS, o qual trabalha o turismo em uma perspectiva de integração dos municípios. Desde que iniciou sua atuação na área turística, em 2003, por ocasião do Projeto de Turismo Integrado da Quarta Colônia, em

parceria com o SEBRAE, a referida instituição já proporcionou a aplicação de R\$ 1.858.411,28 na área do turismo, colocando-se o CONDESUS na condição de principal instituição de apoio local (Terceiro subsistema) dentro do Sistema Promotor do Turismo, SPT.

Com relação às instituições de apoio supralocal, integrantes do quarto subsistema, destaca-se a atuação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, SEBRAE, o qual tem atuação no turismo regional desde 2003 quando se iniciaram as ações da estratégia de intervenção visando diagnosticar as potencialidades e configurar os primeiros cenários turísticos. De lá para cá a estratégia de intervenção no APL turístico teve seu trabalho continuado principalmente com as consultorias técnicas.

A entrada do SEBRAE conferiu um grande salto qualitativo ao turismo regional, proporcionando a visão empresarial e profissional competitiva em nível de empreendimentos, o que é de vital importância para o desenvolvimento do turismo. Sua atuação tem sido reconhecida, tanto pelo poder público quanto pelos empreendedores, como muito positiva.

Diferentemente do que muitos pensam, o SEBRAE não cobra nada pelo serviço prestado, ao contrário, geralmente entra com 70% dos recursos para os projetos, tendo sido responsável, desde que iniciaram seus trabalhos, pela aplicação de R\$ 1.398.824,78, o que o coloca na condição de principal instituição de apoio supralocal (quarto subsistema) dentro do Sistema Promotor do Turismo, SPT.

Como visto, o desenvolvimento do turismo exige a alteração de parte das estruturas enraizadas, ter competência administrativa para enxergar e lidar com a complexidade, a qual, na medida em que for sendo trabalhada, vai abrindo caminhos para a concretização do turismo e de todos os seus benefícios embutidos.

É consenso de que o turismo que vem ocorrendo na RQCII é do tipo turismo rápido, pois ele ocorre devido à atração de eventos religiosos, festas culturais e gastronomia. A pesquisa identificou uma média de permanência de 5,21 horas e o CONDESUS, por sua vez, através de pesquisa própria, identificou que 90% dos turistas que afluem na Região não ficam mais do que quatro horas. Em virtude do pouco tempo de estada torna-se necessário criar mecanismos que prolonguem este tempo para que se reverta em maior benefício.

Com relação à receptividade da população ao turismo, existe, segundo alguns administradores entrevistados, forte resistência por parte da população autóctone em se abrir ao turismo, pois estas pessoas crêem que sua cultura e lugar de vida sejam descaracterizados, vendo os turistas como invasores de sua tranquilidade e privacidade.

Talvez isso se explique pelo fato do descendente de italiano, principalmente do meio rural, ser recatado, fechado e ter receio que este modelo, extremamente economicista

implementado pelo CONDESUS e SEBRAE, venha a descaracterizar sua cultura, seu território de vida, mediante a massificação do fluxo, e promova a exclusão das pessoas. Diante deste fato sugere-se um modelo de turismo que valorize e preserve a cultura regional e que seus benefícios sejam democraticamente distribuídos à população para, assim, fortalecer sua auto-estima na medida em que se sentirá valorizada e ativa ao participar do turismo.

Em termos conceituais pode-se dizer que o Turismo no Meio Rural da RQCII é um turismo de repouso de final de semana, por meio do contato com as amenidades do espaço rural, um turismo de retorno étnico, de participação em festividades religiosas e pagãs, um turismo de visitação a pequenos empreendimentos (agroindústrias e propriedades rurais), um turismo ainda sem muito profissionalismo, em estágio embrionário, mas que pode evoluir na medida em que forem realizados os necessários investimentos em infra-estrutura e capacitação. Entretanto, a rigor, deve-se destacar que parte deste turismo, na realidade é excursionismo ao meio rural, pois nestes casos não ocorre o pernoite.

Considera-se que a totalidade dos objetivos definidos pela presente investigação tenha sido alcançada de forma satisfatória, uma vez que o trabalho pautou-se em pesquisa de campo, a qual reuniu condições ideais para a articulação da base teórica à empírica e, conseqüentemente, para a realização de um trabalho com o intuito de alcançar a cientificidade exigida. Ademais, a aplicação do método sistêmico considerando o modelo Promotor do Turismo em seu todo e introduzindo no método e no modelo a explanação geográfica e seu método de análise que não permanece apenas na descrição das formas, mas penetra no processo de identificação de suas funções e estruturas latentes proporcionaram uma visão global e integrada do turismo regional, seu comportamento e seu desdobramento, analisados em cada uma de suas modalidades que apresenta na Região estudada.

Na mesma medida a técnica de coleta de informações primárias adotada, baseada na articulação entre os roteiros de entrevista abertos e a observação participante em eventos proporcionou a flexibilidade necessária para o alcance da eficiência da coleta dos dados e informações que embasaram o entendimento da pesquisa e, conseqüentemente, auxiliaram para que os objetivos pudessem ser alcançados com maior precisão.

As três modalidades de turismo que se apresentam no meio rural da Quarta Colônia de Imigração Italiana demonstram grande potencialidade na promoção do desenvolvimento com sustentabilidade. O agroturismo oferece possibilidade, aos pequenos produtores, de auferir renda adicional e, conseqüentemente, a possibilidade de manter a propriedade e nela permanecer com sua família, frente à atual crise que permeia o setor agropecuário com conseqüências de esvaziamento do setor.

No agroturismo, o agricultor tem a possibilidade de oferecer sua propriedade como atrativo turístico principal incentivando uma série de atividades, tais como caminhadas em meio à mata, banhos em açudes, cascatas, interação lúdica com os animais e lidas campeiras, proporcionando grande intercâmbio cultural a turistas e população local.

O agroturismo proporciona, além de tudo o que já foi analisado e referido, renda indireta através da comercialização de produtos artesanais e alimentares, geração de empregos diretos e indiretos, propiciando uma alternativa viável para a realidade agrária da RQCII na busca de um desenvolvimento harmônico aliando cultura e meio ambiente.

O turismo ecológico também se apresenta com forte possibilidade de proporcionar o desenvolvimento ambientalmente mais sustentável, uma vez que, nesta modalidade, tem-se condições de promover menor impacto ambiental em relação à agricultura tradicional de encosta. Por muito tempo as encostas da Serra de São Martinho foram desmatadas para ceder espaço à agricultura. Deste modo consideráveis áreas sofreram danos irreversíveis.

Esta modalidade turística desenvolvida com base em caminhada em trilhas ecológicas e passeios de barco contém forte possibilidade de aliar desenvolvimento econômico com menor dano ambiental. Nas várias represas de usinas hidrelétricas e nos rios existentes na Região poderiam se estruturar roteiros de turismo esportivo, tais como canoagem, provas com veículos na água (*jet sky, rafting, ducking*), pesca esportiva e outras tantas modalidades.

O turismo cultural no meio rural também oferece condições de promover o desenvolvimento, pois a cultura proporciona a identidade turística da Região, sendo um dos maiores atrativos. A manifestação da cultura através do modo de vida da população, arquitetura colonial, artesanato, gastronomia e religiosidade proporciona forte substrato ao desenvolvimento do turismo cultural. Contudo, é preciso investir no resgate da História da região, fazer pesquisas sobre fontes históricas orais, inventários do patrimônio material e imaterial, bem como promover, com maior ênfase, mecanismos para a revivificação das tradições coloniais italianas.

O resgate das tradições deve ser promovido, sempre que possível, com fidelidade ao modelo original e não se deve descaracterizar o território fabricando cenários artificiais de um passado irreal para vendê-los como simples mercadorias aos turistas. É preciso estabelecer um relacionamento equilibrado entre cultura e turismo, pois este é uma atividade econômica e, como tal, tende expor a cultura à lógica do capital. Sendo assim, torna-se necessário estabelecer regras de convivência entre ambos, numa perspectiva de rentabilidade econômica e de desenvolvimento social.

A cultura, o passado e o patrimônio não se vendem nem se compram e se se venderem ou comprarem, todo o sentido último subjacente à expressão cultural do povo poderá ser expropriado. Ao invés de configurarem como instrumentos de conservação ambiental e de criação de benefícios sócio-econômicos para a comunidade receptora, estes estabelecimentos, podem contribuir para aumentar o processo de degradação ambiental, gerando desequilíbrios sócio-econômicos e desvalorização cultural.

Somente quando a rentabilidade econômica do turismo cultural for democratizada e se constituir em um real vetor de desenvolvimento social para a população da RQCII, certamente esta se tornará mais receptiva ao turismo. Contudo, é preciso enfatizar que o turismo, feito com planejamento e responsabilidade social, geralmente traz efeitos positivos sobre para a cultura, ao contribuir para sua preservação com fins de atração turística. Nesse sentido, na RQCII, os casarios em estilo colonial poderiam ser mais bem aproveitados se fossem transformados em empreendimentos para a diversificação da oferta turística regional, tais como: osterias, cantinas de venda de produtos coloniais, hospedagens, cafés coloniais e outros, unindo-os em roteiros culturais.

Este é um exemplo concreto de como o turismo poderia contribuir para a preservação da expressão cultural, pois se estas últimas formas remanescentes do período de colonização permanecerem subutilizadas tenderão a serem destruídas pela ação do tempo ou pela insensatez dos seus proprietários, como ocorreu no Distrito de Vale Vêneto, onde cerca de 20 sobrados coloniais foram demolidos para dar lugar a construções novas.

O turismo cultural da RQCII representa um forte potencial para o desenvolvimento sociocultural, pois na área da cultura se encontra a maior riqueza atrativa da Região que, pelas suas características, proporciona permanência mais prolongada em relação aos demais atrativos e um contato mais “íntimo” com a comunidade, ocorrendo viagens menores e suplementares dentro da mesma localidade, com o intuito de aprofundar-se na experiência cultural, de maneira que as possibilidades de desenvolvimento socioeconômico são potencializadas.

A RQCII, historicamente, possuiu um cotidiano que sempre seguiu marcado por uma estrutura tradicional e estritamente agrária. No entanto, o que ocorre com a presença do Turismo no Meio Rural não é uma sinalização que indica o fim das atividades agropecuárias, mas um novo significado das funções do meio rural e do valor do território onde o espaço rural deixa de ser apenas espaço de reprodução de potencialidades produtivas, para ganhar diversidade funcional e sustentabilidade. Entretanto, tratando-se de Turismo no Meio Rural, a

agricultura deve permanecer como alicerce de novas diretrizes de desenvolvimento territorial dos espaços rurais.

A (re) valorização do meio rural reconhece o papel central da atividade agrícola, pois, sem ela, o turismo perderia a sua funcionalidade. Nesse sentido, o que se verificou foi que a característica agrícola da RQCII continua sendo significativa, porém, acrescida de complexas alterações que fazem com que a história e as características do rural sejam (re) valorizadas.

O título deste trabalho se justifica pelo fato desta pesquisa ter encontrado cenários turísticos com forte manifestação e relacionados diretamente ao meio rural, pois se trata de um estudo em Região agrícola onde as atividades rurais exercem significativa presença, portanto é natural a demanda turística ter o meio rural como tema e cenário.

REFERÊNCIAS

- ALVES, H.F.I. **Turismo e desenvolvimento: A dimensão cultural**. 2004. 206f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.
- ANCARANI, U. Monographia sobre a origem da ex-colônia de Silveira Martins, 1877 – 1914. In: SANTIN, S; ISAIA, A. **Silveira Martins: patrimônio Histórico-cultural**. Porto Alegre: EST, 1990 p.64-88.
- ANDRADE, J.V. de. **Turismo: Fundamentos e dimensões**. 3.ed. São Paulo: Atica, 1997.
- BARBOSA, M. A. C.; ZAMBONI, R. A. **Formação de um Cluster em Torno do Turismo de Natureza Sustentável em Bonito – MS**. Brasília: IPEA, 2000 (Texto para discussão).
- BARRIOS, S. A produção do espaço. In: SOUZA, M. A. de; SANTOS, M. (Orgs). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986 p. 1-24 (Coleção espaços).
- BELINASSO, S. T. **Ivorá, cem anos de História: 1883 - 1983**. Santa Maria, Palotti: 1984.
- BENI, M.C. **Análise estrutural do turismo**. 10.ed. atual. São Paulo: SENAC, 2004.
- BOULLÓN, R. C. **Planificación del espacio turístico**. 3. ed. México: Trillas, 1997.
- BRAMBATTI, L.E. Roteiros de turismo e patrimônio histórico. In: III CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. 2002, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002. p. 15-20.
- BRENA, D.A; LONGHI, S.J. Inventário Florestal. In: ITAQUI, J. (org) **Quarta Colônia: Inventários técnicos, flora e fauna**. Santa Maria, CONDESUS/Quarta Colônia, 2002. p.33-136.
- CALS, J; CAPELÀ, J; VAQUÉ, E. **El turismo em el desarrollo rural em España**. Madri: Ministério da agricultura, 1995 (impresso).
- CAMARGO, C.P.F de. Família e religião na sociedade rural em mudança : SZMRECSÁNYI, T; QUEDA, O (orgs). **Vida Rural e Mudança Social**. 3.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. p.177-189.
- CAMINHADAS de tirar o fôlego em Silveira Martins, **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 15 set.2006. Caderno Quarta Colônia, n.p.
- CAMPANHOLA, C.; SILVA, J.G da. O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: ALMEIDA, J. A; RIEDL, M. (Orgs) **Turismo rural: ecologia lazer e desenvolvimento**. São Paulo: Edusc, 2000. p. 145-179.
- CAVACO, C. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A.B. (Org) **Turismo e Geografia – Reflexões teóricas e enfoques regionais**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p.94-121.

CHELOTTI, M.C. Algumas reflexões sobre o desenvolvimento do turismo rural no município de Cáceres – MT. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. 2004, Gramado, **Anais....**Gramado: UFRGS, 2004. 1CD-ROM.

CONTAGEM regressiva para o XXI Festival de Inverno. **Cidades do Vale**. Faxinal do Soturno, 21 Jul.2006. p.10.

CLAVAL, P. **Espaço e poder**.Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

CONDESUS. **Relatório de atividades 2004**. Faxinal do Soturno, 2005 (impresso).

CONDESUS, **Planejamento ambiental da Quarta Colônia**. Relatório de atividades. Faxinal do Soturno, 2006 (impresso).

DE BONI, L.A; COSTA, R. **Far la Merica**: A presença italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Riocell, 1991.

DIEGUES JÚNIOR, M. Populações Rurais Brasileiras. In: SZMRECSÁNYI, T; QUEDA, O (orgs.). **Vida Rural e Mudança Social**. 3.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. p.121-131.

DIEGUES JÚNIOR, M. **Imigração, urbanização e industrialização**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. 1964.

EHLERS, E. M. Turismo e conservação ambiental. In: TRIGO, L.G.G. (editor) **Análises globais e regionais do turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005. p. 495-504.

ELESBÃO, I. A revalorização do rural e sua atração sobre os cidadãos. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 2006, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 2006 p.675-683.

EMBRATUR/IBAMA, **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**. Brasília DF: Ministério da indústria, comércio e do turismo e ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, 1994.

FEE - FUNDAÇÃO ESTADUAL DE ECONOMIA. **Resumo Estatístico RS - Municípios**. Disponível em:http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio. Acesso em: 10 out.2007.

FEPAM - FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL. **Zoneamento ecológico-econômico da Região da Quarta Colônia Italiana-RS**: relatório das oficinas. Porto Alegre, 2002.

FERNANDES, V.R; NASCIMENTO, R. A. (coord) **Projeto turismo na Quarta Colônia**: trilha do Pororó – Pinhal Grande, RS. SEBRAE, Ficha Técnica. [S.l] [S.d] (impresso).

FONSECA, M.T; FERRETTI,P.E.Z; BORGES, A.M.de B. Comida local: o tronco de ligação entre as raízes identitárias, o convívio e o desenvolvimento local. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.2006, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 2006, p. 619-626.

FROEHLICH, J. M. **Rural e Natureza**: A construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul. 2002. 201 f. Tese (Doutorado em desenvolvimento, agricultura e sociedade) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FROEHLICH, J. M. Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento. In: ALMEIDA, J.A; RIEDL, M. (Orgs). **Turismo rural**: Ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: Edusc, 2000. p. 181-198.

FROEHLICH, J.M. **Sexualidade, subjetivação e poder**: o discurso de liberação “liberação dos costumes” em Vila Block, RS. 1994. 251f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

GIGLIOLA, C. **Quadro do Filó**. S.d. 1 original de arte, óleo sobre tela 30x20 cm. Acervo CPG/Nova Palma.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRON, L. S. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, J.H *et al.* (Orgs) **RS: Imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1980.p. 47- 66.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**: a rede gaúcha no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

HISSA C. E V; OLIVEIRA J. R. de. O trabalho de campo: reflexões sobre a tradição geográfica. In: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2004, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2004.1CD-ROM.

HOBSBAWN, E. A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, E; RANGER, T. (orgs) **A invenção das tradições**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997. p. 9-23.

HRDLICKA, H, *et al*, Panorama do turismo náutico de lazer. In: TRIGO, L.G.G. (editor) **Analises globais e regionais do turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005. p. 365-382.

IRGA - INSTITUTO RIO-GRANDENSE DO ARROZ - **Dados de safra**. Porto Alegre (2004) Disponível em: <http://www.irga.rs.gov.br/arquivos>. Acesso em 15 Out. 2005.

ISTOÉ, **O bom risotto**: o sucesso da receita italiana começa pela escolha da panela ideal, qual é a sua? São Paulo: 07 mar. 2007.p.70.

JORGE, R. Projetos de construção e de valorização de territórios rurais. In: II ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA: AGRICULTURA, DESENVOLVIMENTO REGIONAL E TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS. 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2006. 1CD-ROM.

KURTZ, R. **Vale Vêneto**: um pedaço da Itália no Brasil. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. S.d.

LA BLACHE, P. V. De. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Edições Cosmos, 1921. (Tradução de Fernandes Martins)

LAGE, B.H.G.; MILONE, P.C. Impactos socioeconômicos globais do turismo. In: LAGE, B.H.G.; MILONE, P.C. (Orgs) **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000, p.117-131.

LEADER. **O Desenvolvimento local em meio rural face ao desafio da sustentabilidade** – Os ensinamentos de 10 anos de iniciativa Comunitária Leader em Portugal. Lisboa: Cédula de Animação Rede Portuguesa Leader II, 2002.

LORENZONI, J. **Memórias de um imigrante italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MANFROI, O. Italianos no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L.A. (org) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.169 –186.

MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Instituto estadual do livro, 1975.

MARTÍNEZ, A.J.J. Aproximação à conceituação do turismo a partir da Teoria Geral de Sistemas. In: TRIGO, L.G.G. (editor) **Análises globais e regionais do turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005. p. 109-147.

MASSA, G. La vita degli italiani nel Rio Grande do Sul. In: Instituto Ítalo-Latino Americano. **Contributo alla Storia della presenza Italiana in Brasile** – In occasione del primo centenario dell'emigrazione agricola italiana nel Rio Grande do Sul, 1875-1975. Roma: Instituto Italo-Latino Americano, 1975, p. 23-41.

MATTEI, L. Turismo rural e ocupações rurais não agrícolas: O caso de Santa Catarina. In: CAMPANHOLA, C.; SILVA, J.G. da. **O novo rural Brasileiro**: Novas atividades rurais. Vol 6. Brasília DF: Embrapa meio ambiente, 2004. p.183-218.

MAZUEL, L. Patrimônio cultural e turismo rural: o exemplo francês. In: ALMEIDA, J.A; RIEDL, M.(Orgs) **Turismo rural: ecologia lazer e desenvolvimento**. São Paulo: Edusc, 2000. p.95-115.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Programa de turismo rural na agricultura familiar**: Disponível em: <http://www.mda.gov.br>. Acesso em: Mar. 2006

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo sustentável e alívio da pobreza no Brasil**: reflexões e perspectivas. Brasília DF, 2005. Disponível em: <http://institucional.turismo.gov.br/mintur/br/ministerio/documentos/normas.cfm>. Acesso em: 12 out.2006.

_____. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil**. Brasília DF, 2003. Disponível em: <http://institucional.turismo.gov.br/mintur/br/ministerio/acoes> 2003. Acesso em: 12 out.2006 (a).

_____. **Cartilha segmentação do turismo**. Brasília DF, 2003. Disponível em: <http://institucional.turismo.gov.br/mintur/br/ministerio/acoes>. Acesso em: 12 out.2006 (b).

MÚSICA e Italianos unidos no Vale. **A Razão**, Santa Maria, 24 Jul. 2006. Caderno segundo a razão. p.1.

PADRE Pio em poucas palavras. Disponível em: <http://www.saopio.com.br>. Acesso em 20 nov. 2007.

PAGANI, M.I. *et al.* As trilhas interpretativas da natureza e o ecoturismo. In: LEMOS, A.I.G de (Org) **Turismo** – Impactos socioambientais. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 151-163.

PELEGRINI FILHO, A. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas SP: Papirus, 1997 (Coleção turismo).

PEREIRA, P.R.B. *et al.* **Contribuição à geografia física do município de Santa Maria: compartimentação geomorfológica**. 1985. 77f. Trabalho de Graduação II (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1985.

PERIPOLLI, E. Homenagem ao “Monte Grapa” símbolo de união entre a terra Ivorense e a Terra Italiana. In: BELINASSO, S.T. **Ivorá, cem anos de História: 1883 – 1983**. Santa Maria, Palotti, 1984. p. 201.

PIRES, P.dos. A paisagem rural como recurso turístico. In: RODRIGUES, A.B (org) **Turismo rural** - práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001, p.15-24.

PORTUGUEZ, A.P. Turismo rural. In: TRIGO, L.G.G. (editor) **Análises globais e regionais do turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005. p. 577-586.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PALMA. **Histórico**. Nova Palma, 2005.

REJOWSKY, M. **Turismo e pesquisa científica**. Campinas SP: Papirus, 1998. (Coleção turismo)

RIO GRANDE DO SUL, **Fichas para identificação do produto turístico** – São João do Polêsine RS. Porto Alegre: Secretaria de Estado do Turismo, 2000.

RODRIGUES, A. B. Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: ALMEIDA, J. A; RIEDL, M. (Orgs) **Turismo rural: ecologia lazer e desenvolvimento**. São Paulo: Edusc, 2000. p. 51- 68 (a).

RODRIGUES, A.B. Turismo eco-rural: interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural. In: ALMEIDA, J.A; FROEHLICH, J.M; RIEDL, M. **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas SP: Papirus, 2000, p. 63-74 (b).

ROQUE, A.M. **Turismo no espaço rural: um estudo multicaso nas regiões sul e sudoeste de Minas Gerais – MG**. 2001.115f. Dissertação (Mestrado em administração rural – Desenvolvimento rural) –Universidade federal de Lavras, Lavras MG, 2001.

ROSENDHAL, Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

ROSSATO, A. **Mapa turístico de Pinhal Grande, RS**: Adaptado aos aspectos cognitivos dos alunos da 3(a) série do ensino fundamental. 2001. 106f. Trabalho de Graduação A (Graduação em Geografia) –Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

ROSSINI, R. E. A produção do novo espaço rural: pressupostos gerais para a compreensão dos conflitos sociais no campo. In: SOUZA, M. A. de; SANTOS, M. (Orgs). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 97-117.

ROTA Gastronômica é lançada no IV salão gaúcho de Turismo, **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 04 ago 2006. Caderno Quarta Colônia, n.p.

SACHS, I. **Desenvolvimento**: incluyente, sustentável e sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTIN, S. A dimensão social do trabalho e da propriedade do imigrante italiano na ex-colônia de Silveira Martins. In: DE BONI, L.A. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 447-461 (a).

SANTIN, S. Os Imigrantes Italianos na serra de São Martinho. In: DE BONI, L.A. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.251–257 (b).

SANTIN, S. e ISAIA, A. **Silveira Martins**: patrimônio histórico-cultural. Porto Alegre: EST, 1990.

SANTIN, S. **A imigração esquecida**. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

SANTOS, C. O conceito de extenso (ou a construção ideológica do espaço geográfico). In: SOUZA, M. A. de; SANTOS, M. (Orgs). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 25-31.

SANTOS, J.V.T dos. Cantineiros e colonos: A indústria do vinho no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J.H *et al.* (Orgs) **RS: Imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1980.p.135-155.

SARTORI, M.G.B. **O clima de Santa Maria, RS**: do regional ao urbano. 1979.163f. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) Universidade de São Paulo. São Paulo, 1979.

SESCOOP. **Viabilidade e sustentabilidade do turismo rural**. Brasília, 2002. Disponível em: [http:// www.sescoop.org.br](http://www.sescoop.org.br). Acesso em: 14 jul. 2006.

SILVA, J. G da. **O novo rural brasileiro**. Campinas: Instituto de Economia/ Unicamp, 1999.

SILVA, J. G da; VILARINHO, C; DALE, P. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J.A; FROEHLICH, J.M; RIEDL, M. (Orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1998. p.15-62.

SIMIELLI, M.E. **Geoatlas**. 31.ed. São Paulo: Atica, 2002. 1 atlas. Escalas variam.

SOLDATELLI, M. Impactos ambientais negativos no contexto do turismo de natureza. In: TRIGO, L.G.G. (editor) **Análises globais e regionais do turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005. p. 517-535.

SPONCHIADO, B. A. **Imigração & 4a Colônia**: Nova Palma & Pe. Luizinho. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 1996.

TONINI, C.C; LUNARDI, R. Turismo rural: um apelo para a qualidade de vida nas propriedades rurais do Rio grande do Sul. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 2006, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 2006 p.619-626.

TRIVINÕS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

TURISTAS aprovam programa de trekking, **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 29 set.2006. Caderno Quarta Colônia, n.p.

VEIGA, J.E. **Destinos da ruralidade no processo de globalização**. (2004) Disponível em: <http://www.econ.fea.usp.br/zeeli>. Acesso em: 10 abr. 2005.

VILLAGRÁN, M.A. **Educação e cultura**: o projeto regional de educação patrimonial da Quarta Colônia. 2000. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2000.

ZANINI, M.C.C. **Italianidade no Brasil meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. 2002.330f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ANEXOS

ANEXO A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA - SECRETARIAS MUNICIPAIS DE TURISMO

- 1 - Quais são as políticas atuais para o turismo no município e quais são os planos, estratégias e ações executadas e em execução?
- 2 - Dentro do programa de turismo do governo federal e estadual no que o município se inseriu e o que foi realizado? E o que não foi? Qual o fator limitante?
- 3 - Como o município se insere dentro do projeto de turismo integrado da Quarta Colônia? Qual tem sido a atuação do CONDEUS e do SEBRAE?
- 4 - Quais as políticas e ações específicas desta secretaria em relação ao Turismo no Meio Rural?
- 5 - Qual o entendimento com relação ao desenvolvimento do Turismo no Meio Rural no município?
- 6 - O Turismo poderia ser uma alternativa de desenvolvimento para o meio rural?
- 7 - Qual a infra-estrutura disponível ao turismo presente na sede do município? (restaurantes, hotéis) e no espaço rural? Considera suficiente?
- 8 - Quantos atrativos turísticos oficiais o município possui? Distribuídos em que modalidades?
- 9 - Na sua opinião qual a identidade turística do município?

ANEXO B

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO
ROTEIRO PARA ENTREVISTA - CONDESUS**

- 1 – Como se originou o CONDESUS e qual sua política de ação?
- 2 - Quais as principais ações já realizadas até o momento no sentido da promoção do turismo?
- 3 – Considera que o turismo pode vir a se constituir num elemento promotor do desenvolvimento socioeconômico na região da Quarta Colônia?
- 4 - Como conceituaria o Turismo no Meio Rural na região da Quarta Colônia?
- 5 – Em que estágio está a execução das propostas, em relação ao turismo, contidas no projeto de turismo integrado da Quarta Colônia?
- 6 – Quais setores produtivos e quantos empreendimentos compõe atualmente o APL turístico da Quarta Colônia?
- 7 - Qual o papel do SEBRAE, para o desenvolvimento do APL Turístico? Quanto cobra pelo serviço?
- 8 - Além do SEBRAE existem outras instituições diretamente envolvidas no projeto de turismo? (Universidades, ONG's, instituições estaduais, nacionais etc), quais são elas.
- 9 - Com quantos roteiros turísticos a região conta atualmente? Distribuição por modalidade e município?
- 10 - Em termos de melhorias na infra-estrutura para o turismo, o que a entidade já fez e o que pretende fazer?
- 11- Como a entidade enxerga a situação atual do turismo na Quarta Colônia e qual a tendência para o futuro?

ANEXO C

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO
ROTEIRO DE ENTREVISTA - ARTESANATO**

- 1 - Onde são produzidas as peças de artesanato comercializadas? Na região da Quarta Colônia ou vem de fora?
- 2 - Quantas peças estão colocadas à venda? São produzidas com que materiais?
- 3 - As peças possuem identidade com a cultura local?
- 4 - O que os turistas buscam ao comprar uma peça de artesanato? (Representatividade cultural, lembrança do lugar visitado)?
- 5 - De onde provem os consumidores dos produtos?
- 6 - O número de vendas se mantém uniforme o ano todo ou sofre alguma alteração em função de períodos de ocorrência de eventos?
- 7 - Qual relação você estabelece entre artesanato e turismo?

ANEXO D

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA – INFRA-ESTRUTURA – POUSADAS

- 1 – O empreendimento funciona desde quando?
- 2 - Qual a infra-estrutura disponível na pousada?
- 3 – Qual a capacidade de hospedagem?
- 4– Disponibiliza produtos locais para comercialização junto aos hospedes?
- 5 – Qual a quantidade de turistas que o empreendimento recebe em media por mês e de onde provem?
- 6 – A demanda pela pousada é continua o ano todo, ou geralmente aumenta quando da realização de eventos?
- 7- Qual o tempo médio de permanência dos hospedes/turistas no estabelecimento?
- 8 – Quais os preços praticados?
- 9 – Recebeu assessoria profissional para a implantação do empreendimento? Em caso positivo, de qual órgão?
- 10 – Qual tem sido o papel desempenhado pelo CONDEUS e SEBRAE, para a viabilização do empreendimento?
- 11 – Como é divulgado o empreendimento?
- 12 – Contrata empregados? Caso positivo, quantos?
- 13 – Qual a maior limitação com relação ao desenvolvimento do turismo na região?

ANEXO E

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO**

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS – EMPREENDEDORES DE AGROTURISMO

- 1 – Qual a origem da propriedade?
- 2 – Quais atividades econômicas são desenvolvidas na propriedade? (culturas significativas, processo econômico)
- 3 - O que o levou a implantar o turismo na propriedade?
- 4 - Houve planejamento? (Acessoria profissional para a implantação)
- 5 - Qual foi a maior dificuldade na implantação?
- 6 - Qual o valor que a nova atividade agregou à propriedade?
- 7 - Como é divulgado o empreendimento?
- 8 - A propriedade fica em atividade turística o ano todo? Como é o processo Interativo, contemplativo? Quais são os preços praticados?
- 9 - Quais os produtos disponíveis para uso turístico?
- 10 - Contrata empregados?
- 11 - Qual a importância de um circuito turístico? Outras propriedades trabalhando ajudam ou a concorrência é ruim?
- 12 – De onde provem os turistas? Que curiosidades têm em relação ao lugar?
- 13 – Quais os aspectos positivos e negativos em relação a esta atividade?

ANEXO F

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA - CONDUTORES DE TRILHA ECOLÓGICA

- 1 - Qual o número de trilhas existentes, extensão, grau de dificuldade e tempo de duração do percurso?
- 2 - Qual o destino dos resíduos, equipamentos e objetos que devem ou não ser levados pelos turistas?
- 3 - Há preocupação com a preservação do meio ambiente? De que forma?
- 4 - Qual a capacidade de carga das trilhas?
- 5 - Em média quantos turistas você recebe por mês e qual a proveniência?
- 6 - O que o turista busca ao percorrer uma trilha?
- 7 - Quais os preços praticados?
- 8 - As trilhas passam em quantas propriedades, a maior parte passa em mata ou em área aberta?
- 9 - Qual é o papel de um condutor de trilha? Qual a formação exigida?
- 10 - Como se dá a divulgação das trilhas?
- 11 - Qual o papel do CONDESUS e do SEBRAE?
- 12 - Quais os pontos positivos do Turismo ecológico para o desenvolvimento local? E os negativos? O que precisa ser melhorado?
- 13 - Como é a receptividade da população local com relação aos turistas? Considera que há boa receptividade ou há resistência, desconfiança?

ANEXO G

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO
ROTEIRO DE ENTREVISTA – AGENCIA DE TURISMO**

- 1 – Qual o contingente de turistas que contratam o serviço da agência anualmente.
- 2 – Qual o período de maior demanda para o turismo receptivo da Região.
- 3 – Quais cenários turísticos da RQCII a agência comercializa e quais os valores.
- 4 - De onde provêm os turistas?
- 5 - Qual a perspectiva para o futuro em relação ao Turismo no Meio Rural da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana?

ANEXO H

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA – CENÁRIOS RELIGIOSOS

- 1 – Como surgiu a idéia de construção deste cenário turístico e quando foi construído?
- 2 – Qual o santo de devoção deste cenário?
- 3 – Qual a importância deste cenário para o turismo religioso da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana?
- 4 – Quais as principais características da visita a este cenário (numero de pessoas, proveniência, períodos de maior procura)
- 5 – Qual a infra-estrutura disponível e quais são as principais instituições de apoio?

ANEXO I

**CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO**

FORMULÁRIO PARA AVALIAÇÃO DA DEMANDA TURÍSTICA⁹⁶

Local da entrevista _____ data ---/---/---/

1 - CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO FLUXO

1.1 - Sexo?

Masculino

Feminino

1.2 - Faixa etária?

menos de 20 anos 20 a 25 anos 25 a 30 anos 30 a 35 anos

35 a 40 anos 40 a 45 anos 45 a 50 anos 50 a 55 anos

55 a 60 anos 60 a 65 anos 65 a 70 anos mais 70 anos

1.3 - Qual a sua profissão? _____

1.4 - Qual a sua renda mensal?

Abaixo de 2 SM⁹⁷ (até R\$ 700,00)⁹⁸

2 a 4 SM (700,00 – 1400,00)

4 a 6 SM (1400,00 – 2100,00)

6 a 8 SM (2100,00 – 2800,00)

8 a 10 SM (2800,00 – 3500,00)

10 a 12 SM (3500,00 – 4200,00)

12 a 14 SM (4200,00 – 4900,00)

Mais de 14 SM (Mais de 4900,00)

⁹⁶ Fonte: Beni, 2004. Adaptação: Oni Nardi, 2007.

⁹⁷ Salário Mínimo.

⁹⁸ Valor do salário mínimo vigente em abril de 2007.

2 - ÁREA DE CAPTAÇÃO DA DEMANDA

2.1 - Onde é situada a sua residência permanente?

Cidade: _____

Estado: _____

3 - AGRUPAMENTO DA VIAGEM

3.1 - Com quem viaja?

Sozinho

Em grupo, quantas pessoas, incluindo você? _____

Em família, quantas pessoas, incluindo você? _____

4 - MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO NA VIAGEM

4.1 - Qual o meio de transporte utilizado em seu deslocamento até este cenário?

Automóvel

Ônibus ou Microônibus

Vans ou lotações

Outros (especifique): _____

5 - TEMPO DE PERMANÊNCIA NO CENÁRIO

5 – Quanto tempo pretende permanecer neste cenário? (Quinta Dom Inácio)

Horas → **8.1** quantas? 1 a 2 3 a 5 6 a 8 9 a 11

Dias → **8.2** quantos? 1 a 2 3 a 4 5 a 6 mais de 6

6 – FREQUÊNCIA DA VISITA

6.1 - É a primeira vez que vem a este cenário turístico?

Sim

Não **14.1-** Quantas vezes já veio, incluindo esta? entre 2 e 4 entre 5 a 7

entre 8 a 10 mais de 10 vezes

6.2 - Costuma visitar outros cenários turísticos (atrativos) na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana?

Não

Sim, quais, com que frequência? _____

6.3 - Pretende retornar a visitar outras vezes este cenário?

Não

Sim

Talvez

7 - SOLICITAÇÃO DE EQUIPAMENTOS RECEPTIVOS**7.1 - A viagem foi intermediada por agência de turismo?**

Não

Sim, Qual _____

7.2 - Costuma utilizar meio de hospedagem?

Não

Sim → **10.1- qual?** Casa própria Casa de amigos ou parentes

Casa de aluguel Hotel Pousada

Outros (especifique): _____

8 - MOTIVAÇÃO DA VISITA**8.1 – Qual a PRINCIPAL atração que fez você vir até este cenário (Quinta Dom Inácio)**

Cultura e história local

Contato com a natureza

Beleza cênica, paisagens

Gastronomia

Hospitalidade

Sossego, tranquilidade

Outros (especifique): _____

9 - VEICULAÇÃO DA OFERTA TURÍSTICA

9.1 – Qual o veículo de propaganda que o influenciou na decisão de visitar este cenário turístico?

Folhetos, folders, cartazes, etc

Rádio

Jornais

Internet

Amigos ou parentes

Outros (especifique): _____

10 – COMPORTAMENTO DE GASTOS DO TURISTA

10.1 - Qual sua previsão de gasto total neste cenário?

menos de R\$ 10,00 R\$ 10,00 a 20,00 R\$ 21,00 a 30,00

R\$ 31,00 a 40,00 R\$ 41,00 a 50,00 R\$ 51,00 a 60,00

R\$ 61,00 a 70,00 R\$ 71,00 a 80,00 R\$ 81,00 a 90,00

R\$ 91,00 100,00 Mais de 100,00

11 - NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM O CENÁRIO TURÍSTICO

11.1 - Tem alguma reclamação com relação ao atrativo?

Não

Sim, qual? _____

11.2 - Tem alguma sugestão para melhorar o atrativo?

Não

Sim, qual? _____

12 - CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA RQCII






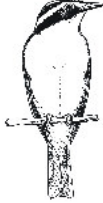





12.1 – Acredita que a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana tem condições de se consolidar como um promissor cenário turístico?

[] Não, porquê? _____

[] Sim, porquê? _____

ANEXO J

Elementos da Biodiversidade Fauno-florística presente no cenário natural da Trilha do Pororó.

<p>Corocochó (<i>Calpornis cuculatus</i>) Nas matas das zonas de colonização alemã, é conhecido também como "otto louco". Habita regiões densamente florestadas, vivendo sempre no meio das grandes árvores. Frequente no alto das serras próximas ao Atlântico.</p> 	<p>Canário-da-terra (<i>Sicalis flaveola</i>) Vive nos campos e campos de cultura. Corre no chão à procura de sementes e empoleira-se para cantar. Faz o ninho em buracos, numa caveira de boi ou numa fresta de telhado, construindo aí uma cestinha muito cômoda, que usa para chocar até três vezes seguidas. Frequentemente, cobre-se de terra, daí seu nome.</p> 	<p>João de barro (<i>Furnarius rufus</i>) É abundante em quase todos os ambientes, alterados ou não, com ou sem a presença humana. Ao contrário de outras espécies dependentes da mata, a expansão da área agrícola e do desmatamento ampliou sua distribuição. Qualquer lugar que ofereça apoio é eleito pelo João-de-barro para fazer seu ninho.</p> 
<p>Juriti pu-pu (<i>Leptotila verreauxi</i>) É uma pomba de tamanho médio, de plumagem marrom e peito claro. O som de seu canto originou seu nome: pu-pu. Como os outros membros deste grupo, também alimenta os filhotes com "leite de pomba", uma secreção do papo, parecida com leite.</p> 	<p>Tucano-de-bico-verde (<i>Ramphastos dicolorus</i>) Habita ambientes alterados, capoeiras, áreas desmatadas com árvores esparsas, arredores de ambientes urbanos onde visita, às vezes, o território ocupado pelas garças. Atualmente, é mais comum em locais com vegetação arbórea e em matas semelhantes às da região atlântica.</p> 	<p>Bem-te-vi (<i>Pitangus sulphuratus</i>) É muito abundante nas bordas de mata, capoeiras, áreas agrícolas, nos campos e nas cidades. Urbanizou-se e convive com qualquer ambiente modificado pelo Homem.</p> 
<p>Rabo-de-gato (<i>Rhipsalis baccifera</i>) Esta planta pertence ao grupo dos cactos. No final dos ramos pendurados existem botões rosados ou brancos, que são as futuras flores. A presença destas plantas indica boa qualidade ambiental, ou seja, é <u>bioindicadora</u>.</p> 	<p>Cabreúva (<i>Myrcarpus frondosus</i>) Grande árvore de até 35m de altura, tronco reto de casca cinza clara, que se fende no sentido do comprimento e que tem cheiro agradável. É pioneira na vegetação secundária e devido ao seu tamanho sobressai no conjunto da mata. Suas flores atraem as abelhas (são melíferas). É uma árvore aconselhada para a regeneração de áreas degradadas.</p> 	<p>Camboim (<i>Myrciaria</i> sp.) Um sem número de diferentes camboins habitam nossas matas. Os mais comuns, aqueles de tronco liso bege-avermelhado, que se desprendem em lâminas finas, ramificados desde a base, são osmais frequente na região. Seus frutos, suculentos e adocicados, são muito importantes para a sobrevivência dasaves. As flores são brancas e os frutos são roxos.</p> 
<p>Cedro (<i>Cedrela fissilis</i>) Árvore de mais ou menos 30 metros de altura, típica do sul do Brasil e das submatas dos pinhais. Uma árvore isolada pode produzir mais de 1500 frutos, os quais podem conter mais de 60000 sementes férteis. O tronco é longo, reto, a casca pardo-acinzentada com fendas profundas e alongadas. A folhagem é abundante e densa na primavera e no verão.</p> 	<p>Jerivá (<i>Syagrus romanzoffiana</i>) Árvore altamente decorativa, tem caule simples de 8 a 15m de altura, tronco com 35 a 50cm de diâmetro. Resiste ao transplante e à geada, razão de ter se tornado a árvore mais popular na arborização de ruas e avenidas. As folhas podem ter de 2,5 até 4m de comprimento.</p> 	<p>Samambaiçu (<i>Cyathea</i> sp.) É uma samambaia com folhas de 2m a 3m de comprimento e caule maior ainda e que, por isso, é considerada arborecente. Vive próximo a córregos, em matas sombrias e úmidas. É protegida por lei, sendo proibido o seu corte.</p> 